Impeachment do Homem
Savitri Devi

Impeachment do Homem
Savitri Devi

Editado por: OmegaIXalphA

Índice

Para ZOBEIDA KHATUN

Uma pobre mendiga que ainda assim salvou muitos animais angustiados e os alimentou, dia após dia, durante anos.

* * *

"Um capítulo extenso de nossa palestra foi dedicado pelo Führer à questão do vegetarianismo. Ele acredita mais do que nunca que comer carne é errado. Claro que ele sabe que durante a guerra não podemos perturbar completamente o nosso sistema alimentar. Depois da guerra, no entanto, ele pretende resolver também este problema. Talvez ele esteja certo. Certamente os argumentos que ele apresenta em favor do seu ponto de vista são muito atraentes."

— Dr. J. Goebbels
Goebbels' Diaries
(entrada, de 26 de Abril, 1942),
publicado em 1948.

"Amarás a Deus em todos os seres vivos, animais e plantas."

— Alfred Rosenberg
(Instruções discutidas no
Julgamento de Nuremberg 1945-46,
e citado por Maurice Bardèche em
seu livro Nuremberg II ou
Les Faux Monnayeurs, p. 88).

Aristocracia Animal

Prefácio

Este livro – só agora impresso pela primeira vez – foi escrito em 1945-46, ou seja, há 14 anos. Expressa as opiniões que tive durante toda minha vida em relação aos animais em particular e à natureza viva em geral, e não menos, meu protesto ao longo da vida contra a sua exploração implacável pelo homem: uma atitude enraizada, em ambos os casos, numa perspectiva preeminentemente *estética* e *centrada na vida*, no mundo, em completa oposição àquela utilitarista e centrada no homem, que é aceito em quase todos os lugares. Foi inspirado nos acontecimentos e atmosfera geral dos meses atrozes durante os quais foi escrito, nomeadamente, dos meses imediatamente seguintes à Segunda Guerra Mundial; do período durante o qual, mesmo que alguém se recusasse deliberadamente — como *eu fiz* — a abrir qualquer jornal ou revista, ou para ouvir qualquer propaganda no rádio, não podia deixar de ouvir, para onde quer que se voltasse, histórias apresentadas de forma mais ou menos inteligente de "crimes contra a humanidade" alegadamente cometidos, por vezes, reconhecidamente, por ou pela ordem dos chamados "criminosos de guerra" japoneses, mas principalmente - praticamente sempre - pelos chamados alemães.

Todo esforço foi exercido, toda habilidade, toda capacidade de imaginação mobilizados, para tornar essas histórias tão horripilantes quanto possível - quanto mais horrível, melhor! - para chocar as "pessoas decentes" de todos os países "civilizados" e para "adiá-los" ao nacional-socialismo e similares (se como poderia haver!) para sempre, e até mesmo para impressionar homens e mulheres como poderiam ter (e talvez o tenham feito com frequência) se auto denominarem nacional-socialistas até 1945 sem estar ciente de todas as implicações desse título, e para "reeducá-los" – para o bem de suas almas e de seus semelhantes.

Essas histórias, destinadas a destruir o mundo, não conseguiram, no entanto, me impressionar– pelo menos no sentido que os "reeducadores" desejavam. Eles não conseguiram mudar minha atitude em relação ao nacional-socialismo, primeiro porque nunca fui uma "pessoa decente" e depois, também, porque não fui uma ovelha, e sabia exatamente - sempre soube - o que defendo e o que quero. Eles nem sequer conseguiram parecer "horripilantes" para mim. Na verdade, eu também já sabia muitas das atrocidades da Antiguidade - desde as dos chineses até as dos assírios e

cartagineses, para não falar dos judeus, então magistralmente evocado na Bíblia Sagrada[1] - para não encontrar os alegados "crimes contra a humanidade" alemães desajeitados, desesperadamente amadores, em comparação, mesmo que os vários relatos sobre eles fossem todos verdadeiros. E além disso, eu tinha ouvido ou visto muitas formas de exploração de animais pelo homem - desde as brutalidades diárias que testemunhamos nas ruas de Sul da Europa, para não falar do Oriente, aos feitos terríveis perpetrado no sigilo das câmaras de vivissecção, mas totalmente descrito em certas publicações científicas - não se sentir mais do que indiferente ao destino de seres humanos, salvo nos raros casos em que estes são meus próprios irmãos em fé.

Mas as histórias — e toda a atmosfera dos dias da "reeducação" — definitivamente *teriam* "me afastado" de toda religião, toda filosofia centrada em torno de um senso inflado de "dignidade humana" e do "valor de muitos como tal", se eu já não tivesse, anos e anos antes, pesado esses dois conceitos e os achei decididamente deficientes.

A única coisa que a propaganda fez – em vez de despertar em mim a menor indignação contra os supostos "criminosos de guerra" - era despertar meu ódio contra a hipocrisia e a covardia subjacentes a toda atitude centrada no homem; endurecer-me em meu amargo desprezo pelo "homem" em geral; e . . . para me levar a escrever este livro: a resposta para ele, cujo espírito poderia ser resumido em poucas linhas: "Uma 'civilização' que faz tal alarido ridículo sobre alegados "crimes de guerra" – atos de violência contra o inimigos reais ou potenciais de sua causa – e tolera matadouros e laboratórios de vivissecção, circos e a indústria de peles (inflição de dor sobre criaturas que nunca podem ser a favor ou contra qualquer causa), não merece viver. Fora com isso! Abençoado seja o dia em que ela se destruirá, para que uma elite saudável, dura, franca e corajosa, amante da natureza e da verdade, super-homens com uma fé centrada na vida - uma aristocracia humana natural, como linda, em seu próprio nível superior, como os reis de quatro patas da selva - possam ressuscitar e governar sobre suas ruínas para sempre!"

Quando, no final de 1945, cheguei àquele pesadelo da Europa do pós-guerra, em qual a última parte deste livro seria escrita, notei nos "tubos" de Londres, lado a lado com anúncios pitorescos e propaganda tola, uma série de cartazes inesperados com letras vermelhas e amarelas em um pano de fundo preto: "A justiça para com os animais deve preceder a paz entre os homens".

[1] No livro de Samuel, Capítulos 15 e 33, para mencionar apenas um caso.

Isso me mostrou que ainda havia — apesar de tudo — pessoas que valiam a pena poupar naquela Inglaterra enganada de sangue nórdico que Adolf Hitler tinha, em 1940, (com a percepção de que o mundo levará muito tempo para compreender e apreciar) recusada a esmagar.

Perguntei qual organização teve a coragem de criar tal cartazes revolucionários e logo descobri que não era uma organização mas um único indivíduo isolado: a Sra. Saint-Ruth, de East Horsely, perto de Londres; uma mulher nobre, que tive, desde então, a honra de encontrar diversas vezes, e em quem descobri com imensa alegria, ainda mais em comum comigo do que sua solicitude pelos animais (e em particular pelos felinos). Depois de todos estes anos, desejo expressar a esta senhora – a primeira pessoa que leu este livro e gostou - minha amizade inalterada. eu também mais agradeço sinceramente à senhorita Veronica Vassar por ter redigitado uma cópia pouco legível do livro - o único que me restou, depois do manuscrito original e de todos as cópias melhor datilografadas que eu mesmo tirei foram perdidas (roubadas, junto com minha mala, na estação ferroviária de Saint-Lazare, em Paris, no dia 16 de Agosto de 1946) — e, portanto, por ter salvado meu trabalho.

— Savitri Devi Mukherji
Calcutá, 22 de Junho, 1959

Capítulo I
Credos Centrados no Homem

De todas as ideias morais, a dos nossos deveres positivos para com criaturas de outras espécies (animais e até plantas) é talvez a mais lenta a impressionar-se sobre a mente humana. Parece que era estranho ao espírito, não menos do que à letra de todas as religiões internacionais bem-sucedidas, exceto o Budismo.

E alguém que está plenamente consciente da sua importância - alguém que reconhece nisto a expressão de uma verdade moral fundamental - podendo também nos espantar como credos que omitem completamente a mencionar isto (e muito menos enfatizar isto) ainda conseguiram garantir tantos seguidores e, além disso, como a sua concepção estreita do amor ainda afirma ser "o mais elevado", e como essa afirmação não suscita protestos em nome dos melhores homens. Isto é, sem dúvida, suficiente para levá-lo a conclusões sombrias sobre a grosseria, egoísmo e feiúra inerentes à natureza humana em geral.

As religiões conhecidas do Mundo Antigo estavam centradas em torno da família ou tribo, ou da cidade, ou no máximo da nação. As filosofias que lentamente cresceram a partir delas, seja no Ocidente clássico ou na China, eram estritamente centradas em torno da sociedade humana, do intelecto humano ou da alma humana individual.

Somente na Índia as coisas eram definitivamente diferentes, pois lá, a imemorial crença nas sucessivas encarnações de uma mesma alma e no fruto das obras, colhidas inexoravelmente de vida em vida, pressupunham uma ininterrupta continuidade em todo o esquema de existência, uma unidade orgânica entre todas as espécies, das mais simples às mais elaboradas.

Na Grécia, os pitagóricos (e, muito mais tarde, os neopitagóricos) aceitaram essa visão da unidade de toda a vida, com todas as suas consequências práticas, juntamente com o dogma de nascimento e renascimento, característica essencial de sua escola.

Além deles - e séculos diante deles - uma religião verdadeiramente bela, mas infelizmente há muito esquecida, uma religião do culto solar particularmente filosófico originado no Egito no início século XIV a.C., do qual falaremos num próximo capítulo, parece ser a única exceção à tendência

geral de pensamento, aquela religião[2] centrada na vida de origem não-Indiana oeste da Índia. A pena é que muita excelência revelou-se fatal para a sua expansão, ou mesmo para a sua sobrevivência como religião organizada.

Podemos assim afirmar, com bastante segurança, que existem hoje dois principais caminhos de encarar nossas relações com os seres vivos não-humanos: o caminho do Hindu (da qual as perspectivas Budista e Jainista são meramente expressões particulares) e a outra, a forma centrada no homem, da qual o Cristão, o Islâmico, o “humanitário” do século XIX, o socialista do século XX e o modo chinês de todos os tempos (se considerarmos o pensamento chinês além do Taoísmo em seu aspecto mais puro) existem várias formas.

Teoricamente, os credos e filosofias centrados no homem influenciam o mundo inteiro, menos na maior parte da Índia, Birmânia, Ceilão e os países do Extremo Oriente, na medida em que estes ficaram realmente sob a influência do Budismo. Isso não significa que não existam indivíduos na Inglaterra e América, na Alemanha e na Rússia, que consideram toda a vida como sagrada, e para quem a inflição de dor aos animais é ainda mais odiosa do que a seres humanos. Isso também não significa que todas as pessoas que, na Índia e em outros lugares, são catalogadas nos relatórios do censo como Hindus, Budistas ou Jainistas, na verdade, são modelos de bondade ativa para com todas as criaturas vivas. Longe disto! Nós apenas traçamos este esboço geográfico aproximado, enfatizando a distribuição desigual de credos centrados no homem e centrados na vida sobre o mapa do mundo, a fim de mostrar quão pouco progresso foi feito até agora no caminho do amor universal - que é o caminho da verdadeira moralidade - desde o tempo do suposto homem simiesco do período Neandertal até os dias atuais.

Naturalmente, o nosso esboço pode ser explorado contra a nossa corrente de pensamento. Muitos dirão sem dúvida: “Se a maioria da humanidade ainda acredita no direito do homem de explorar outras criaturas para benefício próprio; se a idéia de irmandade universal (do homem e todas as criaturas vivas) é tão lenta para se afirmar; se, além disso, como vemos, perde terreno entre homens e mulheres jovens mais “avançados” nos países onde antes foi defendida, então deveríamos admitir que os credos centrados no homem expressam a atitude correta em relação ao problema moral da vida”. Mas nós respondemos que as “maiorias” não decidem nada sobre o que é verdadeiro ou falso, certo ou errado. Aqueles que pensam que se poderiam muito bem dizer que Sócrates estava errado, em seus dias, e os Atenienses com razão,

[2] Eu não mencionei a velha religião (pré-Cristã) da Europa Germânica, que também foi centrada na vida, — centrada na vida e “sacrificial”, como a religião Védica é na Índia. Isto não é bem conhecido para ser discutido aqui.

alegando que ele era um e eles vinte mil. Podem também dizer que o canibalismo e a escravatura eram legítimos quando e onde quer que fossem difundidos e considerados "normais". Mas notamos que, a partir dessas mesmas civilizações em que o canibalismo era geralmente admitido, surgia, de vez em quando, alguns indivíduos - uma minoria infinitesimal e impotente - a quem o costume desagradou. E num mundo em que a escravatura era considerada um mal necessário por pessoas respeitáveis, surgiram alguns indivíduos que a condenou, aberta ou secretamente, em nome da dignidade humana. E vemos que foi a opinião desses melhores indivíduos que finalmente triunfou. Um dos melhores entre os antigos mexicanos, o rei Nezahualcoyotl[3], tentou em em vão, no século XV d.C., pôr fim aos sacrifícios humanos dentro de seu reino[4]. Mas hoje, o assassinato de um homem, mesmo que seja uma oferenda a uma divindade, é considerada uma ofensa criminal e seria punida por lei em quase todo o mundo. A minoria, no México, tornou-se maioria – e teria se tornado assim, aparentemente, de qualquer maneira, mesmo que nenhum aventureiro cristão jamais tivesse pousado lá. As minorias muitas vezes tornam-se, com o tempo, maiorias.

Para aqueles para quem a exploração milenar dos animais parece normal só porque é praticamente universal e tão antiga quanto o homem, diremos que há hoje pessoas que desaprovam veementemente isso - não importa se forem mais um punhado disperso entre milhões de seres humanos ainda no estágio mais bárbaro da evolução. Existem hoje alguns homens e mulheres, muito antes dos nossos tempos, que sentem profundamente a injustiça revoltante de toda exploração das criaturas vivas, sejam bípedes ou quadrúpedes, o horror de toda inflação gratuita de sofrimento, o valor de toda vida inocente. Há homens e mulheres — e a autora deste livro é uma delas — que, ao verem um de seus contemporâneos comendo um bife em um restaurante ou um sanduíche de frango em um vagão de trem, não sinto menos nojo do que alguns raros mexicanos antigamente, possivelmente, quando viram os membros cozidos de um prisioneiro de guerra servido em pratos de ouro e prata em banquetes de Estado. Existem homens e mulheres de hoje, por mais poucas que sejam, que ficam tão tristes quando eles vêem um cavalo cansado puxando uma carroça com algumas outras pessoas "estranhas", quando encontraram um escravo cortando lenha ou moendo milho para seu proprietário sob a supervisão de um capataz impiedoso.

---

[3] Rei de Texcoco, nascido em 1403, morreu em 1470; conhecido como guerreiro, administrador, engenheiro e poeta.

[4] Ixtlilxochitl, Histoire des Chichimèques (tradução francesa) Vol. I., cap. 49. Citado por Brasseur de Bourbourg: Histoire de Nations Civilisées du Mexique et de l'Amérique Centrale. Vol. III., pág. 297.

Esses poucos são agora “sonhadores”, “pessoas excêntricas”, “esquisitas” – como todos pioneiros. Mas quem pode dizer se a sua opinião nunca se tornará a de homem comum, e seus princípios a lei do mundo? Se há alguma esperança que um dia poderá ser assim, então acreditamos que ainda vale a pena lutar para manter a civilização viva. Se não — se o baixo nível de amor que a maioria do globo tem realmente atingido ser o limite da sua capacidade; se a perspectiva expressa nos credos e filosofias centradas no homem seja realmente a sua perspectiva final - então acreditamos que a raça humana não merece incomodar a cabeça de alguns em tudo.

* * *

De acordo com os credos religiosos que caracterizamos como “centrados no homem”, o homem, criado sozinho “à semelhança de Deus”, é o filho amado, talvez até mesmo seu único filho nesta terra. O Pai celestial dos Evangelhos cristãos sem dúvida ama os pardais. Mas ele ama o homem infinitamente mais. Ele também ama os lírios; ele os vestiu mais lindamente “do que Salomão em toda a sua glória”; no entanto, o homem é o principal objeto de sua solicitude, não eles. Entre todos os seres vivos que nascem no mundo visível, o homem sozinho é suposto ser dotado de uma alma imortal. Só ele foi criado para a eternidade. O mundo transitório foi feito para ele desfrutar e explorar durante sua curta vida terrena, e criaturas de diversas espécies foram nomeadas - ambas quadrúpedes e pássaros – como carne para ele comer. E isso não é tudo. Todo um de plano de salvação foi elaborado para ele pelo próprio Deus, para que o homem ainda pudesse alcançar a bem-aventurança eterna, apesar de seus pecados. Deus levantou profetas para exortar a humanidade rebelde ao arrependimento e apontar o caminho da justiça. E de acordo com a crença cristã Ele até enviou seu único Filho para sofrer e morrer, para que seu sangue pudesse tornar-se o resgate de todos os pecadores que nele depositaram sua fé. Todo o esplendor do mundo material; toda a graça, força e encanto de milhões de feras, pássaros, peixes, árvores e trepadeiras; a majestade das montanhas cobertas de neve, a beleza das ondas que se desenrolam - tudo isso e muito mais - não valem, aos olhos de Deus, a alma imortal de um imbecil humano - então eles digamos, pelo menos. É por isso que a caça de tigres e veados, o abate de inocentes cordeiros peludos, tão felizes por viver, a dissecação de lindos porquinhos-da-Índia brancos ou de cães inteligentes, não são “pecados” de acordo com as crenças centradas no homem – nem mesmo que impliquem o

sofrimento mais terrível. Mas a indolor cloroformação de idiotas humanos inúteis é um “crime”. Como isso poderia ser de outra forma? Eles têm duas pernas, sem cauda e uma alma imortal. No entanto eles são degenerados, eles são homens.

Não posso deixar de recordar aqui a resposta de um estudante de medicina francês, um membro da “Christian Federation of Students”, a quem perguntei, há vinte e cinco anos, como poderia conciliar as suas aspirações religiosas com o seu apoio à vivissecção. “Que conflito pode haver entre os dois?” disse ele; “Cristo não morreu por porquinhos-da-índia e cães.” Eu não sei o que Cristo realmente teria dito sobre isso. O fato é que, do ponto de vista do cristianismo histórico, o menino estava certo. E sua resposta é suficiente para desgostar alguém para sempre com todos os credos centrados no homem.

* * *

Os credos centrados no homem nem sequer desfrutam desse mínimo de consistência que obriga às vezes a reconhecer uma certa força em um mau sistema de pensamento. Aqueles que acreditam neles e que por acaso não são por natureza também irremediavelmente irracionais, tentam justificar o seu ponto de vista dizendo que o homem, como um todo, é superior aos animais mudos. Ele pode falar e eles não podem. Isso é certo. Ele pode falar e, posteriormente, pode definir e deduzir, e passar de uma dedução para outra. Ele pode transferir para outras pessoas as conclusões de seu raciocínio e os resultados de sua experiência. Ele torna-se mais consciente de seus próprios pensamentos ao expressá-los. Em uma palavra, ele pode fazer tudo o que só é possível por meio de um sistema convencional de sons simbólicos, que chamamos de linguagem e que animais e pássaros não possuem. O seu próprio ser é elevado acima das necessidades imediatas da vida quotidiana, e sua mente tornou-se capaz de evolução, pelo uso de tal sistema.

Qualquer um concordará que isso é em grande parte verdade, embora nem todos possam necessariamente ver que relação existe entre estas vantagens humanas da fala e a exploração de animais mudos pelo homem. É mais difícil compreender o lugar privilegiado que religiões como o judaísmo, o Cristianismo e o Islão dão ao homem, quando se lembra que os livros sagrados desses três credos famosos admitem a existência de criaturas celestiais muito mais bonitas e mais inteligentes do que eles, principalmente de anjos - criaturas que não precisam esperar pelo dia da ressurreição para

adquirir um corpo “glorioso”, mas que estão, aqui e agora, em suas vestes de luz, livres de doenças, decadência e morte. Eles, e não os desajeitados filhos de Adão, deveriam ter sido os únicos para quem a natureza e o homem foram feitos, pois, ao que parece, de qualquer que seja podemos coletar sobre eles nas Sagradas Escrituras, que os anjos estão muito acima dos homens, como os homens mais brilhantes, podem afirmar estar acima dos animais, e ainda mais então. Ainda assim, aparentemente Deus ama mais o homem. Todos os pecadores humanos podem esperar serem salvos pela sua graça; enquanto aqueles pobres anjos que outrora, na aurora dos tempos, rebelaram-se contra o seu Criador sob a liderança de Lúcifer, não têm outra alternativa senão permanecer condenados para sempre. Nenhum Redentor jamais foi enviado para pagar o resgate de seus pecados. Nenhuma esperança de salvação lhes foi dada. Nenhum arrependimento deles, ao que parece, seria de alguma utilidade. Por que? Deus sabe. Eles não são homens, nem queridinhos mimados de Deus. Essa é a única explicação que se pode dar, se é que alguma pode ser dada, da estranha justiça do velho Pai Jeová e seus gostos esquisitos. Eles não são homens. Por mais inteligentes e bonitos que sejam, e cheios de possibilidades infinitas para o bem, não menos que para o mal, se ao menos lhes fosse dada uma por acaso, aparentemente não valem aos olhos de Deus, o bêbado arrependido que chora alto no final de uma reunião do Exército de Salvação. Os caminhos de Deus não podem ser discutidos. Mas então, não nos diga que o seu amor pelo homem é “justificado” pela superioridade do homem, e que o direito que ele deu à espécie escolhida para explorar o resto de suas criaturas mais fracas é fundamentado em uma base razoável. Não é. Para, se assim fosse, teria havido, no Paraíso, um lugar para os anjos caídos arrependidos, e pelo menos tanta alegria para um deles quanto para as almas de dez mil bêbados do extremo Leste de Londres.

A verdadeira razão para esta ênfase contínua apenas no bem-estar do homem, neste mundo e no próximo, parece residir na incapacidade de Deus de transcender uma certa parcialidade pueril - falamos, é claro, do Deus pessoal das crenças centradas no homem enraizadas no Judaísmo, e não naquele Poder impessoal por trás de toda a existência, na qual estamos inclinados a acreditar. O Deus do Cristãos, o Deus do Islã e o Deus da maioria dos livres pensadores posteriores que não estão fora e ateus, nunca conseguiu se livrar completamente dos hábitos que antes tinha quando ele era apenas a divindade padroeira de algumas tribos de andarilhos do deserto, escravos na terra dos faraós. Ele foi capaz de se elevar da posição de um deus nacional ao de um Deus de toda a humanidade. Mas isso é tudo. Seu amor parece ter sido gasto em sua extensão desde o “Povo Eleito” de Israel

às espécies escolhidas da humanidade. Ele não tinha dentro de si o desejo de ampliar seus sentimentos paternais ainda além desses limites estreitos. Isso nunca ocorreu-lhe, quão estreitos eles eram de fato e quão irracionais, quão mesquinhos, quão humana era aquela preferência infantil pelo homem, em um Deus que deveria ter feito a Via Láctea.

Os sanguinários deuses nacionais da Antiguidade da Ásia Ocidental - outrora seus rivais; agora todos mortos – eram mais consistentes em sua estreiteza. Eles limitaram sua esfera de atuação a uma cidade, ou no máximo a um país, e em casos de emergência aceita – alguns dizem: solicitada – vítimas humanas, bem como holocaustos de carne animal. Eles eram deuses sombrios, a maioria deles. Mas lá era algo franco e reconfortante em suas próprias limitações. Alguém sabia, com eles, onde alguém estava. Ninguém se deixou levar em seu nome por profetas e santos que seguiram o caminho que leva ao amor universal, apenas para deixar um no meio disso. Os profetas de Jeová poderiam chamá-lo de “abominações”, mas eram consistentes. O mesmo aconteceu com Jeová, enquanto ele permaneceu apenas o deus tribal dos judeus. Mas quando mais tarde os judeus proclamaram ele o Deus de toda a humanidade; quando ele se infiltrou no cristianismo como o Pai Celestial de Cristo e Primeira Pessoa da Santíssima Trindade; e no Islão como o Deus Único revelado ao homem através da seu último e definitivo porta-voz, o profeta Maomé; e finalmente, quando ele coloriu a ideologia dos teístas humanitários - e até mesmo dos ateus - como o remanescente inevitável de uma tradição difícil de morrer, então a concepção dele tornou-se cada vez mais irracional. Havia cada vez menos qualquer razão para sua solicitude de parar na humanidade. No entanto, parou por aí. Houve, mais e mais, todas as razões para ele evoluir para um Deus verdadeiramente universal de toda a vida. Ainda assim, ele não evoluiu dessa forma. Ele não conseguia abandonar a propensão há muito acalentada de escolher uma fração de sua criação e abençoá-la com uma bênção especial, com exclusão do resto. Essa fração do grande Universo já foi o povo judeu. Agora era a raça humana – uma melhoria insignificante, se ponderamos sobre isso a partir de um ponto de vista astronômico (ou seja, pelo que podemos imaginar ser o único verdadeiramente divino).

Os grandes credos do mundo a oeste da Índia permaneceram centrados no homem, ao que parece, porque nunca conseguiram libertar-se inteiramente das marcas de sua origem tribal particular entre os filhos de Abraão. Os judeus nunca foram uma raça que se pudesse acusar de dar aos animais um lugar muito grande em sua vida cotidiana e pensamentos. Cristo, que veio “para cumprir” a lei judaica e as profecias (não para introduzir no mundo uma diferente, mais racional e verdadeiramente mais gentil tendência

de pensamento) parece nunca ter se preocupado com as criaturas idiotas. Falamos, é claro, de Cristo como os Evangelhos Cristãos o apresentam para nós. Que Cristo - não temos nenhum meio de descobrir se um "mais verdadeiro" já existiu – nunca realizou um milagre, nunca interveio de maneira natural, em favor de qualquer animal, como seu contemporâneo, Apolônio de Tiana, para não falar de nenhum Mestre mais antigo e ilustre tal como o abençoado Buda, deveria ter feito. Ele nunca falou do amor de Deus pelos animais, exceto para afirmar que Ele amou os seres humanos *a fortiori*, muito mais. Ele nunca mencionou nem sugeriu os deveres do homem para com eles, embora ele não tenha deixado de mencionar e enfatizar outras funções. Se os Evangelhos devem ser tomados como estão escritos, então suas relações com criaturas sencientes não-humanas consistiu, em certa ocasião, em enviar alguns espíritos malignos para um rebanho dos porcos, para que não mais atormentassem o homem[5], e, outra vez, fazendo seus discípulos, que eram em sua maioria pescadores de profissão, como cada um sabe, pegarem uma quantidade incrível de peixes em suas redes[6].

Em ambos os casos sua intenção era obviamente beneficiar os seres humanos em detrimento de criaturas, suínos ou peixes. Quanto às plantas, é verdade que admirava os lírios dos campos; mas não é menos verdade que ele amaldiçoou uma figueira por não produzir figos fora da época e fez com que murchasse, para que os seus discípulos entendessem o poder da fé e da oração[7].

Fervorosos cristãos ingleses ou alemães, que amam animais e árvores, podem replicar que ninguém sabe exatamente tudo o que Jesus realmente disse, e que os evangelhos contêm a história de apenas alguns de seus inúmeros milagres. Isso pode ser. Mas como não há registros de sua vida salvo nos Evangelhos, temos que nos contentar com o que neles é revelado. Além disso, o Cristianismo como um crescimento histórico está centrado na pessoa de Cristo como os Evangelhos o descrevem.

E como Norman Douglas observou oportunamente[8], continua sendo um fato que o pouco progresso alcançado nos últimos anos nos países do Noroeste da Europa e na América, no que diz respeito à bondade para com os animais mudos, foi realizado apesar do cristianismo, e não por causa dele.

Dizer, como alguns fazem, que cada palavra dos Evangelhos cristãos tem um significado esotérico, e que "porcos" e "peixes" e a "figueira estéril" pretendiam designar qualquer coisa que não fosse criaturas vivas reais, dificilmente tornaria as coisas melhores. Ainda seria verdade que a bondade

---

[5] Lucas, 8.32,33.
[6] Lucas, 5.4-11.
[7] Marcos, 11. 12-14 e 20-23.
[8] Norman Douglas: How About Europe? Chatto & Windus, Londres, 1930, p. 242.

para com os animais não é mencionado no ensinamento de Jesus tal como chegou até nós, enquanto outras virtudes, em particular a bondade para com as pessoas, são altamente recomendadas. E o desenvolvimento do cristianismo histórico permaneceria, em todos os seus detalhes, o que nós sabemos que é.

* * *

Que as pessoas cuja perspectiva é condicionada pela tradição bíblica deveriam colocar grande ênfase no lugar especial do homem no esquema da vida; que eles deveriam insistir nos sofrimentos do homem e na necessidade da felicidade do homem, sem aparentemente pensar nas outras criaturas vivas, alguém pode entender. Eles seguem o Livro ao qual podem ou não adicionar algumas escrituras secundárias baseadas nele. Não se pode esperar eles irem além do que está prescrito nele ou nas escrituras posteriores.

Mas há, no Ocidente, desde a Idade Média, crescente número de pessoas que ousaram prescindir completamente do Livro; que abertamente rejeitam toda revelação divina como improvável, e que vêem em sua consciência a única fonte de seus julgamentos morais e seu único guia em questões morais. É notável que estas pessoas, livres dos grilhões de qualquer fé estabelecida, ainda mantêm a perspectiva de seus pais no que diz respeito à relação do homem com os animais e à natureza viva em geral. Pensamento Livre, ao mesmo tempo em que, acertadamente, deixamos de lado toda metafísica centrada no homem; enquanto substitui as concepções centradas no homem do Universo por uma magnífica visão de ordem e beleza em escala cósmica - uma visão científica, mais inspiradora do que qualquer coisa que a imaginação religiosa tenha já inventado, e no qual o homem é apenas um detalhe insignificante - Livre Pensamento, dizemos, omitido inteiramente para acabar com o igualmente desatualizado sistema de escala de valores centrado no homem, herdada das religiões que surgiram do Judaísmo. Filhos do racionalismo Grego, no que diz respeito à sua perspectiva intelectual, os ocidentais que vangloriam-se de não serem mais cristãos - e os poucos jovens avançados da Turquia e Pérsia, e do resto do Próximo e Médio Oriente, que se orgulham de não serem mais muçulmanos ortodoxos - permanecem, no que diz respeito à sua escala de valores morais, filhos de uma tradição religiosa profundamente enraizada que remonta no que diz respeito a alguns dos fragmentos mais antigos das Escrituras Judaicas: a tradição segundo a qual o homem, criado à imagem de Deus, é o único ser

vivo nascido para a eternidade e tem um valor totalmente desproporcional ao de qualquer outras espécies animais.

Tem havido, é verdade, no Ocidente, nos últimos anos - não, há, pois nada que esteja em harmonia com as Leis da Vida pode ser completamente suprimido - um não-cristão (deveríamos até dizer um anti-cristão) e definitivamente mais do que uma escola política de pensamento que corajosamente denunciou esta tradição antiga, mas errônea, e estabeleceu uma escala diferente de valores e padrões de comportamento. Aceitou o princípio dos direitos dos animais e colocou um belo cão acima de um homem degenerado. Ele substituiu o falso ideal de "fraternidade humana", pelo verdadeiro, de uma humanidade hierarquizada naturalmente harmoniosa integrada no Reino hierarquizado da vida e, como corolário lógico disso, pregou corajosamente o retorno a mística do nacionalismo genuíno enraizado na consciência racial saudável, e a ressurreição dos antigos deuses nacionais da fertilidade e da batalha (ou a exaltação de seus equivalentes filosóficos) que muitos "pensadores" gregos e alguns dos próprios profetas judeus já haviam descartado - educadamente falando: "transcendido" – na Antiguidade decadente. E seus valores racialistas, solidamente fundado sobre a rocha da realidade divina, e inteligentemente defendido como eles eram, em comparação com aqueles centrados no homem tradicional herdado, na Europa, do Cristianismo, é, e não pode deixar de permanecer, seja qual for o destino material do seu grande Expoente e do regime que ele criou, os únicos valores incontestáveis do mundo contemporâneo e do futuro. Mas é, por enquanto, um "crime" mencioná-los, e muito menos defendê-los – e todo o cenário recente – em plena luz do dia.

As ideologias opostas, mais de acordo com as tendências gerais do pensamento livre moderno, a partir da Renascença, apenas se romperam aparentemente com as fés centradas no homem. Na verdade, os nossos socialistas internacionais e os nossos comunistas, ao mesmo tempo que expulsam Deus e o sobrenatural do seu campo de visão, são mais cristãos do que as igrejas cristãs jamais foram. Aquele que disse: "Ama o próximo como a ti mesmo hoje não tem discípulos mais sincero e mais completos do que aqueles zelotes cujas principais preocupações eram proporcionar a cada ser humano uma vida confortável e todas as possibilidades de desenvolvimento, através da exploração intensiva e sistemática por todos os recursos do mundo material, animado e inanimado, para o melhoramento *do homem*. O comunismo, essa nova religião – pois é uma espécie de religião – exaltando o homem comum; essa filosofia dos direitos da humanidade como espécies privilegiadas, é o resultado lógico natural do verdadeiro cristianismo. É a Doutrina cristã do trabalho de amor ao próximo, livre do peso excessivo da

teologia cristã. É o verdadeiro cristianismo, menos sacerdócio - do qual Cristo não gostava - e sem todas as crenças da Igreja sobre a alma humana e toda a mitologia da Bíblia - que ele certamente valorizava muito menos do que um único movimento espontâneo do coração para com a humanidade sofredora. Cristo, se ele voltasse, provavelmente se sentiria em nenhum lugar tanto "em casa" como nos países que fizeram do amor com o homem comum como tal é a própria alma do seu sistema político.

E isso não é tudo. Mesmo a teologia cristã talvez nem sempre permaneceu totalmente inútil para eles como os nossos amigos comunistas muitas vezes pensam. Isto pode ser que, um dia, eles se decidam a usá-la. E, se alguma vez eles fizerem isso, quem irá culpá-los senão aqueles cristãos nominais que esqueceram o caráter totalmente "proletário" de seu Mestre e de seus primeiros discípulos ? O mito do Deus da humanidade encarnando-se no filho do carpinteiro de Nazaré pode muito bem ser interpretado como um símbolo que prenuncia a deificação da maioria trabalhadora dos homens – das "massas"; do homem em geral - em nossos tempos.

Em outras palavras, a rejeição da crença no sobrenatural e o advento de uma perspectiva científica sobre o mundo material, não tem nem um pouco ampliado a perspectiva moral dos ocidentais. E, a menos que sejam consistentes Racialistas, adoradores da Vida hierarquizada, aqueles que hoje proclamam abertamente que a civilização pode muito bem sobreviver sem a sua tradição cristã (ou muçulmana) histórica, atenha-se a uma escala de valores que procede, seja de um amor ainda mais estreito do que aquele pregado em nome de Cristo ou do Islã, (do amor de si mesmo e da família) ou, no máximo, do mesmo amor — *não de um âmbito mais amplo*; não de um verdadeiro amor universal.

A generosa "moralidade" derivada do moderno Livre Pensamento não é melhor do que aquele baseado nos credos centrados no homem, consagrados pelo tempo, que têm sua origem na tradição judaica. É uma moralidade centrada - como a antiga moralidade chinesa, onde quer que o verdadeiro budismo e o taoísmo não a tenham modificado - em torno da "dignidade de todos os homens" e da sociedade humana como o fato supremo, aquela realidade que o indivíduo tem que respeitar e viver; uma moralidade que ignora tudo da afiliação do homem com o resto da natureza viva, e considera criaturas como não tendo valor, exceto na medida em que são exploráveis pelo homem para o propósito "maior" de sua saúde, conforto, roupas, diversão, etc. O credo moral do Livre Pensador hoje é um credo centrado no homem - nada menos que o de Descartes e Malebranche e, mais

tarde, dos idealistas da Revolução Francesa e, finalmente, de Auguste Comte.

Acreditamos que existe uma maneira diferente de ver as coisas - uma maneira diferente, em comparação com a qual esta perspectiva centrada no homem aparece como infantil, mesquinha e bárbara como a filosofia de qualquer tribo devoradora de homens poderia parecer, quando comparado com o dos santos cristãos, ou mesmo dos ideólogos mais sinceros do socialismo internacional moderno ou comunismo.

Capítulo II
Panteísmo Pessimista

Além desta perspectiva centrada no homem de mais de metade do mundo, que acabamos de tentar definir, existe uma visão totalmente diferente dos Hindus e das principais religiões que surgiram do Hinduísmo, nomeadamente Jainismo e Budismo. Deveríamos, por uma questão de conveniência, chamar esta visão a visão indiana, em oposição à visão judaica anteriormente descrita, para a única grande religião internacional que o herdou – o Budismo – é tão essencialmente em dívida com o pensamento indiano anterior, assim como o Cristianismo e o Islã estão com a Tradição judaica, e ainda mais.

A visão indiana pode ser resumida numa frase: consiste em ver, em todas as formas de vida, manifestações do mesmo Poder divino de jogar em vários níveis de consciência. Está centrado na ideia fundamental da eternidade da alma individual - não apenas de sua imortalidade - e de sua vida em milhões e milhões de corpos, através de milhões e milhões de nascimentos sucessivos. Proclama a continuidade da vida em tempo e espaço, que é o corolário lógico do dogma do nascimento e renascimento e nega a ruptura entre o homem e o resto do mundo animal. Tal violação, segundo ela, é artificial. A tendência do homem de acreditar em sua existência é produto de observação superficial, mal interpretada, ou caso contrário, o resultado de uma avaliação arbitrária, enraizada no orgulho humano, e dificilmente menos ridículo do que o daqueles nacionalistas raivosos que, sem qualquer justificação, consideram que seu próprio povo é "objetivamente" o mais talentoso do mundo e o mais precioso para o mundo.

Ninguém sabe quando e onde o dogma do nascimento e renascimento se originou. Pode muito bem ser tão antigo quanto a humanidade, e talvez tenha sido apresentado simultaneamente em diferentes partes do mundo durante os longos séculos não registrados de pré-história. Mas foi sem dúvida na Índia que encontrou sua expressão mais elaborada, e passou do status de crença animista espontânea à de uma explicação consistente do universo - uma filosofia. E essa filosofia, pode-se dizer, não é apenas a do poderoso subcontinente que se estendia do Himalaia ao Ceilão - é a base que todas as escolas *Indianas* de pensamento aceitam como ponto de partida - mas parece também ser o único elemento comum em todas as diversas tendências do pensamento asiático que a Índia influenciou, direta ou indiretamente, através do Budismo. E o sucesso de todas as tentativas de

ampliar a influência do pensamento indiano para o Ocidente depende — e não pode deixar de depender — principalmente com base na pregação difundida daquela crença fundamental em sucessivas reencarnações.

Essa crença é, como dissemos, incompatível com qualquer teoria que pretende que o homem seja diferente por *natureza* do resto da criação viva, e que lhe concede “direitos” especiais com base nessa suposição. O esforço de alguns teosofistas[9] em manter uma ruptura irredutível entre a humanidade e animalidade, introduzindo em sua explicação do além a ideia de “almas grupais” animais nos parecem nada mais do que uma reação sutil do cristão centenário que jaz meio adormecido, mas totalmente vivo - e às vezes inesperadamente assertivo - abaixo da camada superficial do pensamento Indiano na maioria daqueles estranhos neo-hindus do Ocidente.

O Bhagavad Gita não faz qualquer menção às almas grupais; nem o faz, tanto quanto sabemos, qualquer “shastra” hindu reconhece que a questão do nascimento e o renascimento é discutida. Pelo contrário, parece que, aos olhos do Sábios Indianos, autores das Escrituras, bem como daqueles do povo comum Hindu, toda alma é dotada desde todos os tempos (e não apenas desde o dia em que entra em um corpo humano) com uma individualidade que persiste através de todas as suas encarnações sucessivas, quaisquer que sejam as diferentes espécies em que essas poderá ocorrer.

O mesmo pode ser dito da teoria de que, uma vez que uma alma tenha atingido sua primeira encarnação humana, ele não pode deixar de nascer sempre em um ser humano ou forma sobre-humana, nunca em forma subumana, quaisquer que sejam seus atos; a teoria que a admissão de uma alma no plano humano é “como passar por um exame”, e que o tipo de “diploma” assim adquirido é irrevogavelmente concedido, quer o candidato continue digno dele ou não.

Não há nada que confirme esta visão nas crenças tradicionais dos hindus. Pelo contrário,existem, nas lendas hindus (e budistas), casos de homens renascidos como animais por algum tempo, pelo menos. Diz-se que o rei Bharat (muitas vezes chamado de Jadabharat) renasceu como um cervo; e o bom rei Asoka, o patrono mais poderoso do Budismo – uma figura sem dúvida histórica, cujas datas são conhecidas por todos os estudantes indianos - renasceu, durante cerca de uma semana, como uma jibóia, em punição por uma falta temporária de equanimidade, de acordo com uma suposição, a tradição budista registrou[10].

[9] Como Leadbeater.
[10] Veja o Mahavamsa.

Em outras palavras, um crente na doutrina da reencarnação nunca pode estar certo de que o cachorro sarnento que ele vê deitado na lama não é um de seus parentes ou amigos falecidos espiando alguma ofensa insuspeita, mas grave naquele traje miserável – alguma ofensa talvez desconhecida para o próprio pecador; talvez venial aos olhos da justiça humana, mas suficientemente grave, quando julgado do ponto de vista das leis divinas e imanentes de causa e efeito, dar ao seu autor um corpo canino, matá-lo de fome, afligi-lo com sarna e mandá-lo para morrer na sarjeta. E da mesma forma pode ser que um inimigo humano do homem em particular não é senão o cachorro faminto que está à sua porta cerca de trinta anos antes, e que ele não se importava em alimentar. Pode ser que um filho da mulher, fonte de alegria e orgulho para ela, não seja senão o gatinho abandonado que ela uma vez pegou na rua, e que ronronou em sua mão enquanto ela trazia para casa. Ninguém pode dizer e admitir a possibilidade de que a mesma alma individual eterna passe de um corpo para outro - de uma espécie menor para uma mais evoluída, ou vice-versa, de acordo com seus feitos - pode-se, logicamente, esperar que se tenha, em todo o esquema da vida, uma perspectiva totalmente diferente daquela implícita nas religiões que ensinam que só o homem tem uma alma e, além disso, uma alma imortal, mas não incriada, eterna. Pode-se esperar que se sinta a majestosa unidade da vida que está subjacente à infinita diversidade do mundo visível, e olhar para os animais (e plantas) como homens e super-homens em potencial, e tratá-los com todas as bondades amorosas com que os cristãos, muçulmanos e humanitários Livres Pensadores são ensinados a tratar as pessoas das raças humanas inferiores (e os homens inferiores de sua própria raça), potenciais santos do céu ou, pelo menos, potenciais cidadãos úteis para uma melhor ordem social terrena, de acordo com o respectivos credos centrados no homem.

E isso não é tudo. O ensinamento Hindu, herdado pelo Jainismo e Budismo, e praticamente todas as escolas de pensamento centradas na vida inspiraram-se na Índia, não implica apenas a identidade de cada alma individual, ao longo de todas as suas sucessivas encarnações. Estressa ao máximo a identidade fundamental de todas as almas individuais, sejam elas encarnadas em muitos ou em qualquer estrato do mundo vivo, ao mesmo tempo ou em tempos diferentes. Não só cada alma está agora encarnada numa minhoca “em seu caminho” para ganhar consciência superior depois de milhões e milhões de nascimentos e tornar-se, com o passar do tempo, um sábio onisciente e liberado, um “tirthankara”, como dizem os Jainistas, mas a alma de uma minhoca muito individual, de cada caracol ou sapo, burro ou porco, homem ou macaco - de todas as criaturas vivas – é por natureza, *substancialmente*, idêntica à do sábio divino. Só difere dele na amplitude e

clareza de consciência, isto é, em grau de conhecimento. Pode alcançar o objetivo glorioso que o sábio alcançou. E o próprio sábio, antes de ser o que é, viveu incontáveis milênios de ignorância e agitação, lutando hesitantemente em direção da paz suprema como um homem comum, como um homem inferior, como um macaco, como um burro, como uma minhoca; como uma água-viva no meio do mar.

Pareceria, à primeira vista, que nada pode preparar um homem para amar toda natureza viva melhor do que aquela grande visão da evolução universal, física e espiritual, fornecido pelo Panteísmo Hindu - aquele conhecimento que todo corpo individual, seja dotado de apenas duas pernas ou de quatro, seis ou oito, ou muitas mais, ou sem nenhuma, *tem uma alma eterna*, e toda alma, seja de um homem, de um animal ou de uma planta, é uma centelha real do Divino, assim como sua própria alma é, apenas em um avanço um pouco mais baixo ou estágio avançado de consciência; mais longe ou mais perto do objetivo final de conhecimento libertador e de paz suprema do que ele mesmo. E quando alguém lê as palavras dirigidas a Arjuna pelo Senhor Krishna, no Bhagavad-Gita: “No Brahman erudito, na vaca, no elefante, no cachorro e no homem que come carne de cachorro, o sábio discerne o Idêntico. . .”[11] alguém está inclinado, em primeiro a me perguntar como é que os cães - e os Sudras - não são melhor tratados hoje na Terra abençoada em que os videntes de antigamente desenvolveram os mais belos de todas as religiões vivas.

* * *

A resposta parece ser que um profundo pessimismo, e a subvalorização da vida infinita como tal permeia todo o pensamento Hindu.

Para aqueles cuja filosofia tradicional está enraizada na doutrina do nascimento e renascimento, acontece que a vida individual se apresenta não como uma bênção, mas como uma maldição. A recompensa que uma criatura recebe pelo crédito de boas ações, ou seja, renascimento num plano superior, é apenas um mal menor temporário. Ainda implica a separatividade e, portanto, as limitações de toda individualidade. Para fundir na infinidade da Vida não pessoal; retornar, mantendo o dolorosamente adquirido conhecimento de intermináveis anos de experiência, para aquela Unidade não diferenciada de onde surgiram originalmente todas as centelhas de

[11] Bhaghavad Gita, V, Verso 18.

consciência finita, e olhar de volta ao mundo transitório e sua turbulência de um estado de consciência universal - fortaleza de paz inexpugnável da qual o mal e o sofrimento aparecem como meras ondulações superficiais no oceano imutável da Realidade última – esse é o objetivo de toda a vida. Para o Hindu, para o Jainista, para o Budista, a própria vida individual é tristeza, com, no máximo, alguns lampejos de alegria passageira. A bem-aventurança, a alegria do conhecimento total de que nada pode perturbar, não pertence a ela, mas para aquele estado de existência super individual, em perfeita harmonia com a Essência eterna das coisas, que os sábios ocasionalmente alcançam no decorrer de sua experiência terrena, mas que é o estado normal daqueles que, tendo partido, seja do humano, seja de um plano superior, nunca mais nascem de novo. Renascer entre os deuses ainda é um fardo. Para quebrar o ciclo de ferro de nascimento e renascimento, e nunca mais entrar no útero, é o objetivo de todo verdadeiro Hindu[12] e de todos aqueles que baseiam a sua filosofia de vida do ponto de vista Hindu. A obsessão da transitoriedade da alegria terrena, a pesada compreensão de que “toda personalidade é uma prisão”[13] e o consequente desejo de “libertação” da necessidade de sucessivas existências, são características inseparáveis do pensamento Hindu.

Esses traços são compatíveis com a ação mundana dos mais diversos tipos - com a destruição dos inimigos em um campo de batalha, conforme solicitado pelo Senhor Krishna a Arjuna, no Bhagavad Gita; com as reformas construtivas de um governante tão santo como o Rei Asoka, para promover o bem-estar das criaturas. Mas apesar do que se possa dizer, citando textos sagrados, eles geralmente não são adequados à ação. Pode ser que a ação altruísta, sem emoção e desapegada, instada no Bhagavad Gita é a ação ideal - o único tipo de ação que um sábio pode realizar e que o homem em geral deveria realizar. Mas na vida cotidiana comum, não é o tipo de ação que os homens praticam. Na verdade, sem o impulso do interesse da paixão - do amor pessoal, medo ou ódio - eles geralmente não fazem nada. E a crença profundamente enraizada de que a vida individual tem pouco valor, que quanto mais cedo for superada melhor, e que o sofrimento das criaturas neste mundo nada mais é do que o resultado inevitável de suas próprias más ações em vidas passadas, essa crença, dizemos, é a menos capaz de despertar nas pessoas comuns, qualquer sentimento pessoal pelo bem-estar dos homens ou dos animais. Essa é a menos capaz de incentivá-los a fazer algo positivo, seja para tornar a sociedade humana mais confortável para a

[12] Conhecemos as palavras muito citadas de Shankaracharya: “Jabat jananam, tabat maranam…” (Quando você nasce, você está morto).
[13] Aldous Huxley : *After Many a Summer.*

maioria dos seus membros, ou para tornar o mundo em geral um lugar melhor para todos os seres vivos, incluindo os animais e plantas.

Para os cristãos, supõe-se que os animais "não têm alma". O Panteísmo Hindu, ao contrário, vê não apenas uma alma, mas o Uno, a Alma eterna – a Alma suprema, Paramatma – em cada indivíduo vivo, humano, animal ou vegetal. Os credos centrados no homem não têm lugar para animais e plantas, exceto como criaturas sobre as quais o homem recebeu "domínio" e que ele pode desfrutar ou explorar como quiser. Para os Hindus, o homem nada mais é do que uma parte integrante da natureza viva, e pareceria, à primeira vista, que nenhuma filosofia sugere a irmandade de todas as criaturas mais do que aquela que acabamos de descrever. Mas o fato de uma visão eminentemente pessimista da vida está ligado a ele torna as coisas diferentes. Se a vida individual é apenas um processo temporário; se quanto mais cedo alguém sair de seu controle de ferro, melhor será para ele ou ela, então qual é o benefício de qualquer luta, exceto aquela que trará a alma a sua "libertação" final ? E aí, só a alma do homem está preocupada, pois os animais têm de renascer como homens antes que possam atingir o estágio em que a libertação é possível.

É um fato que quase nunca se salienta que, embora um vegetariano ocidental (desde que não seja dispéptico) abstém-se de carne unicamente por um sentimento de simpatia pelos animais, o vegetariano Hindu o faz principalmente por causa da concepção que ele tem de seu próprio interesse espiritual. Ele acredita que, ao evitar carne, peixes e ovos, lixe todos os alimentos considerados "excitantes", eles garantem a si mesmo um progresso mais fácil ao longo do caminho que leva à "libertação", isto é, ao estágio final após o qual não se é obrigado a renascer. Claro que ele pode também – e ele o faz com frequência – até certo ponto, considerar o sofrimento da presa do carnívoro: das cabras e ovelhas, sacrificadas nos templos dos Shaktas em nome da religião, ou assassinados nos matadouros públicos, mais francamente em nome da gula. Mas a ideia desse sofrimento - primordial aos olhos do verdadeiro Jainista ou Budista - não parece ser, para o Hindu médio, tão importante quanto o da sua própria pureza corporal, considerada uma ajuda indispensável ao progresso espiritual. Um vegetariano sistemático, na Europa ou na América, é geralmente um amante de animais. Quando ele se recusa a tomar extratos de fígado como remédio ou a adotar uma dieta de carne, mesmo que seja ameaçado por seu médico de que morrerá se não fizer então, ele coloca o interesse do animal antes do seu, apenas como um sincero cristão sem dúvida colocaria o interesse de outro ser humano, seu irmão em Deus, antes do dele. Um vegetariano Hindu estrito pode ou não ser também um amante dos animais. Sua dieta é regulada principalmente pelo

interesse de quem *come*, não dos *comidos*. E quando ele se recusa a seguir uma dieta de carne, mesmo que seja suposto para salvar sua vida, ele apenas coloca o interesse de sua alma antes do de seu corpo - ou a pureza de seu corpo antes de sua conservação. Ainda é do seu próprio interesse que ele procura principalmente.

Não negamos que, em vários casos individuais, a consideração de animais também entra na mente do vegetariano Hindu. E alguém poderia apontar que a reverência demonstrada em toda a Índia Hindu pela Vaca, como símbolo da maternidade universal, abrange um sentimento generalizado de respeito por toda a vida. Mas como dissemos, junto com esse sentimento está igualmente a consciência fundamental de que a vida individual, humana ou animal, tem pouco valor. E a consequência é uma insensibilidade não menos generalizada, uma indiferença ao sofrimento, que surpreende qualquer amante estrangeiro de animais que por acaso tenha lido algo das Escrituras Hindus antes de vir para a Índia. É como se a vida, quando sabemos ser eterna, perde seu valor aos olhos do homem comum, e como se o sofrimento, quando considerado um castigo, deixasse de mover a testemunha casual disso com pena.

* * *

Mas é preciso admitir que, sempre que fiéis às suas tradições perspectivas filosóficas, os hindus são pelo menos imparciais em seus tratamentos bons ou maus de criaturas vivas. Acabamos de notar a indiferença ao sofrimento que muitas vezes aparece como consequência da crença geral na eternidade da vida, e em uma imanente, justiça matemática, trabalhando através da lei do nascimento e renascimento. Mas essa indiferença se aplica à criança mendiga doente que jaz na sujeira tanto quanto para o faminto cachorro de rua. É aplicado ao “coolie” sobrecarregado, tanto quanto para o traseiro sobrecarregado, ou para o cansado e sedento búfalo puxando uma carroça pesada sob o impiedoso chicote. Um humano faminto “intocável” seria expulso de uma cozinha Hindu ortodoxa não menos cruelmente que um animal faminto considerado impuro. E entre os verdadeiros Hindus que acreditam na eficácia dos sacrifícios de animais, possivelmente ainda há alguns que não recuariam, em princípio, diante da ideia de sacrifícios humanos, caso fossem sancionados pela autoridade religiosa.

Por outro lado, no “período Budista” e nos dias em que a influência Budista genuína ainda era poderosa no país; quando, graças aos esforços de um ou

dois monarcas absolutos que foram, ao mesmo tempo homens excepcionais, a gentileza foi a tônica da vida Indiana por algum tempo, pelo menos, não foi a solicitude unilateral dos cristãos e dos Pensadores Livres cristãos apenas para o homem; não era nem mesmo uma preocupação com o primeiro bem-estar do homem e depois também o das outras criaturas. Foi real, bondade universal, estendida a tudo o que vive, independentemente da espécie. O bom Rei Asoka construiu hospitais e casas de repouso para homens e animais doentes e desabrigados. E novecentos anos depois, na gloriosa Índia de Harshavardhana, a crueldade para com animais foi punida com a morte, bem como qualquer crime grave contra os seres humanos.

Foi apenas nos últimos anos que as influências perniciosas do Ocidente e do Norte - resultado do silencioso e sutil, mas inegavelmente eficientes esforços de cristãos e comunistas: os missionários dos credos centradas no homem, sejam religiosos ou puramente sociais - começaram a distorcer a mente e viciar os sentimentos de vários Hindus, especialmente dos chamados “educados”. Só agora é que a parcialidade a favor do homem está a insinuar-se na Índia, desafiando o Panteísmo professado pela Índia, e que os mais barulhentos representantes do povo Hindu (e, portanto, os mais conhecidos no exterior) muitas vezes parecem esquecer a visão de vida implícita na antiga filosofia da qual eles são exteriormente tão orgulhosos, e falam e agem como se fossem cristãos.

Mas o Panteísmo pessimista em que a alma Indiana encontrou a expressão durante séculos não pode ser julgada por essas pessoas. Mesmo que um dia toda a Índia o denunciasse, continuaria a ser uma das filosofias históricas do mundo, e - o que é mais - a única filosofia centrada na vida que, desde tempos imemoriais, estabeleceu os padrões morais de todo um subcontinente.

Como dissemos, isso não implica nenhuma diferença fundamental no tratamento dos homens e dos animais. Para indivíduos superiores, como Asoka e Harshavardhana, ou o próprio Senhor Buda, isto inspira bondade amorosa para com ambos. Mas os homens comuns – especialmente os homens já inclinados à apatia por temperamento - resultam, na maioria das vezes, na indiferença aos sofrimentos e à morte de ambos. Isto pode, no máximo, instar essas pessoas a evitarem tornar-se a causa direta de qualquer sofrimento ou morte da criatura; ser “inofensivo” – para não prolongar o registro de más ações pelas quais são obrigados a pagar a penalidade mais cedo ou mais tarde, nesta vida ou em outra. No entanto, em geral, não os exorta a fazerem de tudo para ajudar *ativamente* as criaturas.

Capítulo III
Sabedoria Alegre

Panteísmo pessimista, enraizado na doutrina do nascimento e do renascimento — que parece ser a essência do pensamento Hindu - é definitivamente uma filosofia sobrenatural. O mesmo ocorre com os credos centrados no homem que surgiram, no Ocidente, do Judaísmo (credos baseados na crença na Divindade transcendente não pode deixar de ser assim). O Livre Pensamento Ocidental, em todas as suas diferentes formas, têm, como apontamos, mantido a ética cristã ao mesmo tempo em que acabou com a metafísica. Não é de outro mundo completamente, mas nunca pregou ou mesmo concebeu um amor mais abrangente que o da humanidade. E tudo de seus aspectos, de Descartes a Karl Marx, é tão centrado no homem quanto qualquer filosofia pode ser.

Por outro lado, a imemorial sabedoria social e ética do Chinês, centrado na sagrada continuidade e expansão da família humana - aquela religião real e eterna da China, mais solidamente estabelecida na mente subconsciente de seus milhões do que os cultos populares da natureza indígena ou qualquer uma das grandes religiões importadas - é, até onde sabemos, eminentemente centrado no homem. A sua perspectiva é humana — social, não cósmica. É a religião racional da humanidade, se é que alguma vez existiu. Mas não mais do que uma religião da humanidade.

E quanto ao aspecto da religião Indiana que parece ter escapado a tendência pessimista geral do pensamento Hindu, ao mesmo tempo que aceita a ideia da unidade de vida, ou que floresceu antes daquela tendência geral de pessimismo tenha aparecido; quanto àquela perspectiva expressa, por exemplo, naqueles antigos hinos Védicos em que os conquistadores arianos pediram aos seus deuses numerosos descendentes homens, por rebanhos de vacas e pela força para destruir seus inimigos em batalha, certamente não pode ser acusado de ter uma tonalidade sobrenatural. Mas tem igualmente muito pouco a ver com o amor universal, como o bom Rei Asoka entendeu isso (se tomarmos as belas escrituras arcaicas como elas estão escritas). É o produto de uma raça saudável, guerreira, que sacrifica animais, muito semelhante, em espírito, aos Aqueus dos épicos Homéricos - uma das mais inteligentes e esteticamente preocupadas entre as raças robustas da Antiguidade, sem dúvida, mas certamente não de uma raça dotada das virtudes mais suaves dos Indianos do “período Budista”. E parece

justo notar que algo dessa perspectiva sobreviveu na Índia em quase todas as épocas, mais ou menos.

Em outras palavras, houve e ainda há filosofias “fiéis a esta terra” e centradas em algo mais restrito que a humanidade (em torno de uma nação, por exemplo, ou de uma classe, ou de uma família). Existem e existiram filosofias igualmente desprovidas de qualquer bem-estar humano. Existem e existiram religiões e filosofias com um pano de fundo de especulação ou fé de outro mundo, das quais algumas estão centradas no homem e outras em torno da vida em geral.

* * *

Mas não conhecemos nenhuma civilização histórica baseada numa sabedoria alegre terrena, implicando amor ativo para com todas as criaturas vivas; sobre uma religião deste mundo e desta vida em carne e osso, que não seria *nem centrada no homem nem pessimista, nem careceria de bondade verdadeiramente universal no Sentido Budista da palavra*.

Conhecemos apenas alguns poucos indivíduos que apresentaram tal filosofia, professaram tal religião - conscientemente ou inconscientemente – de vez em quando; alguns indivíduos dos quais o mais antigo e o mais ilustre parece ter sido Akhnaton, rei do Egito, e Fundador da Religião do Disco no início do século XIV a.C. - talvez o único homem que já sonhou em construir uma civilização mundial com base em uma sabedoria alegre como aquela a que acabamos de aludir.

A base do seu “Ensino de Vida” era extremamente simples. Foi, primeiro de tudo, a admiração entusiástica de um artista pela beleza da nossa Estrela-Pai. Foi também a afirmação de que deste nosso Pai visível e brilhante - o Sol - vem toda a vida e poder na terra, e isso, se precisarmos adorar qualquer coisa, o melhor é adorá-Lo, ou melhor, Seu “ka” ou alma: o Princípio energético na raiz de toda existência.

E parece ter sido cientificamente inabalável, pois implicava aquela ideia da equivalência de calor e luz e de todos os diferentes aspectos da energia, não menos do que - em última análise - da energia e daquilo que aparece aos nossos sentidos como matéria; a equivalência do “Calor e luz dentro do disco” (Akhenaton Um Deus eterno e impessoal) e do próprio disco solar ígneo.

A adoração do disco solar significava, na realidade, a adoração da imanente, Energia cósmica. Nenhum código de ética foi explicitamente

anexado à Religião do Disco, como sabemos. Mas o credo de Akhenaton, ao mesmo tempo que aceita a diversidade ordenada por Deus e defende a separação de raças por motivos religiosos[14], certamente implicava o amor mais amplo e imparcial, não apenas para com o homem, independentemente da raça ou nacionalidade, mas também para com todas as criaturas vivas, independentemente da espécie. Considerava-os todos como filhos e co-adoradores do único "Pai e Mãe" universal – o Sol; E no dois hinos sobreviventes dos quais podemos extrair nosso único conhecimento direto do seu espírito, a maravilha do nascimento e do crescimento, a alegria de estar vivo no lindo mundo iluminado pelo sol e o êxtase religioso de criaturas que adoram o Sol, cada uma a seu modo, são enfatizados, tanto no caso dos homens, quadrúpedes, de pássaros, de peixes e até de plantas, ao mesmo tempo.

E embora, infelizmente, nada tivesse restado daquele culto feliz de beleza leve e tangível, pode-se dizer quase sem risco cometer um engano que, se tivesse perdurado, teria sido talvez o único credo alegre de âmbito mundial, tornando impossível não reivindicar animais (e plantas) o direito ao nosso amor pleno e ativo na vida cotidiana. O que quer que possa ter sido as opiniões pessoais de Akhenaton sobre as visões da morte que ele parece nunca ter pregado - é certo pelos seus hinos que ele valorizava a beleza deste mundo em constante mudança, e mais do que toda a beleza de qualquer organismo vivo, amostra magistral do que o calor e a luz divinos podem produzir sob condições favoráveis. A vida individual, finita e breve como certamente é, foi preciosa aos seus olhos *porque é linda*. E sem qualquer especulação sobre a natureza íntima da vida, ou sobre o seu alegado "propósito superior"; sem nenhuma teoria sobre a alma das criaturas e seu destino final, um homem cheio do amor de jovem rei certamente ficaria perturbado com a ideia de qualquer sofrimento da criatura – especialmente do seu sofrimento físico. Ele seria obrigado a interferir em favor do cachorro de rua faminto, do gatinho sem teto, do cavalo sobrecarregado, burro, camelo ou búfalo que ele encontrasse em seu caminho, e fazer por cada um deles tudo o que um cristão sincero faria por um homem faminto, uma criança sem-teto e uma pessoa maltratada e sobrecarregada de trabalho escravo humano.

Os credos centrados no homem, baseados na suposição da natureza do valor especial do homem sem, aparentemente, qualquer pensamento para outras criaturas vivas, diga-nos para amar todos os homens como a nós mesmos. Os credos existentes de amor universal, centrados em torno da ideia de "libertação" das criaturas da prisão da individualidade finita, podem

[14] "Tu puseste cada homem em seu lugar, Tu os fizeste diferentes na forma, na fala e em cores; Como Divisor, Tu dividiste os povos estrangeiros (uns dos outros)." (Do Hino Mais Longo Ao Sol De Akhenaton).

ser interpretados de ambas as maneiras; eles levam apenas alguns homens para caridade realmente universal (extensa a todos os seres vivos) e permanecem, muitas vezes, para os outros, uma desculpa para a indiferença geral ao sofrimento. O credo baseado unicamente na plena consciência da beleza da luz do dia e da doçura da vida como tal, independentemente de qualquer metafísica; sobre a adoração filial da sutil Essência da Vida - Energia - através da resplandecente Estrela, origem e reguladora do nosso sistema planetário, esse credo, dizemos, implica logicamente simpatia ativa - uma espécie de sentimento caloroso de camaradagem - por tudo o que vive. Se, de fato, alguém realizar plenamente a fraternidade de todas as criaturas na condição de paternidade e maternidade do Sol que dá vida, e se alguém estiver feliz por estar vivo e ver Sua beleza, então não se pode, ao que parece, fazer o máximo para ajudar todos os corpos dotados de vida a viver e desfrutar de sua vida de anos; não se pode deixar de contribuir com o melhor de si para lhes dar, em cada circunstância diária, o que for necessário para que sejam e permaneçam, o que a finalidade íntima de sua natureza pretenda que sejam: belos hinos vivos de alegria ao esplendor dAquele cujo brilho e movimentos ordenam toda a vida na terra.

É esta alegre sabedoria que professamos seguir, na medida em que for compatível com a luta natural pela sobrevivência, cujas leis regem a Vida em todos os níveis. Pode não ser possível – pode até não ser essencial – que todos os homens devem aderir a ela por amor e reverência pela grande figura histórica que primeiro pregou e viveu de acordo com isso. Mas o seu espírito parece ser o único espírito digno de uma sociedade futura, melhor que a nossa; de uma sociedade em que o aumento do agnosticismo intelectual - já aparente entre as pessoas de mentalidade científica de hoje - excluíram afirmações metafísicas precipitadas, mas nas quais cresceram considerações pelo direito de todos os que sofrem (especialmente de todos os explorados) levariam logicamente o homem a incluir todas as criaturas sencientes dentro o alcance de sua simpatia ativa.

* * *

A pedra angular de todos os argumentos colocados adiante pelos crentes em credos centrados no homem (sejam esses credos religiosos, ou meramente filosóficos) parece ser que, de todas as criaturas vivas, só o homem é dotado de possibilidades de pensamento racional. E quando alguém tenta apontar que essas possibilidades muitas vezes se materializam

apenas em muito pouca extensão - ou de forma alguma - ou quando alguém comenta isso, para basear nossos comportamentos específicos em seres humanos em geral sobre suas faculdades "racionais", implica que deveríamos também tratar diferentes homens e grupos de homens de uma forma completamente diferente (pois a natureza *não* concedeu a cada pessoa, ou mesmo a cada raça, potencialidades iguais do pensamento racional), então os crentes na filosofia dos credos centrado no homem apelam para outro argumento. Eles nos garantem que todos os homens não pensam racionalmente; não, às vezes pode-se duvidar se alguns deles sequer pensam de forma alguma. Mas dizem-nos que todos são úteis, ou, pelo menos, que todos poderiam ser úteis, em uma sociedade bem planejada.

Dizemos que se quisermos dar prioridade ao mais medíocre dos homens sobre todas as bestas por causa de sua capacidade de inventar ferramentas e de fazer silogismos, então, certamente em tempos de fome, os trabalhadores humanitários deveriam alimentar uma criança inteligente e promissora diante de um idiota - o que eles não fazem - e todas as vezes, um homem de personalidade brilhante (e ainda mais um homem de gênio) deveria ser, quando ferido ou doente, mais bem cuidado do que um homem comum, o que não é o caso. Eles respondem que qualquer homem, mesmo muito abaixo da média, deveria ter preferência sobre todo o mundo subumano e vivo porque, seja lá o que for, ele é ou pode ser mais útil aos outros homens do que um animal - mesmo se ele não tiver mais alma imortal do que eles.

Pode-se duvidar, pelo menos no estado atual da sociedade, se todos os ociosos pouco criativos dos cafés e das avenidas elegantes reunidas em uma só são tão úteis para a humanidade como uma única vaca leiteira, um único animal de carga ou um único cão de guarda. Mas os nossos adversários retrucam que, apesar de tudo, são "seres humanos". Embora no atual estado da sociedade sejam preguiçosos e inúteis, eles permanecem potenciais pais e mães de bebês humanos. Seus descendentes, se não eles próprios, ainda podem ser oferecidos, dentro da estrutura de uma coletividade organizada mais racional, como meio de contribuir para o bem-estar comum de seus semelhantes como professores, camponeses, enfermeiros, ferreiros ou cientistas. Toda a energia humana é utilizável, se não sempre utilizada, para o bem comum da humanidade. Nem uma partícula dela deveria ser desperdiçada. Enquanto o que se pode fazer com a energia animal - além daquela que é usada para alimentar o homem ou desenhar seus carrinhos para ele ? Quais são as "possibilidades" de um cachorrinho, de um gatinho, de um filhote de tigre, de um jovem cisne, de uma jovem cobra ? Nenhuma

que possa interessar ao mundo humano. E os próprios animais "úteis" estão sendo substituídos, cada vez mais, por dispositivos mecânicos.

Pode-se de fato imaginar um tipo de sociedade em que os animais seriam de nenhum uso prático para o homem – nem mesmo como alimento; uma sociedade em que a inteligência do homem por si só manteria as coisas funcionando através da invenção de máquinas apropriadas e de alimentos sintéticos, e em que cada indivíduo teria que trabalhar sob compulsão. Mas mesmo que tal sociedade um dia passe a existir, e se inclui toda a raça humana, ainda assim a vida animal não perderia nada do seu valor aos nossos olhos, e a preocupação com o bem-estar dos animais continuaria a ser um dos maiores deveres do homem, pelo menos no caso de todos aqueles animais que dependem mais ou menos dele para sua subsistência.

* * *

No que diz respeito aos animais – e às plantas – os crentes nos credos centrados no homem parecem ser governados pela mera consideração de ganhos e perdas. Eles parecem ser pessoas para quem as coisas vivas têm um preço em conexão com algum propósito para o qual podem ser usados, e não um valor em si. E o propósito mais elevado com que podem sonhar é o "serviço à humanidade". Por que ? Deus sabe. Provavelmente porque eles próprios são seres humanos. Admitir a existência de algo mais elevado e mais precioso do que o "homem" – e tendo mais "direitos" do que ele à saúde e ao prazer – seria admitir que o homem (ou seja, eles próprios) pode ser usado com justiça no interesse daaquela coisa. E eles não querem chegar a tal conclusão – certamente não. Eles estão dispostos a explorar a natureza viva; mas eles evitam a possibilidade de serem eles próprios explorados, por sua vez, mesmo no interesse de tais superiores seres humanos como, por exemplo, deuses desumanos, ou para o maior bem-estar dos menos exaltados, mas mais tangíveis raças mestres que possam aparecer no cenário internacional. O resultado é que o único Deus em que conseguem pensar, se é que existe algum, é um Deus que ama o homem. Deus, que não criou nenhuma raça superior, salvo a própria humanidade, à qual deu como domínio o direito de nascença sobre todo o esquema da vida. Para eles, como já foi dito, as espécies que podem inventar ferramentas e extrair uma proposição do outro — a espécie a que pertencem — é a única realmente amável; a única, pelo menos, pela qual alguém pode se sacrificar. E o resto

dos vivos são apenas “úteis” ou “prejudiciais”, ou inofensivos, mas sem utilidade para o homem e portanto, sem interesse.

Não podemos pensar em nada mais repugnante, mais vulgar, mais mesquinho, do que esta atitude.

Não chamaríamos isso de “atitude de lojista”, pois os lojistas são gente respeitável, muitas vezes honesta e geralmente dotada de bom senso. Não chamaríamos isso de atitude “egoísta”, pois pelo menos algumas pessoas egoístas são francas e tão abertas, às vezes tem a coragem de ir aos limites extremos de tudo o que o seu egoísmo os leva. Quem busca lucro pode compreender outros que buscam lucro, embora não necessariamente os amem, especialmente se forem seus rivais. Pessoas egoístas entendem outras pessoas egoístas, embora possam detestá-las. Eles acham *natural* que sejam como eles são. Mas os nossos devotos de crenças centradas no homem são as últimas pessoas a compreender os crentes no direito das raças superiores ou mais eficientes de explorar os inferiores ou menos eficientes. Nossos filantropos, queimando com amor parcial e fanático, que destruiria voluntariamente todo o mundo animal, a fim de salvar um idiota humano, são as últimas pessoas a entender o nacionalista ardente que, com um sorriso, sacrificaria a humanidade pelo orgulho de seu próprio país, ou mesmo o oportunista desavergonhado que não menos facilmente trairia o país e a humanidade para seu benefício pessoal. A atitude deles é de uma falsidade e hipocrisia. Em vez de admitir honestamente que eles não são ousados o suficiente para serem meros oportunistas egoístas (por medo do que o demônios poderiam um dia fazer-lhes algo no inferno); nem fanático o suficiente para ser nacionalistas agressivos, nem inteligentes - e altruístas - o suficiente para serem verdadeiros racialistas, e não se importar com o que as pessoas “modernas” de mentalidade liberal possam pensar deles na sociedade; em vez de nos dizerem em linguagem simples que são capazes de elevar-se do egoísmo pessoal para um sentido de solidariedade humana, mas que eles não podem ir mais longe; em vez de confessarem que têm um gosto completamente ilógico, mas inegável, pelos seres humanos, mas nenhum ou muito pouco para outras espécies animais, mesmo para outros mamíferos - já que outros têm um carinho vital por seus próprios compatriotas, mas não se importam nem um pouco com o resto de humanidade - em vez de admitir isso, dizemos, eles tentam justificar o seu estreito amor com argumentos espúrios. Eles tentam fazer o que é uma questão de gosto – e na maioria das vezes não, de mau gosto – passam por uma questão de razão. Eles falham. E de todos os seus argumentos, nenhum trai a mesquinhez fundamental dos seus sentimentos mais do que aquele que

apresenta as possibilidades do homem ser "de maior utilidade para seus semelhantes" do que qualquer animal pode ser.

* * *

Para tentar justificar a exploração dos animais com base no fato do homem ser, ou deveria ser, a única criatura na terra dotada de razão, é tolice. Toda forma de exploração cessa, assim que deixa de ser apoiada por mera força física, na inteligência dos exploradores. Ao dizer que explorar os homens é esmagar as "possibilidades" e, portanto, é "errado", leva em lugar nenhum. Pois o que importa aos exploradores se as possibilidades de outros homens são frustradas ? E por que eles deveriam se importar ? Porque suas vítimas seriam mais "úteis para a humanidade" se for permitido o livre desenvolvimento ? Mas os exploradores não necessariamente se preocupam com o interesse da humanidade. Eles cuidam de sua própria vantagem imediata, e ficam tão pouco impressionados com os "valores humanos" exaltados nos credos centrados no homem como os meros humanitários estão por aqueles que consideramos sagrados.

Se, por outro lado, um homem sente pela humanidade em geral e por todos os seus vizinhos humanos em particular, por que ele deveria parar por aí ? Se ele sente que é "errado" não tratar os outros homens como ele próprio gostaria de ser tratado, por que ele não sente o mesmo em relação a todas as criaturas sencientes ? Razão e "utilidade" certamente não são as únicas coisas que tornam a humanidade adorável, se é que é assim. Por que eles deveriam tomar a justificativa de qualquer tipo de parcialidade para com os seres humanos ? Afinal, por que fazer tanto barulho sobre a capacidade do homem de inventar instrumentos ou imaginar discussões, ou melhorar o ambiente e trabalhar para outros homens ? Não pode uma criatura ser infinitamente amável sem possuir tais "possibilidades" ? Acreditamos que pode ser. Sabemos que realmente é. E qualquer um que tenha pegado um gatinho ou um cachorrinho, ou um passarinho, e sentiu-o viver em sua mão por enquanto, entenderá o que queremos dizer, a menos que ele próprio seja mais grosseiro do que a mais grosseira das feras. Uma bola macia, quente e fofa de pelo ronronante que estende patas de veludo com prazer, enquanto seus dois profundos olhos azul-esverdeados expressam confiança no amigo que o leva para casa; uma criatura que segue seu rastro de alegria e lambe a mão assim que sente que a ama; um pequeno corpo emplumado, com asas que batem, e um coração assustado que se sente batendo entre os dedos; e

todas as outras criaturas da terra, selvagens ou domésticas, são amáveis em si mesmos, sem que seja necessário que sejam "razoável" ou "útil". Eles são adoráveis só porque estão vivos. Sem teoria sobre Deus, ou a natureza da alma; nenhuma opinião sobre o desconhecido, sem metafísica de qualquer tipo - sem teorias "científicas" também – são necessárias para provar que assim são. Qualquer vida individual é, em si, infinitamente preciosa, como uma obra-prima da Natureza - como a obra de arte suprema. Qualquer forma bonita, mesmo inanimada, é preciosa em si mesma. Tanto mais se for dotada de sensibilidade; se aproveita a luz do dia e pode responder à gentileza. Aos nossos olhos, a mera possibilidade de ser saudável, bonito e feliz é suficiente para estabelecer o direito de todas as criaturas vivas serem bem alimentadas e bem tratadas até o momento em que morram naturalmente. A "razão" de um animal (ou de uma planta) reside na profunda imanência lógica que rege sua vida física - e suas emoções, também, no caso de uma besta evoluída. A sua "utilidade" reside nas suas potencialidades de beleza física. Isso é um tipo de razão e de utilidade que os melhores seres humanos - os desinteressados, os verdadeiros artistas – sozinhos podem compreender.

Quanto à ordinária razão silogística e prática e imediata utilidade, quanto menos se falar sobre eles, melhor. Eles deveriam ser os fatores discriminatórios entre homem e animal. Deixe-os ser levados primeiro em consideração, se é que é, como a base de distinções desejáveis entre seres. Os seguidores de credos centrados no homem nunca pensam nisso. Eles falam da "racionalidade" humana e da utilidade dos seres humanos; ainda assim eles nunca se perguntam se a pessoa que eles estão prestes a ajudar realmente fez uso de sua capacidade de melhorar o ambiente ou de trabalhar para os outros. Eles apenas ajudam ela - mesmo que ela seja a mais consumada imbecil, sofrendo o resultado de sua própria tolice; mesmo que seja o velho mais inútil e egocêntrico, nunca tendo se importado com ninguém. Hospitais e asilos estão abertos a todos. E nos tempos difíceis a comida é distribuída indiscriminadamente a todos os necessitados, sem qualquer investigação sobre a história de vida de cada um. Não é mesmo a consciência daquela possibilidade dos sofredores serem "úteis" que leva o humanitário para cuidar de seus semelhantes. É apenas o fato de que eles são seres, pelo menos exteriormente, mais parecidos com ele do que com os outros - espécimes da raça humana. O humanitário é um sujeito que rejeitou a lógica do racialismo, mas manteve toda a parcialidade sentimental ligada a todas as formas de lealdade do grupo. Ele acabou com o "fardo do homem branco" e descartou o orgulho das raças superiores por considerá-lo muito anticristão ou muito "não científico" para ele. Mas ele ainda se apega – ou tenta se apegar – a essa solidariedade elementar de sangue que é a

essência de todo racialismo. Ele se apega depois de tê-la distorcida e ampliada a tal ponto que perde tudo que foi vital e estimulante nele, em seus estágios iniciais, sem generosamente fundir-se com a solidariedade superior de toda a vida. *Un raciste manque* (falta um racista), isto é o que o humanitário é, e nada mais, desde que não consiga transcender a sua ideologia centrada no homem. Nós - que somos racialistas, e continuamos assim, desafiando a perseguição selvagem[15] — proclamamos, graças precisamente à nossa fé na hierarquia e ordem divina, a irmandade de todas as criaturas vivas, pelo simples fato de que elas estão vivas - produtos, em diferentes graus de evolução, do jogo daquela mesma Energia imanente que criou os maiores entre nós; crianças do Único, Sol vivificante, feliz por ver Sua luz e sentir Seu calor, como nós mesmos - e como aquele que uma vez fez da alegria da vida o centro de uma religião racional de âmbito mundial, se não, infelizmente, de fama mundial.

E acreditamos que, enquanto o homem se recusar a sentir os seus deveres para com toda a criação viva e até tentar justificar a sua relutância em cumprir eles, ele permanecerá nada mais do que o animal mais eficiente da terra - um animal que pode dominar os outros e usá-los para seus próprios fins mais sistematicamente e mais implacavelmente do que qualquer espécie da selva pode fazer, mas cujo horizonte emocional é tão estreito e cujo propósito é tão egoísta quanto aquele de qualquer animal gregário. Mais inteligentes, admitimos, do que abelhas ou formigas, elefantes selvagens ou aves migratórias; mais astuto do que os macacos com maior mentalidade social; mas levado à ação, no máximo, pelo interesse de sua espécie – pelo amor a sua própria espécie e nada mais; um animal que pode criar deuses, mas à sua própria imagem – como o “Grande Cavalo no céu” que os cavalos adoram, se houver alguma verdade em um dos contos mais encantadores de Anatole France[16], um animal que mente para si mesmo e finge que foi Deus que o fez, e somente ele, à sua própria semelhança - um coisa que os macacos maliciosos certamente afirmariam também em nome de sua espécie, com um pouco mais de inteligência e uma oferta muito maior de perversidade do que aquilo que a natureza lhes concedeu. Sim, o homem é potencialmente razoável. Mas, até agora, ele colocou sua razão a serviço do mesmo propósito que qualquer animal gregário teria buscado em seu lugar: o bem-estar de sua própria espécie e nada mais.

E isto está precisamente na capacidade de alguns homens irem além desse ideal, em vez de justificá-lo e exaltá-lo nas suas limitações; está dentro da capacidade de uma elite de transcender esse tipo de sentimento .

---

[15] Este livro foi escrito em 1945-46.

[16] *Les Juges Intègres*, em Crainquebille, etc. Edição Calmann-Lévy, 1930, págs. 198-199.

camaradagem restrito a mamíferos bípedes e lutar pelo bem-estar de outras espécies como bem são, e às vezes mais do que os seus; está na prontidão dos verdadeiramente melhores seres humanos para amar criaturas de tamanho e de natureza diferentes. moldam-se como eles mesmos, e às vezes mais do que eles mesmos, que vemos a superioridade real do homem. Essa superioridade ainda nunca se afirmou numa ampla escala. Mas algumas pessoas discretas, que encontramos aqui e ali, tendem a provar isso. E brilha em toda a sua glória, de vez em quando, em punhados de homens inspirados, fundadores ou seguidores ativos de religiões centradas na vida ou filosofias, conscientes e consistentes com os princípios da verdade eterna e amor verdadeiro.

Capítulo IV
A Ação Precede a Teoria

Falamos de várias filosofias correspondentes a diferentes perspectivas humanas sobre as criaturas vivas em geral e sobre os animais em particular. Devemos acrescentar rapidamente que a filosofia (ou religião) professada por uma pessoa não é sempre - nem mesmo geralmente - aquilo que a guia em sua vida cotidiana ao lidar com criaturas vivas de outras espécies. É claro que isso pode influenciá-la até certo ponto; e ela pode referir-se a isso, em alguns casos, para justificar sua conduta - como aqueles bons cristãos que nos dizem que não veem “nenhum mal” em comer carne, pois “Deus criou certos animais com o propósito de serem alimento do homem”. Mas ele nunca seguirá a lógica de seu credo de forma consistente e até ao amargo fim se isto estiver definitivamente indo contra o grão de sua natureza mais profunda. E quando ele respeita os seus princípios, é, na maioria dos casos, menos porque vê neles o resultado da “vontade de Deus” ou da “razão” ou do “interesse social” do que porque eles são a expressão natural e adequada de sua própria atitude mais profunda em direção à vida.

Um homem que sempre sentiu uma repulsa física insuperável por abate de animais, e para quem a simples visão da carne é nauseante, dificilmente se forçaria a se tornar um provável comedor de carne só porque os livros que ele foi ensinado a considerar sagrados ou infalíveis (sejam escrituras religiosas ou trabalhos “científicos”) parecem encorajar tal dieta em vez de proibi-la, ou porque o fundador de sua fé, ou os gênios que ele mais reverencia, obviamente comem carne. Ele pode nem sempre ter a coragem de denunciar a religião ou filosofia centrada no homem na qual foi educado, exclusivamente com base no fato de que sua ética não é alta o suficiente para ele (na verdade, chocantemente abaixo de sua própria ética natural.) Mas ele não conseguirá *viver* como a maioria daqueles que externamente professam o mesmo credo que ele.

Da mesma forma, um homem criado em um dos credos centrados na vida do Oriente pode muito bem agir, durante toda a sua vida, como se acreditasse que o homem era a única criatura na terra que vale a pena amar. Ele poderia admitir que todas as criaturas vivas têm uma alma imortal da mesma natureza que a sua, porque aprendeu a respeitar, ou melhor, admirar, os sábios que expressaram esta opinião, os livros que popularizaram isso. Mas nenhum ensinamento pode levá-lo a sentir pena do cão emaciado ou o

búfalo sobrecarregado que ele encontra na rua, se a simples visão de sua angústia não seja suficiente para movê-lo espontaneamente. Nenhum exemplo exaltado da história ou da mitologia, nenhum santo, nenhum líder religioso, nenhuma encarnação do divino pode forçá-lo a jogar o resto de seu jantar para um animal faminto, ou interferir em favor de um animal de carga maltratado, se seu bom coração não conseguir ordena-lhe que faça isso.

Existem muitas perspectivas de vida, muitas filosofias, muitas religiões segundo a qual a nossa relação com outras criaturas vivas aparece em várias luzes. Mas do ponto de vista do comportamento prático, existem, propriamente falando, apenas dois tipos de pessoas: aquelas que realmente amam os animais (e plantas) e aqueles que não o fazem. E pode-se, por sua vez, dividir o primeiro destes dois grupos em pessoas que amam toda a natureza viva de forma consistente, e pessoas que o amam, mas parcialmente ou ocasionalmente, sendo este último a imensa maioria dos chamados amantes dos animais e amantes da natureza.

* * *

Há mais a ser dito. Não só um homem raramente espera inspiração da fé ou filosofia que ele professa para determinar seu curso de ação em relação aos animais na vida diária, mas, qualquer que seja a sua fé professada ou filosofia, ele geralmente consegue justificar suas ações em nome dela, se ele for sofisticado o suficiente para sentir que precisa de uma justificativa. E as conclusões práticas a que diferentes pessoas realmente chegam, sobre a base aparente base da mesma crença, muitas vezes são igualmente defensáveis, embora contrárias.

Estamos, por exemplo, todos familiarizados com a crença, partilhada por muitos, que os animais (e, *a fortiori*, as plantas) "não têm alma", ou que, se tiverem alma é de uma natureza totalmente diferente da nossa, em particular porque não é imortal. Todos nós sabemos que o Cristianismo nos exorta a "amar o próximo", incluindo nossos inimigos, "como a nós mesmos", mas permanece completamente silencioso sobre nossos deveres para com criaturas sub humanas. Ainda assim é um fato que existam amantes dos animais criados na fé cristã que sentem que o mandamento de Cristo amar os inimigos implica mais naturalmente amar a todas as criaturas. Eles nos disseram isso. E de fato não há nada ilógico ou anticristão em sua atitude. E sabemos bem que, se fôssemos pessoalmente seguidores de qualquer forma

de cristianismo, sem dúvida aumentaríamos o vínculo a nossa solicitude natural por todos os que vivem com essa religião em particular, dizendo que, se alguém quiser "amar" um homem que assassinou seus pais, cometeu atrocidades contra seus compatriotas, ou roubou uma de suas subsistências, então pareceria óbvio que se deve, *a fortiori*, amar o cordeiro, o cabrito, a vaca e todas as criaturas inocentes e irresponsáveis o suficiente, pelo menos, não encorajar a hedionda indústria do açougueiro; e que se deve amar sapos e porquinhos-da-índia inofensivos o suficiente para protestar contra o uso deles em experimentos científicos. E também é um fato que se acreditarmos na alma humana apenas por ser imortal, essa crença, longe de nos levar a pagar mais atenção aos seres humanos angustiados do que aos animais, teria exatamente o mesmo efeito contrário. Pois uma criatura imortal pode muito bem esperar; aquele cujo apenas a vida está contida no espaço de alguns breves anos, não pode. Consequentemente, se se nos convencêssemos de que só o homem tem uma alma imortal, teríamos que alimentar o cachorro faminto antes da criança faminta, ou melhor, deixaríamos esta última morrer se não havia comida suficiente para ambos - um espécime de uma espécie tão segura que a morte é apenas a porta para uma vida mais ampla e melhor, não deveria se importar em morrer. E este nosso curso de ação seria perfeitamente lógico; muito mais lógico, em nossos olhos, do que o curso habitual.

Já vimos como uma doutrina centrada na vida como a da reencarnação pode ser — e é, de fato — usada para justificar atitudes práticas em relação aos seres vivos. Os grandes Mestres Indianos, ponderando sobre a unidade gloriosa subjacente a toda a vida (que a hipótese de nascimento e renascimento implica) concluíram que temos que considerar todas as criaturas como nossos seres semelhantes e ser gentil com eles – pelo menos não lhes fazer mal; e que é nosso dever de sentir por eles. Mas os milhões de hindus que facilmente deitam fora o excedente de sua comida sem pensar nos animais famintos que jazem à sua porta, e que nunca interferiria para evitar que uma criança chutasse um cachorro dormindo ou derrubando um ninho de pássaro; os milhares que venceram seus bois e búfalos, cavalos e burros sobrecarregados; quem impiedosamente torcer o rabo dos animais para fazê-los andar mais rápido; que carregam gatinhos recém nascidos indesejados longe de suas casas (ou dizer a um servo para levá-los embora) e deixá-los à beira da estrada para "se defenderem sozinhos", isto é, para morrerem de fome; alguns organizaram inúmeras reuniões públicas em protesto contra injustiças e algumas, às vezes, contra o sangue sacrifical em Templos Hindus, mas nenhum para acabar com as torturas infligidas sobre os animais em nome da ciência, ou a matança de gado nos matadouros

municipais, geralmente da maneira mais bárbara; que não mostraram um sinal de indignação, nem levantaram uma voz de protesto contra tais notícias, por exemplo, como a de um açougueiro de Calcutá sendo condenado a um mês de rigorosa prisão apenas por ter esfolado duas cabras vivas em 1943; esses milhões, dizemos, e esses milhares, se perguntados por que mostram tanta insensibilidade, apenas respondem que foi planejado de tal forma que todo indivíduo vivo deva sofrer o destino determinado pela soma de seus atos, e que os animais que passaram por dificuldades ou torturas sem dúvida mereceram isso pecando em suas vidas anteriores, embora ninguém saiba como.

E se a alegre Sabedoria que tentamos descrever no capítulo anterior conseguiu manter um domínio nominal sobre os homens; se a adoração da Energia eterna, através da beleza tangível da luz e da vida, como pregada por Akhnaton, permaneceu a religião oficial de qualquer sociedade organizada, o culto hereditário de algumas centenas de milhares de pessoas, é altamente provável que suas implicações lógicas relativas ao comportamento do homem em relação a outros seres vivos teria sido ignorado pela maioria de seus adeptos professos. É provável que quase todos estes teriam, a esta altura, deixado de ser diferente dos outros homens e que, ao se curvar ao Sol de manhã e à noite, e prestando uma homenagem externa àquele que uma vez cantasse a alegria e a beleza de toda a vida, teriam tolerado as várias crueldades de nossa época tão facilmente quanto os crentes em qualquer credo centrado no homem. E quando se percebe como mesmo os credos mais perfeitos parecem incapazes de inspirar, por muito tempo, uma conduta mais gentil e racional para qualquer pessoa, exceto os muito poucos de seus seguidores, ficamos quase satisfeitos com o fato de a bela e velha filosofia solar nunca ter se desenvolvido em uma doutrina popular difundida; que isso nunca se tornou a base de uma Igreja, o fundamento nominal de uma civilização.

Devemos dizer, no entanto, que com todo o poder de distorção que caracteriza a mente humana, teria sido muito difícil, se não completamente impossível, justificar qualquer indiferença ao sofrimento em geral, e em particular qualquer tipo de insensibilidade para com animais indefesos ou mesmo plantas, em nome daquele credo feliz que enfatiza a alegria de todas as criaturas em ver e sentir o Sol, e centrado principalmente em torno deste mundo tangível e desta curta vida.

* * *

O fato é que, como observamos acima, a ação precede a teoria, e não procede disso. Sempre que possível, a teoria predominante é usada para justificar a ação. Originalmente, tornou-se predominante precisamente porque era, ou parecia ser, o que justificava o melhor tipo de ação que as pessoas faziam espontaneamente. Sempre que não puder ser realmente usada, a ação continua a ocorrer sem o seu apoio; e, finalmente, é a teoria que é mudada para se adequar à ação, e não à ação para se adequar à teoria.

A lacuna que existe entre os ideais éticos de alguns credos (especialmente daqueles centrados na vida) e a conduta diária de sua média seguidores é geralmente tanto mais chocante quanto os credos são mais elevados. E os elevados padrões de comportamento que esses ideais implicam podem muitas vezes ser, ao que parece, contado entre os fatores responsáveis pelo completo fracasso mundano de um credo. Até hoje, nenhum credo que implique obviamente bondade ativa e consistente para com todos os seres sencientes alguma vez conseguiu impor-se na vida prática de qualquer sociedade humana. E onde quer que tal credo seja oficialmente aceito, e até exaltado (como na Índia hindu e nos países que professam Budismo) a conduta das pessoas em relação às criaturas vivas na vida cotidiana cai irremediavelmente aquém dos ideais estabelecidos pelos senhores a quem prestam homenagem externa.

O comportamento prático do homem em relação às criaturas de outras espécies depende, na realidade, não naquilo em que ele acredita, nem no que ele adora, nem no que ele sabe, nem no que ele poderia pensar dos animais e das plantas em geral. Depende, acima de tudo, sobre o que ele sente espontaneamente na presença dos exemplares individuais das diferentes espécies que encontra pelo caminho; sobre a sua reação instintiva ao ver um gato, um cachorro, um búfalo, um porco, uma árvore, uma lâmina de grama.

Depende também, em grande medida, do seu poder de imaginação. Os muitos carnívoros criados nas cidades que conhecemos, pelo menos na Europa, são, no fundo, amantes dos animais. Mesmo que tenham fome, são as últimas pessoas a sentir, ao menos a visão de uma ovelha, uma vaca ou um bezerro pastando em um prado, a propensão assassina que teria um tigre faminto na mesma circunstância. Sobre pelo contrário, são capazes de se aproximar do animal para acariciar sua cabeça, ou de colher um pouco de grama e flores e oferecê-las a ele, apenas para o prazer de vê-lo comer com as próprias mãos. Eles adoram assistir isso brincando pelos campos ensolarados, com o rabo no ar, ou vê-lo ruminando em atitude de repouso

calmo e confortável à sombra de alguma árvore. Se um homem aparecesse de repente e começasse a maltratá-lo, certamente correriam em sua defesa, e isso, provavelmente de uma forma veemente. No entanto, eles vão para casa e comem uma fatia de carneiro, carne ou vitela sem o menor sentimento de culpa. Embora eles saibam bem que alguma fera, tão viva, tão inocente e bela, tão disposto a responder às necessidades do homem e comer de uma mão humana como aquela na campina, morreu uma morte prematura e violenta para que um pedaço de carne pudesse aparecer em sua mesa; embora, nove em cada dez vezes, eles prefiram morrer de fome a matar suas próprias criaturas adoráveis; embora geralmente expressam um horror sincero depois de ler ou ouvir uma descrição vívida de um matadouro, ainda assim eles não conectam espontaneamente todo o horror da matança de animais com aquele específico pedaço de carne que vêem diante deles em um prato com batatas assadas e cebolas ao redor. Eles não imaginam automaticamente para si mesmos, pelo menos a visão disso, a agonia de uma ovelha, de um boi, de um bezerro, outrora apreciando o sabor da grama fresca e da luz do céu, e de repente dando seu último suspiro em uma poça de sangue. . . e para quê? - para que eles tenham carne de carneiro, vaca ou vitela em seu cardápio. Se eles realmente imaginassem que metade deles encolheria de horror e não apenas não comeria mais carne, mas também desprezariam todos aqueles que se recusam a abandonar esse hábito como um desprezo aos cúmplices de algum caso hediondo de assassinato. Mas eles não o fazem. O costume de se alimentar de carne e o conhecimento de que “os homens sempre fizeram isso desde o início do mundo” – a reação de delitos repetidos diariamente sobre o verdadeiro senso de valores de alguém - embotaram, se não completamente obliteraram, seu poder de visualizar imediatamente aquilo que desejam esquecer. Eles não são obcecados pela inevitável ligação entre um apetitoso assado com batatas ao seu redor e a realidade doentia da luta mortal de uma besta abatida, como seríamos. Toda uma série de associações de idéias foram reprimidas neles por uma “educação” desagradável, e eles não imaginaram o suficiente para revivê-la por conta própria.

O mesmo poderia ser dito sobre todos aqueles amantes inconsistentes dos animais que não recusariam o presente de um casaco de pele, ou melhor, quem não hesitaria em comprar um, se pudessem pagar; que tomam remédios (preventivos e curativos) preparado à custa do sofrimento de muitas cobaias e ratos brancos; e que contratam uma carnificina quando estão com pressa (em locais onde os táxis não estão disponível) sem ter certeza de que o cavalo não está cansado, às vezes até sem prestar atenção se o motorista bate ou não.

Um sentimento natural e espontâneo de simpatia por qualquer criatura viva individual, aliada a uma imaginação suficientemente vívida, é uma qualidade rara. E consequentemente, verdadeiros amantes dos animais - não apenas aqueles que têm animais de estimação, ou aqueles que explodiram em indignação ao pensar em uma forma de crueldade e toleram ou mesmo encorajam outros – são muito poucos. Verdadeiros amantes de plantas que sentem pelas árvores em si, e não apenas pela sombra, pelos frutos ou pelas flores que proporcionam, são igualmente raros. E isso, tanto no Oriente como no Ocidente - tanto entre as pessoas que professam acreditar na grande fraternidade de toda a vida, e aquelas cujas crenças e filosofias explícitas dão um lugar indevido ao homem dentro do esquema de criação.

* * *

Pode-se também perguntar se algum progresso substancial já foi feito nessa linha, desde o início dos tempos históricos. Pode-se até perguntar-me se a sociedade organizada não trabalhou deliberadamente para destruir sentimentos fraternos espontâneos em relação aos animais que poderiam ter existido em alguns dos melhores seres humanos que vivem fora de seus limites.

Enkidu, a quem os Deuses destinaram para ser companheiro e amigo de Gilgamesh, rei de Erech, que viveu há cerca de sete ou oito mil anos — ou mais — foi, a princípio, companheiro e amigo das feras, com quem ele morava sozinho. Ele usou sua inteligência humana para ajudá-los, e ensinou-lhes como superar a astúcia do caçador e evitar a morte. Mas, diz o antigo épico sumério, uma vez que experimentou o encanto da mulher, começou a ficar do lado do caçador contra seus antigos amigos e companheiros de brincadeira, até que logo ele consentiu em abandonar a sua morada entre os animais e deixar-se levar para cidade, tornando-se assim um membro confirmado da sociedade humana.

Esta estranha e triste história de uma figura meio mítica da humanidade primitiva é talvez a história de muitos dos melhores entre os homens primitivos -amantes entusiastas de toda a natureza, espontaneamente conscientes de que as feras da floresta são seus irmãos, até que a influência da sociedade, exercida através da mulher, restrinja a sua gloriosa liberdade, restrinja a sua generosidade indiscriminada, e reduza a sua visão ampla a uma perspectiva demasiada humana. Se assim for, é a condenação mais

eloquente da sociedade humana organizada tal como ela se apresenta dos longínquos dias de Enkidu até nossos tempos. É apontar - sem, provavelmente, os autores do conto arcaico pretendiam que assim fosse - uma das principais acusações que podem ser feitas contra a vida coletiva organizada, tal como tem sido concebida até agora. Isto mostra na própria origem da sociedade um tremendo egoísmo gregário, ligado ao sexo, e logo se expandiu da família para o tribo e para a espécie, *mas nunca além*; e nos faz ver, na organização da própria raça humana, um esforço crescente para colocar todas as vezes o domínio do mundo nas mãos do homem, para o benefício do homem exclusivamente. Ilustra a bem conhecida convicção do homem médio de sociedades primitivas não menos do que o homem médio de mentalidade social de hoje, tanto no Oriente e Ocidente: a convicção — mais forte ainda que a tradicional crença religiosa na unidade de toda a vida, onde quer que essa crença exista - que a exploração de toda a natureza viva, e particularmente dos animais, no interesse do homem, é normal e desejável, e que o inimigo do caçador (assim como do açougueiro, do cientista que faz experiências com criaturas vivas, etc.) é um inimigo da humanidade, enquanto aquele que, pelo contrário, aprova a matança de animais para a comida do homem, ou de infligir-lhes dor para o bem-estar final do homem - aquele que pelo menos não os ama o suficiente para ser perturbado pela ideia de tais atrocidades – é um homem "normal", um homem "são" e um amigo do homem.

Sejam quais forem algumas das grandes religiões e filosofias do mundo podem ser, *estas* parecem de fato serem a perspectiva da maioria das pessoas em todos os países – a sua perspectiva real, se não também aquela que professam abertamente ter. Doutrinas que pregam amor e bondade ativa a todos os que vivem nunca reprimem os sentimentos atuais de mais que uma pequena minoria de pessoas melhores. Onde quer que aparentemente seja bem-sucedido - ou seja, onde quer que seja nominalmente difundido, como o budismo – eles devem seu sucesso a outros fatores, não a esse lado de sua ética sobre a atitude do homem em relação a criaturas vivas que não sejam humanas.

Nada é mais raro, em todos os lugares - e nada sempre foi mais raro — do que o amor uniforme e indiscriminado pelos animais e até pelas plantas; amor que faz sentir por cada um deles individualmente.

Em alguns países do norte e noroeste da Europa, como numa parte a menos na América do Norte, as pessoas se orgulham de serem comparativamente mais gentis com animais do que em qualquer outro lugar, apesar dos credos fortemente centrados no homem que professam. Mas como já observamos, o seu amor pelas criaturas de outras espécies é

superficial. Profundo e parcial também. Essas pessoas são em geral, amantes de cães, amantes de gatos ou amantes de cavalos, ou talvez amantes de todas essas espécies e de mais algumas. Mas eles não são o que poderíamos chamar de reais amantes de animais. Muitos que acariciaram um gato ou um cachorro iriam impiedosamente afogar um rato numa armadilha, como se fosse a coisa mais natural no mundo. No entanto, os ratos têm vida e sensibilidade; e beleza também. Mas esses homens – "bons com os animais", como poderiam pensar que eles são - parecem esquecer isso. Eles parecem nunca ter sabido disso; nunca ter pensado nisso. Outros, que se opõem veementemente à experimentação científica em animais, não se opõem à caça à raposa ou à caça ao tigre, ou à caça ou captura desses animais igualmente belos cuja pele serve para fazer casacos de pele e regalos. E muitos daqueles que protestam contra estas e outras formas de crueldade, e que nunca sonhariam afogando um rato - que talvez também se recusasse a participar de uma caça ao tigre alegando que sentem pena dos esplêndidos felinos listrados - ainda não são consistentes o suficiente para desistir de comer carne e peixe.

Por outro lado, a maioria dos hindus para quem a dieta vegetariana significa mais do que uma mera tradição social – mais do que uma parte e parcela das regras de castas que regulam detalhadamente toda a sua vida - e que desprezam voluntariamente os maometanos e cristãos por não serem vegetarianos, não são amantes dos animais em tudo. Eles são, no máximo, amantes de vacas, e isso muitas vezes só teoricamente. Geralmente são as últimas pessoas a manter qualquer animal como animal de estimação, e se por acaso o fizerem, ter interesse real neles e mantê-los a longo prazo. Eles continuarão facilmente discutindo ideias filosóficas grandiosas (que em sua maioria têm pouco a ver com suas vidas) ou amplos programas nacionais e problemas internacionais que não têm poder para resolver, enquanto alguns gato, para quem eles nunca se importaram em dar um lar, continuam miando em busca de comida em uma distância audível. Eles não prestarão atenção à voz indefesa e angustiada; eles não interromperão o prazer que extraem de suas conversas inúteis, para procurar a criatura e dar-lhe de comer. Eles se vangloriam de sua superioridade sobre os povos carnívoros, mas comerão sua comida imperturbável pela visão do cachorro faminto deitado por perto e olhando para cima para eles com olhos ansiosos. E na maioria das vezes, quando terminam a refeição, pedem ao criado que leve embora as sobras e nem pense em dizer a ele para entregá-las para, o pobre animal. E o servo vai jogar arroz e os vegetais limpos na lixeira. O cachorro pode encontrá-los lá se quiser, eles te dizem. Sem dúvida os encontrará lá, misturados com cinzas e comida podre do dia anterior, e com todo o lixo da rua — talvez com

o cadáver de algum gato ou cachorro já fedendo. E isso comê-los-á "se quiser", isto é, se puder; se eles ainda são comestíveis, mesmo para um cachorro faminto; enquanto com um pouco de cuidado por parte do homem então orgulhoso de sua alta filosofia, poderia tê-los comido limpo e desfrutado do inteiro deles. Você diz isso ao homem, e ele responde a coisa usual que temos ouvida repetidamente - a resposta da besta humana egoísta e ciumenta para o problema dos animais famintos de Belgrado a Xangai — "há milhões de crianças famintas, e você fala de cães e gatos!" Este argumento não é usado apenas pelos vegetarianos hindus. Seria apresentado também por qualquer sujeito que acredite em um credo centrado no homem - por qualquer cristão ou muçulmano; ninguém que professe defender a unidade e a sacralidade de toda a vida, e cujo vegetarianismo é suposto ser, pelo menos em parte, um sinal dessa crença. É, independentemente de todos os credos professados, o argumento de maioria egoísta e insensível dos homens.

E o mais decepcionante de tudo é que, quando você aponta para o vegetariano piedoso que a comida que lhe restava não foi comida nem mesmo por alguma criança faminta, mas simplesmente perdida, o homem apenas sorri - como se seu o interesse por cães de rua era realmente algo engraçado em sua opinião. A sua própria falta de interesse por eles, assim como por todos os animais angustiados, não é nada engraçado. Isso é, à sua maneira, tão criminosa quanto a indiferença dos carnívoros para com o destino do gado levado para os matadouros e o incentivo diário que dar à horrível indústria da morte que poderia tão facilmente ser suprimida com um pouco de boa vontade da parte deles. Igualmente criminoso, dizemos, se não mais; é para o hindu vegetariano que professa externamente amar todas as criaturas; o comedor de carne (o carnívoro ocidental, pelo menos) não.

* * *

A maioria dos homens sente que a natureza viva existe apenas para ser explorada. E aqueles que mais se preocupam com certas formas, ou todas as formas, de exploração do homem pelo homem são muitas vezes os primeiros a apoiar a exploração mais completa da espécie animal pelo homem. Acreditamos que, enquanto esta atitude prevalecer no mundo, o homem não deixará de ser, ele mesmo, apenas um animal entre outros; mais inteligente do que os outros como regra, mas de forma alguma essencialmente diferente

de eles. Ele nunca se tornará a espécie realmente superior que *poderia ser* se ele apenas percebeu em que direção está sua verdadeira linha de progresso.

E enquanto o homem não for senão um animal, um pouco mais inteligente, mas não mais generoso que os outros, que direito ele tem, perguntamos, de reivindicar para si a preferência daqueles poucos indivíduos humanos cuja o amor imparcial se estende a tudo o que vive? E por que aqueles poucos deveriam conceder-lhe mais amor do que às outras espécies, e dar-lhe tratamento especial em todas as esferas da vida? "Solidariedade humana" parece, aos olhos deles, de maneira alguma algo mais admirável do que qualquer uma das mais desprezíveis formas de solidariedade, mais estreita aos olhos do universalista humanitário, que se orgulha de ter transcendido todos eles. Isso é, para nós, apenas uma expressão parcial de uma visão muito mais ampla e fundamental de solidariedade: a solidariedade das criaturas nascidas e alimentadas pela mesma Energia vital, alcançando todos eles, em última análise, através do mesmo Sol.

Admitimos, é claro - é preciso admitir - que a Lei da luta pela vida (e a luta pelo bem-estar) é inseparável da existência limitada no tempo; e que a ordem da Natureza é: "Mate e coma!", já que até as plantas são dotadas de vida (e, até certo ponto, de sensibilidade) e já que é preciso comer alguma coisa. Mas notamos que a sua lei férrea de luta pela vida e para o bem-estar é universal e que, especialmente num mundo cada vez mais superpovoado como o nosso, determina, e não pode deixar de determinar, a atitude dos seres humanos e das coletividades humanas uns para com os outros apenas tão impiedosamente quanto a atitude mútua de diferentes espécies. Isso justifica não apenas todas as guerras defensivas, mas também todas as guerras da chamada "agressão", na medida em que como são, do ponto de vista do chamado "agressor", a única ou a melhor solução para o dilema: "Futuro – isto é, sobrevivência biológica – ou ruína!" Desprezamos todos os homens que condenam as "guerras de agressão" e que, ao mesmo tempo, comem carne; não, desprezamos todos os pacifistas que não o fazem, nas suas relações cotidianas, vivem de acordo com o ideal de não-violência universal pregado pelos Jainistas. Desprezamos todos aqueles, sejam eles quem forem, que nunca levantaram a voz contra a experimentação científica em animais inocentes (que podem ser nem a favor nem contra qualquer causa) e que ousam condenar a experimentação sobre os inimigos humanos perigosos - ou potencialmente perigosos. Nós desprezamos todos aqueles que nunca se indignaram com a idéia do crime duradouro do homem contra o Reino vivo; - ao pensar na enorme rodada diária de dor *evitável* infligida pelo homem aos animais (e até às plantas) – e que, ainda assim, ousam falar de

“crimes de guerra” e de “criminosos de guerra”. Nós nós recusamos terminantemente a condenar a guerra - seja ela mil vezes uma guerra “de agressão” - enquanto a humanidade em geral persistir na sua atitude insensível para com a vida animal (e das árvores). E enquanto a tortura for infligida pelos homens a uma única criatura viva, em nome da investigação científica, do desporto, do luxo ou da gula, recusamos sistematicamente o nosso apoio a qualquer campanha que explore simpatia pelos seres humanos torturados - a menos que estes últimos sejam, é claro, tais aqueles que olhamos como nossos irmãos de raça e fé, ou pessoas próximas e queridas por eles. O mundo que exalta Pasteur e Pavlov, e inúmeros outros algozes de criaturas inocentes, em nome do chamado “interesse da humanidade”, enquanto marca como “criminosos de guerra”, homens que não se esquivaram de atos de violência contra elementos humanos *hostis*, quando tal era o seu dever a serviço da humanidade superior e no interesse de toda a vida, não merece viver.

Capítulo V
Luzes da Noite

A história da vida animal foi (e ainda é, até onde sabemos) um longo registro de exploração impiedosa por parte do homem, ou no máximo - no caso das feras mais afortunadas - a história de uma longa e cada vez mais desesperada luta contra a pretensão do homem de ter toda a terra para ele mesmo.

A destruição das espécies animais orgulhosas e livres começou com armas de sílex na época em que a maioria dos homens - dizem-nos cientistas - pareciam mais como macacos do que como aquilo que hoje chamamos de seres humanos. E isso continua até os dias atuais, com flechas antiquadas nas florestas escuras da África Central, com armas de fogo nos pântanos do sul de Bengali. Havia leões na Grécia até mil a.C. mais ou menos, e lobos na Inglaterra ao século XVII d.C. Não há nenhum agora. E os leões do Norte África, tão numerosos quando os Romanos conquistaram aquela parte do mundo - no século II a.C. - foram tão cruelmente caçados que agora são uma espécie à beira da extinção. Havia bisões em toda a América do Norte – milhões deles – mas há algumas décadas; quase não há hoje. Eles foram mortos em tal número que se tornaram uma rara curiosidade a ser cuidadosamente guardada em áreas reservadas. O homem tomou o lugar deles, construiu suas cidades e traçou os limites de seus campos cultivados – espalhou a rede de sua vida organizada sempre arrebatadora - sobre o verde das planícies sem limites onde costumavam vagar ao sol. O mesmo pode ser dito das lhamas dos Andes. Quatro anos depois de terem posto os pés no Peru, os espanhóis já tinham massacrado mais deles pela sua carne (e especialmente pelo cérebro, considerado uma iguaria), então os peruanos faziam ocasionalmente sacrifícios durante os quatro séculos que o Império Inca havia durado. O mesmo pode ser dito de muitas outras espécies animais atualmente extintas ou em vias de extinção.

As espécies que não são caçadas por pura “limpeza do espaço” ou meramente por “esporte”, são perseguidas por sua carne, ou por sua pele, por suas penas de cores vivas ou por suas lindas presas de marfim — pela satisfação da gula do homem ou da sua vaidade. O resto é domesticado e feito para ter filhos regularmente, para que o homem possa desfrutar ao seu coração contente de um suprimento contínuo de leite fresco e carne tenra; ou feito para funcionar para o homem sob a ameaça do chicote; ou injetados

com todos os tipos de doenças, então que o homem possa experimentar seus remédios antes de aplicá-los em si mesmo; ou torturado para satisfazer a curiosidade científica do homem; ou acariciados por um tempo como animais de estimação e então – quando o homem se cansa deles, ou quando ele está viajando e não pode, ou não deseja, levá-los consigo, ou quando as condições se tornarem de tal forma que não há comida suficiente para eles e seus próprios filhos - implacavelmente "colocado fora do caminho" – clorofórmio, se acontecer a uma filial da S.P.C.A. por perto e se seu dono for gentil; apenas jogado na rua, se for alguém que "não liga"; roubado e vendido por carne quando o homem tem falta de comida - como tantos cães e gatos estavam em diferentes partes da Europa durante o último inverno da Segunda Guerra Mundial; às vezes até, em tais tempos anormais, comidos pelos mesmos patifes que os criaram, que uma vez os alimentou com as próprias mãos e fingiu amá-los - por aqueles malandros que não tiveram coragem de se deitar e se deixar morrer de fome em vez de se tornarem tão covardes.

* * *

As pessoas provavelmente sempre foram, como regra geral, e em qualquer dada época, menos indiferentes ao sofrimento dos animais em alguns países do que em outros, embora, como dissemos antes, a sua atitude para com as criaturas vivas nunca ou quase nunca foi o ideal. Entre as nações da Antiguidade os antigos Egípcios, por exemplo, e mais ainda os Indianos do período Budista parecem ter sido os mais gentis. O número de feras e pássaros que o primeiro considerava sagrado até o início da era Cristã foi talvez uma expressão de amor espontâneo por todas as coisas vivas (incluindo tais inspiradores como crocodilos) como uma sobrevivência de crenças totêmicas obsoletas que remonta aos tempos pré-históricos. E gostamos de imaginar que a indignação selvagem daquela multidão egípcia, que teria dilacerado um soldado romano aos pedaços por ter matado um gato - indignação que tão bem entendemos — foi despertada por um sentimento mais nobre do que o mero medo supersticioso.

Mas, repetimos, parece nunca ter existido uma civilização que denunciou efetivamente a exploração dos animais e reconheceu plenamente os seus direitos (e mesmo os das plantas) por mais do que alguns breves anos. Os esforços do Rei Asoka para garantir o bem-estar de todos os seres vivos

dentro de seu reino, e as regulamentações drásticas de Harshavardhana contra a crueldade contra os animais nos dão apenas raros vislumbres da aplicação por lei, em escala nacional, de princípios generosos ainda nunca concebidos, mas por muito poucos. O mesmo espírito de amor universal que os inspira também encontrou expressão, séculos antes, nos belos hinos ao Sol do Rei Akhnaton. Mas não temos evidências de quão longe até mesmo os discípulos mais próximos de Akhnaton viveram à altura disso em suas vidas cotidianas. Além disso, qualquer que tenha sido a atmosfera que prevaleceu no seu ambiente imediato, mesmo em sua capital como um todo, durante seu curto reinado, sabemos que logo após sua morte nada restou de seus ensinamentos ou de suas implicações.

O fato é que mesmo as culturas mais ilustres do mundo - incluindo aquelas supostas a serem relativamente "humanitárias" – são, em geral, infelizmente, desprovidas de qualquer senso de consideração real pelo sofrimento não humano, bem como de qualquer preocupação séria relativa ao bem-estar dos seres não humanos *considerados por si mesmos*, e não pelo que o homem pode obter deles.

Recordamos a história da conversão de Enkidu à vida social, que significou o rompimento de todos os seus laços com as feras do deserto, que amavam ele, e que ele havia amado anteriormente. A estória pertence ao amanhecer da história – até tempos lendários. Mas os sentimentos em relação aos animais não parecem tornar-se mais amigáveis com o passar dos anos. Reunimos alguma ideia do que eram no Oriente próximo no século XXII a.C., daquela famosa compilação de leis, sem dúvida com correções e acréscimos, conhecida como Código do Rei Hamurabi da Babilônia — um código de leis elogiado pela maioria dos historiadores por sua equidade. Lá, como em todas as legislações posteriores dos países vizinhos que muito provavelmente lhe emprestaram os seus bens essenciais, os animais são considerados nada mais do que propriedade de seus proprietários humanos. Se, por exemplo, um homem pegou emprestado um boi e o devolveu coxo ou ferido, possivelmente como consequência de maus-tratos, ele deveria, de acordo com este código, compensar a perda que ele causou *ao seu proprietário*; dar-lhe uma quantia de dinheiro proporcional ao dano, ou dar-lhe outro boi se esse dano fosse irreparável. Em outras palavras, a lesão de um animal era punida, e não porque significava infligir sofrimento a uma criatura senciente, mas porque implicava alguma perda material para o homem que possuía e explorava aquela criatura.

Os próprios Egípcios, por mais gentis que tenham sido com nossos irmãos idiotas, em comparação com outras nações, parecem nunca ter alcançado, como resultado no seu todo, aquela consideração generalizada por todos os

seres vivos que tal rei como Asoka tentou criar entre os índios de uma Antiguidade posterior. O famoso baixo-relevo que retrata "um burro teimoso", num túmulo do Século XXVII a.C., testifica que os animais de carga - que não eram sagrados para eles - não eram necessariamente tratados pelas pessoas comuns, naqueles remotos dias, tão misericordiosamente como teriam sido em uma sociedade governada pelo espírito do ensinamento muito posterior centrado na vida do Rei Akhnaton, ou talvez por uma filosofia solar original muito semelhante de alguns poucos iniciados (de antiguidade imemorial, e provavelmente já meio esquecido no Egito do Século XXVII). A expressão lamentável da besta, com as orelhas achatadas contra sua cabeça sob o bastão grosso e ameaçador, faz com que nos arrependamos de que sem o equivalente de uma Sociedade para a Prevenção da Crueldade contra os Animais ainda não havia sido inventado no mundo, até onde sabemos.

Além disso, todos sabem que os egípcios em geral eram comedores de carne e peixe, e muitas vezes caçadores poderosos. Registros de perseguições bem-sucedidas, nas quais o escriba da corte exaltou cuidadosamente a habilidade e a coragem do Rei, são comuns no que chegou até nós em seus anais. E o curto reinado de Akhnaton parece ser um dos poucos que não o fizeram, até agora, render tais documentos; e aquele notável Faraó é um dos raros, senão o único dos quais se pode dizer, como Sir Wallis Budge, que "ele não apenas não era um guerreiro", mas "ele nem era um amante da caça"[17] - uma declaração que está plenamente de acordo com o amor de todas as coisas vivas que admiramos em seus hinos à glória do Disco solar.

Se um povo cuja consideração pelos animais surpreendeu os viajantes gregos dos dias clássicos não era mais completamente consistente com o ideal da verdade, amor universal, então e os outros? Dificilmente se esperaria muita misericórdia para com todas as criaturas por parte dos homens que trataram seus prisioneiros de guerra com tanta crueldade terrível como os Assírios costumavam fazer. E de fato, desde os numerosos e esplêndidos baixos-relevos que deixaram, parece que a caça de grandes animais era. Os hebreus, como são retratados no Antigo Testamento da Bíblia, parecem sempre ter considerado os animais como mercadorias exploráveis - leite além da guerra, o passatempo que esses lutadores implacáveis desfrutavam, potencial, lã, carne e trabalho - se eles fossem do tipo que seu Deus lhes permitissem comer ou lhes desse para usar, e pouco mais do que sujeira, se eles eram dos chamados "impuros", que eram proibido de comer ou mesmo de tocar. Eles parecem ter tido, às vezes, como muitos povos primitivos, uma estranha concepção da responsabilidade dos animais. Está escrito no

[17] Sir E. A. Wallis Budge: *Tutankhamon, Amenism, Atenism and Egyptian Monoteísm,* 1923, pag. 92.

Levítico que "se um homem se deitar com uma besta" e "se uma mulher aproximar qualquer animal e deitar-se sobre ele", ele ou ela *e o animal* "certamente serão condenado à morte", como se o infeliz animal, forçado a uma união antinatural por um ser humano perverso, tinha qualquer voz no assunto ou alguma participação na culpa. Este regulamento parece tanto mais injusto quanto, segundo o mesmo legislador, uma donzela estuprada à força não deveria ser morta junto com o homem que a havia indignado, pois não havia nela "nenhum pecado digno de morte".[18]

A fera indefesa foi considerada mais responsável do que a garota indefesa? Ou deveria ser destruída como mero instrumento do pecado, o que seria dificilmente menos irracional? O que é triste é que o espírito de tal legislação tenha persistido, como apontou Norman Douglas[19], até muito recentemente, entre as chamadas raças ocidentais progressistas que deveriam saber disso.

E no outro extremo do Mundo Antigo, nenhuma idéia de erro ético sempre esteve ligado, até onde sabemos, ao abate de animais para alimentação ou esporte, ou a outras formas de exploração deles pelo homem, nos livros de Confúcio e outros pensadores sábios, reverenciados pelos chineses; nem quaisquer deveres para com eles aparentemente foram enfatizados ou implícitos nos ensinamentos desses filósofos. O Budismo por si só parece ter realmente se espalhado, até certo ponto, para os países do Extremo Oriente, a ideia do corolário ético da crença na unidade da vida, no que diz respeito à nossa relação com os animais. E sua influência nessa linha parece ter sido muito pouca.

Quanto às nações pagãs clássicas que permanecem como o pano de fundo cultural imediato da Europa moderna – Grécia e Roma – há na sua literatura, ou nos dados tangíveis que revelam sua civilização, nada que possa indicar que eles tinham maior respeito à vida animal do que as nações que eles consideravam "bárbaras", ou que eles tomaram mais cuidado do que aqueles para evitar os maus tratos aos animais de fardo, ou para tornar a vida menos miserável para os cães e gatos perdidos e famintos em suas ruas.

É claro que podemos recordar o comovente episódio da Odisseia em que o velho cachorro de Ulisses o reconhece após vinte anos de ausência e morre feliz por tê-lo visto mais uma vez. Mas temos que admitir que há apenas, senão muito poucos relatos desse tipo de amizade entre homem e animal em toda a literatura grega, e essa misericórdia em geral – incluindo a misericórdia para com seres humanos - parece ter encontrado pouco lugar tanto no grego quanto no Mundo greco-romano, tão fascinante em outros

---

[18] Deuteronômio, 22, versículo 25-26.

[19] Norman Douglas, *How about Europe* ?

aspectos. Temos que admitir que o cristianismo deveu o seu triunfo, pelo menos, à perspectiva mais amável que originalmente trazida consigo quanto ao patrocínio imperial de Constantino.

* * *

Mas, como já dissemos, essa perspectiva mais gentil permaneceu estreitamente centrada no homem. A parcialidade em relação à raça humana como um todo substituiu a parcialidade em relação à tribo ou nação que prevaleceu na maior parte das antigas religiões do mundo - e em todas as religiões oficiais que conhecemos na Antiguidade oeste da Índia, exceto na curta Religião do Disco. E embora, graças à nova doutrina de que o próprio sangue de Cristo é a única expiação dos pecados do homem, os sacrifícios de sangue de antigamente tornaram-se obsoletos, ainda assim criaturas vivas não foram poupadas.

Alguns progressos substanciais a esse respeito poderiam ter sido alcançados, se apenas os cristãos observaram consistentemente aquela antiga injunção da lei Mosaica segundo a qual o gado não deve ser abatido a menos que seja trazido "à porta da tenda da congregação" para ser "oferecido como oferta ao Senhor, diante do tabernáculo do Senhor."[20] E não houve razão pela qual eles não deveriam ter observado isso, já que o próprio Cristo havia declarado que tinha vindo para cumprir a lei judaica e os profetas, não para destruí-los. Se tivessem feito isso, logicamente deveriam ter desistido de comer carne desde o dia em que ocorreu o único sacrifício humano supremo - o único sacrifício divino, como era aos seus olhos - teria sido oferecido como o resgate pelos pecados do mundo de uma vez por todas, queimando ainda mais ofertas inúteis. Mas — quer seja motivado pelo desejo de facilitar a conversão de pagãos, ou por qualquer outro motivo – eles não o fizeram. E por não fazê-lo, tornaram o abate de gado ainda mais horrível ao privá-lo de uma desculpa que tem (se é que isso pode ser chamado de desculpa) num mundo entregue à "superstição", nomeadamente do simbolismo religioso anteriormente associado a ela; de seu significado como um sacrifício ao Criador do homem e do animal. Os lugares de culto deixaram de ser também

[20] "Qualquer homem da casa de Israel que matar boi, ou cordeiro, ou cabra, em acampamento, ou que o mate fora do acampamento, e não o leve à porta do tenda da congregação para oferecer uma oferta ao Senhor diante do tabernáculo da congregação do Senhor, o sangue será imputado a esse homem; ele derramou sangue; e esse homem será eliminado do meio do seu povo." Levítico, 17, versículos 3 e 4.

local de matança. Mas a idéia de que o abate apenas por causa da comida - sem a menor ideia de sacrifício - era perfeitamente louvável; que o assassinato de um animal não era assassinato algum, e infligir dor a um animal sem pecado, logo se tornou a consciência daqueles que consideravam a oblação da Cruz como doravante o único eficaz.

Essa idéia, de fato, parece ter-se difundido por todo o mundo, onde quer que as antigas religiões de sacrifício não foram substituídas por nenhum credo que aberta e definitivamente caracterizava o assassinato de animais como um pecado. E mesmo lá - mesmo naqueles países, por exemplo, onde o Budismo é oficialmente predominante — infelizmente não se pode dizer que não tenha sido amplamente aceito. Os mais ortodoxos ainda podem rejeitá-lo. Mas o livre-pensador, o jovem, o “progressista”, parecem incluir aquela inconsistência desagradável dentro de sua perspectiva “reformada”: e a última religião difundida de misericórdia verdadeiramente universal parece ter se tornado, aos seus olhos, pouco mais que um distintivo político, um sinal externo do nacionalismo recém-nascido. Mesmo entre as pessoas que se espera que sejam budistas estritos – os monges da Birmânia, por exemplo – uma grande parte da casuística desempenha o seu papel (ou desempenhou o seu papel até muito recentemente) em questões de dieta.

Para que pudéssemos dizer que, em todo o mundo, os homens em geral deixaram de oferecer sacrifícios como seus pais fizeram, mas acostumaram-se a existência de matadouros como uma chamada “necessidade”, e sufocados em seus corações, em uma extensão ainda maior do que seus antepassados, a consciência da ligação de um homem com o resto das criaturas vivas e sencientes.

É claro que sempre existiram indivíduos cujas características naturais, o amor espontâneo pelas criaturas transcendeu a perspectiva geral de seus contemporâneos e correligionários; pessoas como São Francisco de Assis, que usado para falar de seu “irmão” o lobo e de seu “irmão” o burro, no meio de uma sociedade e de uma Igreja que negava uma alma imortal a bestas mudas; pessoas como aquele primeiro seguidor do Profeta Maomé que, em vez de perturbar um gato que tinha adormecido sobre ele, cortou um pedaço de seu manto para que ele pudesse se levantar e atender ao chamado à oração, e assim ganhou para si o sobrenome pelo qual agora é amplamente conhecido: Abu-Hurairah – “Pai dos Gatos”.

Aqueles homens aspiravam semi conscientemente a algum ideal de bondade integral que a maioria deles nunca conseguiu expressar em toda a sua intransigente clareza, e que muito raramente cumpriam, em todas as esferas da vida. Criado na tradição medieval da Cristandade, que considerava uma dieta vegetariana como “jejum” e não conseguia conceber

alegria além de comer carne, o próprio São Francisco — assim dizem — uma vez rejeitou veementemente a idéia, apresentada por um de seus monges, de passar o dia de Natal sem carne. E sem dúvida muitas outras pessoas menos santas e menos conhecidas, entre aqueles que reconheceram a irmandade de todas as criaturas vivas, foram não mais consistentes em tudo o que fizeram, disseram ou toleraram sem protesto.

Mas junto com eles sempre aparecem, de tempos em tempos, um número extremamente pequeno de homens que realmente encarnam, tanto em palavras como ações, o ideal de amor verdadeiro para com toda a vida, que é a própria essência da verdade ética eterna - do amor tão altruísta e imparcial quanto o calor e luz que nossa Estrela-Pai derrama indiscriminadamente sobre a minhoca e o super-homem, através da glória de Seus raios.

No Oriente, o Príncipe Siddhartha, do clã Sakya, universalmente conhecido como o “Desperto” ou o “Iluminado” - o Buda - se destaca como o mais glorioso de tais homens. Lendas comoventes preservadas no “Jataka” — a história das vidas anteriores do Buda, muitas vezes tão fantásticas quanto qualquer conto de fada quanto ao seu conteúdo real, mas fiel ao seu espírito de uma ponta à outra, - vai mostrar nele, de vida em vida, o predestinado Ajudante de todas as criaturas; o Amoroso, cuja compaixão irresistível permeia todo o esquema da natureza, e se manifesta, era após era, sem cessar. Como animal, ele sacrificou-se para salvar outros animais. Como um ser humano evoluído - um asceta na floresta - ele alegremente deu seu próprio corpo para alimentar uma tigresa faminta. E seu coração se encheu de ternura por ela e por toda a criação sofredora, e seu rosto brilhava de alegria divina — diz o autor desta bela história - como aquele que um dia se tornaria o Abençoado sentiu a fera faminta rasgar sua carne e lamber seu sangue, convidando seus jovens a tomarem sua parte da presa fácil.

E apesar da deplorável decadência da sua religião nas mãos de um clero egoísta e de um laicato apático - decadência que todo valioso doutrina tem experimentado como o resgate do sucesso mundial, e que ele ele mesmo havia predito - pode-se dizer que nenhum dos grandes professores do mundo contribuiu mais do que ele para a difusão da crença na unidade da Vida e na irmandade de todas as criaturas vivas, bem como da consciência dos deveres que esta crença implica.

A Ásia certamente percorreu um longo caminho no caminho da moral humilhação e morte religiosa desde a época da Comunidade dos monges, pretendia ser o núcleo de um mundo melhor - o “gangha”, no qual o O Mestre depositou sua esperança - começou a merecer as amargas críticas de sua os mais amargos detratores hindus. Mas, ainda hoje, a centelha permanece viva – a chama do amor verdadeiro, acesa há mais de vinte e cinco séculos pela

Abençoado, permanece tanto na tradição dos hindus quanto na dos nações que se vangloriam de ter aceitado o Budismo como uma das suas religiões oficiais. Por mais enfraquecido, por mais fumegante que seja, ele está lá. Apenas permanece - mais em a consciência das massas humildes e analfabetas da Índia em particular e de Leste Asiático em geral; desses milhões de pessoas de coração simples, apático é verdadeiro, mas ainda não irremediavelmente endurecido ou contaminado – ainda não tornado inensinável - e não nos chamados elementos “progressistas”, na maioria das vezes, os produtos teimosos de uma educação falsa, não suficientemente esclarecida para encontrar a verdade por si mesmos e muito vaidosos para aceitá-la de qualquer lugar mas pelos livros que sua formação no exterior os ensinou a considerar como infalível. Isso permanece. Empreender a sua revitalização significaria um tremendo tarefa, mas não totalmente impossível. A tradição está aí. A ideia de a irmandade de todas as criaturas vivas está intimamente ligada, nela, com a figura inesquecível do maior filho da Ásia. E ficamos surpresos com o poder de amor que deve ter irradiado do super-homem que conseguiu partir, por tanto longa, mesmo que tênue marca de sua passagem pela vida, pensamento e sentimentos de um continente inteiro.

Mahavira, o fundador da seita Jain, e o vigésimo quarto da seita “tirthankaras”, ou seres humanos perfeitos que, de acordo com a crença daquele seita, sucederam-se na terra antes dele, era aparentemente outro de aqueles raros homens cujo amor pelas criaturas deixou sua impressão no tradição de uma comunidade viva; o mesmo aconteceu, sem dúvida, muito antes de seu tempo, os autores de alguns dos Upanishads, nos quais a doutrina da unidade do toda a vida é já foi encontrada, e a essência da moralidade budista, até certo ponto, já implícito, embora a concepção ontológica por trás deles seja bastante diferente. Embora, mais tarde, o imortal Asoka da Índia e outros budistas governantes, patronos de sua fé dentro e fora da Índia (o príncipe Shotoku, por exemplo, no Japão dos séculos VI e VII) e homens como Harshavardhana, profundamente influenciados pelo Budismo sem, no entanto, terem sido seguidores exclusivos do o Caminho Óctuplo, e provavelmente também amando profundamente as pessoas de posição inferior, de quem a história não fala, honrou a Ásia, defendendo ali, até certo ponto talvez em nenhum lugar jamais igualado em tão ampla escala, o credo da misericórdia em relação aos animais - e até mesmo às plantas, tanto quanto possível - bem como em relação seres humanos.

E a pouca simpatia real pelos animais que ainda pode ser encontrada hoje, nos países da civilização budista e na própria Índia - apesar da da

absoluta maldade de muitas pessoas e da cruel indiferença de quase todo o resto - foi e está sendo encorajado pela persistente influência daqueles homens excepcionais que acabamos de mencionar.

* * *

Naquilo que pode ser amplamente chamado de "Ocidente", isto é, na Europa bem como nos países cuja história e cultura antigas estão no centro histórico dela - as nações da Antiguidade clássica e bíblica - e naqueles que podem ser considerados, pelo contrário, como seus descendentes - América e Austrália modernas - ainda não surgiu nenhum homem cuja bendita influência sobre seu tempo e posteridade podem ser comparados, no que diz respeito à bondade para com os animais, àquela exercida pelo Buda ou pelos seus poderosos discípulos no Oriente.

Isso não significa que os Ocidentais como um todo se sintam menos simpaticamente para com nossos irmãos subumanos do que as pessoas comuns da Índia ou dos países Budistas são; ou que eles são mais insensíveis à vida animal, mais indiferentes ao sofrimento dos animais. Nem significa que nenhum desses seres santos, personificação do verdadeiro amor universal, jamais tenha nascido a oeste do Golfo Pérsico. Já tentamos mostrar que a crueldade e bondade são de todas as terras e de todos os tempos, apenas tomando expressão diferente em ambientes diferentes. E homens excepcionais que sentem intensamente a beleza e sacralidade de toda a vida como tal; que, sem dúvida, amam seus animais de estimação se tiverem qualquer, e pode possivelmente preferir certas espécies animais a outras, mas que, ao mesmo tempo, percebem que todas as criaturas vivas são seus irmãos, e que amam eles de forma espontânea e consistente; tais homens, dizemos, certamente o fazem e sempre aparecem além da esfera de influência tanto do Budismo quanto do Hinduísmo mais amplo. E alguns deles não podem deixar de ser encarados como luzes de verdade de primeira grandeza, brilhando, assim como as do longínquo horizonte do Oriente, na longa noite de egoísta ignorância, covardia e insensibilidade que ainda envolve a terra.

Nestes dias atuais, mundo de pesadelo[21], — o resultado da vitória dos Poderes das Trevas - não podemos, infelizmente, dizer uma única palavra a glória da grandeza de todos os homens Ocidentais de amor e visão; do

---

[21] Este livro foi escrito em 1945-46.

inspirado Profeta (pois foi isso que ele foi) que lutou pela reinstalação de uma ordem mundial em sintonia com a ordem divina da natureza: uma ordem mundial em que os belos animais saudáveis tinham direitos, enquanto os homens decadentes não tinham nenhum. O que quer que pudéssemos dizer seria amargamente usado contra nós e nossos irmãos na fé, e contra a própria causa da Vida que pretendemos servir. Quem sabe vai nos entender sem que mencionemos o nome do líder divino. Aqueles que não sabem ainda assim, um dia saberão (se tiverem alguma inteligência) e admitirão que fomos certos, e colocar o único grande governante vegetariano que o Ocidente já teve à frente daqueles expositores mais intransigentes da perspectiva centrada na vida que são, ao mesmo tempo, homens de ação.

Um dos mais notáveis portadores da tocha em tempos *relativamente* recentes, - de quem podemos falar - parece ter sido aquele gênio versátil da Renascença, defensor de tudo o que era eterno nas culturas cristãs e pagãs, semelhantes, a quem nem o Cristianismo tradicional nem o Helenismo ressuscitado poderia satisfazer, e cujo trabalho, pensamento e vida revelam que ele foi um homem em sintonia com a Realidade cósmica: Leonardo da Vinci. Seus biógrafos nos dizem que ele amou consistentemente tudo o que vivia, não apenas abstendo-se de comer carne, mas fazendo também o seu melhor para ajudar qualquer criatura angustiada que encontrasse individualmente. Diz-se que ainda criança ele lutou para defender uma toupeira, torturada por outras crianças, e sofreu um castigo injusto por ter feito. E os comentários com que recorda esse incidente, muitos anos depois, em seu diário, mostram que ele se baseou durante toda a sua vida na ética natural e verdadeira de sua infância. E a sua grandeza a esse respeito aparece ainda mais quando se pensa nas atrocidades horríveis cometidas contra os animais em nome da pesquisa científica na época de da Vinci e, mais tarde, por representantes da "Novo Pensamento" que careciam inteiramente de seu amor universal - quando se pensa, por exemplo, do processo que Azelli descobriu o fenômeno da digestão nos intestinos nus de um cão vivo e aberto - ou quando nos lembramos da atitude revoltante de outros homens conhecidos para com as criaturas, como a de Descartes e. Malebranche, precursores filosóficos e cúmplices de todos os crimes perpetrados em animais por causa do "conhecimento" (ou melhor, informação científica) em nossos tempos.

Não podemos pensar em nenhuma figura proeminente dos primeiros quinze séculos de história cristã que poderia ficar em paralelo com o grande artista italiano por uma vida de bondade consistente e ativa para com todos os seres sencientes e uma compreensão inteligente do valor de qualquer ser vivo.

Não sabemos – e ninguém pode orgulhar-se de saber com base em evidência séria - se o professor religioso cuja personalidade domina todos esses séculos e toda a civilização da Europa como vemos,se o Jesus histórico, era tal pessoa ou não. Tudo o que se pode dizer dele é o estar a ser encontrado nos quatro evangelhos — uma seleção, entre muitos outros, de relatos de sua vida registrada por escrito, em sua forma atual, há mais de cento e cinquenta anos depois de sua morte, para dizer o mínimo. Como observamos em um capítulo anterior, o profeta que ocupa o centro daquelas fascinantes histórias não parece ser um amante consistente de todos os seres vivos, imparcialmente. A maioria de seus seguidores ingleses modernos poderiam igualá-lo – e vencê-lo – nesse aspecto. Gostaríamos de acreditar que o atual profeta de Nazaré estava mais em sintonia com o espírito do amor integral do que pode deduzir à primeira vista dos relatos que seus admiradores entregaram até nós; gostaríamos de pensar que o operador de maravilhas que aparece na história da pesca dos peixes, e na dos porcos Gadarenos ou da figueira estéril, é apenas uma distorção infeliz dele, ou um personagem totalmente estranho para ele, cujo nome foi confundido com o seu; ou que ele mesmo age nessas histórias, mas "simbolicamente". Mas infelizmente não temos nenhum sólido motivo para fazê-lo.

De qualquer forma, é preciso voltar ao tempo de Jesus – século I d.C. - para acabar com uma figura imponente de historicidade inegável cuja filosofia implicava o respeito por toda a vida e a bondade para com os animais, bem como para com as pessoas, e cuja vida impressionou suficientemente seus biógrafos para que eles nos dissessem que estava de acordo com seus elevados ideais. Este homem, pouco conhecido do moderno público em geral, é o sábio neopitagórico Apolônio de Tiana, a quem alguns autores, num espírito polêmico, caracterizaram-no como "o Cristo pagão". O fato de que, por melhor que fosse, ele não era um isolado ideólogo sem tradição e sem seguidores, mas a perfeita personificação da filosofia de uma seita; o mestre, em seus dias, de uma escola de pensamento e ética que se orgulhava de traçar sua existência até Pitágoras, setecentos anos antes dele - de uma seita, também, que não morreu com ele - o torna, historicamente, ainda mais importante.

Sabemos que ele não estava apenas familiarizado com os principais princípios do pensamento Oriental, como o eram todos os neopitagóricos, mas que ele havia viajado à Índia e lá aprendeu, minuciosamente, com ascetas experientes, outros segredos da difícil arte conhecida como yoga – o controle da mente através do corpo, especialmente da respiração. Ele foi, como muitos daqueles que praticam essa arte, jurado ao celibato. E embora o

amor de todas as criaturas, revelado em muitos episódios de sua vida, foi provavelmente um traço inato de seu caráter, como com outras almas verdadeiramente grandes, pode-se imaginar que seu contato direto com Budismo e Hinduísmo numa época em que esses sistemas de pensamento estavam em seu pleno vigor, o teria encorajado fortemente em sua tendência natural, dada uma justificativa filosófica para suas tendências éticas espontâneas, e apoiando sua própria intuição da verdade à luz de toda uma civilização. E quando se lê sobre a recusa daquele sábio Grego em testemunhar um sacrifício de sangue[22] ou abandonar sua dieta vegetariana estrita; e quando alguém percebeu que seu espírito não era apenas o de um indivíduo específico, mas também, como dissemos, de uma escola, pode-se muito bem perguntar se a própria civilização Ocidental não teria tomado um rumo mais nobre - reconhecendo, há muito atrás, na prática e também na teoria, o direito de todos os seres vivos - se apenas o pensamento Indiano, e especialmente o pensamento Budista, tivesse conseguido jogar em sua formação o papel direto desempenha pelo Cristianismo. Teria, então, é verdade, experimentado todas as desvantagens do ascetismo Cristão primitivo, e que, talvez, em escala ampliada. Mas quem sabe até que ponto as raças ocidentais militantes teriam finalmente cumprido o dever de misericórdia para com todas as criaturas vivas, se eles aceitassem isso nos dias de Apolônio de Tiana, como consequência da crença na unidade da vida, juntamente com os elementos helênicos de sua crescente cultura? — em outras palavras, se a base de sua cultura tivesse sido Indo-helênica em vez de judaico-helênica; teve o “Cristo Pagão” e os pensadores de sua escola exercido sobre eles uma influência comparável a do Messias Galileu e seus discípulos ? Talvez eles tenham sido, no longo prazo, mais consistente do que a média dos seguidores Orientais de credos centrados na vida. Quem sabe?

É inútil falar do que *poderia ter acontecido* sob diferentes circunstâncias. Mas permanece o fato de que a única tradição importante de verdadeira bondade universal, se houver, na Antiguidade ocidental; aquele em que o abate animal e o consumo de carne eram definitivamente considerados abomináveis - a Pitagórica, continuada por algum tempo, ainda durante a era Cristã, pelo neoPitagórico - foi sem dúvida influenciada por correntes de pensamento de Índia. Parece que era cada vez mais assim; ou pelo menos sabemos cada vez mais com certeza de que assim foi, à medida que passamos do próprio Pitágoras, cujas conexões com o Oriente são vagas, embora óbvias, para os pensadores tardios que se orgulhavam de uma

[22] Mauro Menier : Apollonyus de Tyane.

tradição que leva seu nome, em particular, aquela mais endividada de todas com o Oriente: Apolônio de Tiana.

Acabamos de mencionar Pitágoras. Pouco pode ser dito com certeza sobre sua vida. Só podemos inferir, a partir de alguns dos princípios de sua filosofia – da dieta vegetariana estrita que seus discípulos observaram, e por sua crença no dogma do nascimento e do renascimento, provavelmente emprestado do Oriente — que ele foi um dos raros grandes professores nascidos no oeste da Índia, cuja perspectiva ética não estava centrada nem em torno de qualquer comunidade humana "escolhida" arbitrariamente (como era a dos Hebreus) nem em torno do "homem", mas decididamente em torno da vida como tal.

Não sabemos se ele foi ou não o primeiro na Grécia que teve essa perspectiva, mas ele parece certamente ser o primeiro no mundo Ocidental, tal como o definimos, capaz de criar uma tradição de respeito pela vida animal, se não em larga escala, pelo menos entre um pequeno círculo de seguidores próximos.

Até onde sabemos, o único grande pensador antes dele cujo credo de amor logicamente implícito e bondade ativa para com todas as criaturas é daquele extraordinário jovem rei do Egito no início do século XIV a.C., de quem um pouco já foi dito no capítulo anterior: Akhnaton, o Fundador da Religião do Disco[23].

Seu belo culto solar, o mais racional que já foi concebido - uma religião que poderia ter sido inventada para satisfazer as concepções científicas de nossa idade, como observou Sir Flinders Petrie - parece ser ao mesmo tempo, a única religião oficial pregada no oeste da Índia, centrada em torno da vida (e não do homem) e que revelou um amor tão verdadeiramente universal como o fizeram as grandes religiões asiáticas de misericórdia. O fato é tanto mais surpreendente quanto, na medida em que é possível verificar tal coisa no estado atual da investigação histórica, a Religião do Disco evoluiu independentemente de influências estrangeiras. As religiões asiáticas de misericórdia estão, de fato, aqui, fora de questão, uma vez que a mais antiga delas - o Budismo - surgiu há cerca de novecentos anos depois de Akhnaton. E o Hinduísmo Védico - o único culto Indiano semelhante em alguns de seus aspectos ao do "Calor e Luz dentro do Disco", e o único como velho ou mais velho que ele - não pode ser realmente provado que teve qualquer conexão com ele. Além disso, a perspectiva moral belicosa dos Indianos védicos não poderia deixar de ser definitivamente diferente da de Akhenaton, embora a sua concepção do universo poderia ter sido mais ou menos igual à dele.

---

[23] Ver capítulo III, página 24 em diante.

O jovem vidente permanece, portanto, como o primeiro professor registrado a oeste da Índia — e talvez a primeira no mundo — a ter tido uma consciência totalmente clara da suprema beleza da vida em todas as criaturas sencientes, desde o homem divino que ele próprio se dedicava às plantas, e que as amava em cada um deles, imparcialmente, como a letra e o tom geral de seus hinos mostra sem dúvida.

Sua religião oficial durou pouco mais do que seu curto reinado. E nenhuma escola de pensamento comparável à pitagórica e neopitagórica - muito menos aos poderosos seguidores do credo posterior bem-sucedido - sobreviveu à sua tentativa histórica de espalhar a verdade. Nem é possivel, por qualquer esforço de imaginação, para apontar, mesmo que seja uma vaga filiação entre aquele aspecto particular do seu Ensinamento alegre e centrado na vida que acabamos de lembrar, e uma ou mais das religiões menos antigas que deixaram sua marca na consciência humana. Embora logo distorcida, a idéia da unidade de Deus e fraternidade do homem, sem dúvida implícita em seu ensino, alcançou a posteridade e viveu em outros credos ocidentais. Sua ideia da unidade da Vida e da Fraternidade de todas as criaturas, não. E ele fica sozinho, nesse aspecto, como em tantos outros - um dos primeiros, se não o primeiro daquelas “luzes nas trevas”, como caracterizamos os poucos precursores de um mundo melhor: de um mundo em que se ajudaria todas as criaturas a viver com saúde e aproveitar o sol.

* * *

Só nos nossos tempos é que a ideia de que temos deveres para com seres vivos que não sejam humanos começou a surgir nas mentes não apenas de um ou dois homens excepcionais, mas de pequenos grupos de pessoas comuns, em certos países, pelo menos, e que, independentemente dos credos centrados no homem ou na vida ou na nação que essas pessoas podem professar. Só nos nossos tempos é que portadores da tocha da velha verdade conhecida pelo mítico Enkidu antes da perversão desses sentimentos (e para todas as pessoas boas, antes da devastação de uma educação odiosa sobre sua consciência mais profunda) podem falar em público dos direitos de todos os viventes. Só nos nossos tempos, repetimos, é que um defensor da causa dos animais explorados, como Bernard Shaw, pode escrever seus impeachments imortais da maldade, covardia e estupidez humanas - o prefácio ao seu “Dilema do Médico” e o capítulo sobre as atrocidades de Pavlov em obra mais recente — e vencer, junto com a oposição fanática de muitos, o apoio sincero e inteligente de vários Ingleses,

Alemães, Escandinavos e Americanos, e de um punhado de indivíduos no resto do mundo. Só nos nossos tempos é que, em alguns países pelo menos, algumas pessoas, apesar de todos os horrores que ainda toleram no nome da alimentação, do esporte, do vestuário, da pesquisa científica e da terapia, não permaneceram, como outros, tão insensíveis quanto selvagens absolutos. Só nos nossos tempos é que leis estão começando a ser feitas - não apenas por governantes, épocas à frente de seu povo, mas por pessoas comuns eleitas por outras pessoas comuns como membros de órgãos legislativos - a fim de proteger os animais contra o homem *em fundamentos morais*. Só hoje é que a verdadeira agitação em apoio aos direitos dos animais está a tornar-se possível, pelo menos em certos países.

A evolução do homem parece realmente ter sido muito lenta nesse aspecto. Não podemos deixar de sentir um triste espanto quando contrastamos o progresso do homem em questões técnicas, bem como em atividades puramente abstratas, com sua estagnação num nível de amor terrivelmente baixo; quando pensamos, por exemplo, em homens familiarizados com a natureza das estrelas ou com a textura íntima dos átomos alimentando-se da carne de criaturas sencientes como os mais grosseiros e ignorantes de seus ancestrais caçadores do paleolítico: tempos. E não podemos deixar de nos maravilhar com todos os mais na superioridade dos poucos que, de tempos em tempos, transcenderam a velha lei da selva "o certo é o poder", comum a todos os animais carnívoros, e consideravam toda a natureza viva como uma coisa bela a ser amada - não apenas uma "forma de vida inferior" a ser explorada no interesse dos mais astutos da espécie humana.

Só podemos esperar que a crença na existência de direitos de criaturas mudas, que parece estar a penetrar nos corações de uma população que cresce lentamente em número de nossos contemporâneos, continuará a se espalhar, e que poderemos ser testemunhas, daquele amor sincero de animais e até plantas partilhados hoje, em alguns países, por uma população mais média de homens do que nunca (embora ainda muito poucos), o alvorecer de uma nova era; o primeiro sinal do início de um mundo melhor, que vai tomar forma, ninguém pode prever quando, nem depois de quais convulsões futuras.

Resta examinar o que deveria ser feito para acelerar esse processo de mudança realmente desejável.

Capítulo VI
Dieta, Vestimenta, Diversão e Trabalho Duro

Já comentamos que há comedores de carne que sairiam de seu modo para ajudar um animal, e vegetarianos que simplesmente não fariam nada - que até têm o hábito de maltratar os animais, ou que os negligenciam. Por mais ilógico que isso possa parecer, é um fato. Vegetarianismo - a menos que isso seja uma recusa consciente, proposital e determinada de encorajar a indústria da morte, que raramente se encontra em seu pleno e intransigente vigor - é tudo menos um certificado confiável de bondade para com todas as criaturas sencientes.

No entanto, embora muitos amantes sinceros dos animais nos países carnívoros podem não estar suficientemente consciente disso, há, sem dúvida, uma contradição em alimentando-se de carne quando se percebe os laços de fraternidade que nos unem a toda a vida - especialmente para os animais de sangue quente, tão semelhantes a nós em sua expressão de dor física - e quando alguém sentir que coisa horrível o abate de animais é. Mesmo que pudesse ser provado que mais de um dos mais genuínos defensores das filosofias centradas na vida o fizeram, isso não o tornaria de modo algum menos lógico. Isso apenas provaria que algumas grandes pessoas são menos consistentes com o espírito de seus próprios ensinamentos do que esperaríamos que fossem - uma situação triste, mas de forma alguma um reconhecimento surpreendente do engano humano.

Achamos que se pode facilmente rejeitar o argumento tolo daqueles que dizem que “os animais invadiriam o mundo e nos comeriam, se ninguém os comesse”. Se isso fosse assim, então o homem deveria ter sido “invadido” e extinto há muito tempo, pois o número de espécies animais que ele realmente come é muito limitado. Como é que outras espécies, livres para se multiplicarem *ad infinitum*, permitiram-lhe viver até agora?

Uma afirmação mais estúpida do que a que acabamos de citar dificilmente pode ser feita, já que são precisamente os mais mansos, os mais indefesos e os mais inofensivos dos animais – bois, ovelhas, cabras e porcos – que são diariamente sacrificados à ganância gulosa do homem nos matadouros públicos, e não os javalis selvagens, nem ursos, nem cobras venenosas, nem tigres comedores de gente. Além disso, na situação atual, em que as

espécies comestíveis têm sido majoritariamente domesticadas, a taxa de natalidade entre esses animais depende inteiramente do homem. Na verdade, os machos e as fêmeas são propositadamente reunidos e obrigados a ter crias jovens para que o homem não perca seu suprimento regular de carne tenra - um processo de exploração mais revoltante, se pensarmos apenas nisto. Se eles fossem deixados sozinhos, há poucas chances de que seu número aumentasse com a mesma rapidez. Nas raras regiões onde elas ainda são selvagens, bestas carnívoras de tamanho maior impediriam seu aumento atacando eles. Nas outras áreas do globo, onde a inteligência humana regula tudo que quiser, não haveria necessidade de se multiplicarem além de certos limites - não precisariam deles para que se multipliquem, na verdade, exceto na medida em que for necessário para manter suas espécies vivas; para o homem, uma vez que ele desistiu da idéia doentia de trazer à tona animais jovens para o açougueiro, certamente não permitiria que os machos domesticados e as fêmeas se encontrassem apenas em intervalos suficientemente raros.

Qualquer pessoa que tenha um mínimo de sensibilidade e refinamento admitirá que é uma ação horrível levar as fêmeas de qualquer espécie a gerar filhotes apenas para o abate. E o lado mais patético da questão é que, como observaram em outro capítulo, o número de comedores de carne, pelo menos na Inglaterra, Alemanha e na América – e certamente em outros lugares também – parecem amar a beleza de um cabrito, de um bezerro ou de um cordeiro brincando em uma campina. A visão dele (ou de qualquer animal, entre os classificados como "comestíveis") não os incita, pessoalmente, a ir e enfiar uma faca em sua garganta, como se pudesse incitar um tigre faminto a saltar sobre ele e rasgá-lo em pedaços. E ainda assim eles comem uma fatia de vitela fria ou uma fatia de cordeiro assado sem o menor remorso - como se eram uma fatia de pão e geléia; enquanto para nós, que nunca fizemos tal coisa, isso parece tão repulsivo quanto comer um bebê assado. E nos perguntamos como é que as pessoas que chamam seus filhos de "meu querido carneirinho" não se sentem como nós sobre carne em geral, carneiro em particular. Uma questão de hábito, supomos. Os canibais devem sentir o mesmo em relação à carne humana engordada. E porque não?

Mas nossos oponentes apresentam outro argumento para defender o consumo de carne e distingui-lo do canibalismo. Eles admitem que, se refletirmos sobre isso, parece ser uma prática cruel. Mas eles adicionam: "o que pode ser feito? Não é a própria natureza totalmente cruel? Uma espécie animal não ataca a outra? A única coisa que os animais não fazem é atacar sua própria espécie; tigres não comem outros tigres, nem lobos outros lobos; o canibalismo, portanto, é "antinatural", enquanto o consumo de carne é

natural. Se os reis carnívoros da selva têm o direito de matar e comer vacas, ovelhas e cabras, não é o homem - o rei da criação - que goza do mesmo direito enquanto eles? A natureza forneceu-lhe dentes obviamente destinados a rasgar carne, e seu corpo precisa de proteínas. Ele não pode trabalhar duro, fisicamente, pelo menos em um clima frio, sem comer carne ou cozinhar seus vegetais em gordura animal. Sem dúvidas ele deveria matar as suas vítimas da forma mais "humanitária" possível. Mas alguém tem que matá-los, e os matadouros são um mal necessário".

Tal série de declarações que ouvimos *ad nauseam* cada vez que tentamos discutir com os carnívoros em nome do direito dos animais à vida. E como é que mais pessoas, daquelas que professam pensar racionalmente, não parecem estar cientes das falácias que eles cobrem, nós não entendemos. Certamente animais atacam uns aos outros, na natureza e até mesmo no estado domesticado. O lobo come o cordeiro; o tigre, o antílope; peixes grandes comem os menores, e um gato doméstico comum, carnívoro por natureza, não prospera realmente a menos que alguém dê-lhe carne, ou de preferência peixe. Um grande número de espécies também se alimenta exclusivamente no mundo vegetal – na grama, nas folhas ou nos frutos. Mas uma coisa é certa, e isto é que as espécies carnívoras, em seu estado natural, pelo menos, não comem mais nada além de carne (ou peixe), enquanto os herbívoros não comem carne, nem mesmo quando domesticado – nem mesmo quando estão famintos. E os últimos são muito mais intransigentes do que os primeiros. Alguns animais carnívoros, sob certas condições e por um certo tempo, podem ser levados a até certo ponto aceitar uma dieta diferente. Um gato faminto, por exemplo, comerá arroz cozido ou pão seco, em vez de nada - embora, é claro, ele preferisse um pouco de leite ou molho. Sol contrário, uma vaca ou ovelha faminta morreria antes que alguém conseguisse dar-lhe um pedaço de carne para comer. O Homem, atualmente, na maioria dos países, come vegetais e carne; e ele tenta justificar ele mesmo trazendo o exemplo da "natureza" para o argumento. Se, no entanto, ele desejasse seguir esse exemplo de forma consistente, ele teria que se tornar decididamente carnívoro ou decididamente vegetariano. Ele recusa, com base no fato de que ele é uma criatura civilizada e gosta de variedades - tanto quanto um cachorro de estimação que gosta de sopa de batata com carne e ossos. Mas nós não podemos deixar de observar que o cão, mesmo depois de séculos de contato, com "civilização" perverteu seus gostos, ainda assim prefere comer a carne sozinho, desde que houvesse o suficiente para encher seu estômago; enquanto qualquer homem logo ficaria enojado se tivesse que viver apenas com carne, sem pão, sem batatas, sem arroz, sem nada — como realmente animais carnívoros gostariam de fazer. E

porque? A resposta é fácil: o cachorro – e mais ainda o gato – é carnívoro por natureza; homem não é, o que quer que ele diga. Não é sua "natureza" comer carne. É um gosto adquirido - adquirido, muito provavelmente, há muitos milênios, talvez sob a pressão de circunstâncias anormais, e mantida desde então; ainda um sabor que não é constitucionalmente, irremediavelmente inerente à natureza humana.

* * *

Mas os carnívoros não se contentam com essa observação. "Tudo bem", eles dizem: "o gosto pela carne é, no homem, adquirido. Que diferença isso faz? Ela prevalece há tanto tempo que se tornou, em nós, uma segunda natureza. Seria muito difícil acabar com isso. Além disso, desde que a carne seja boa para a saúde e, uma vez que pode ser obtida, por que deveríamos ficar sem isso? E se o homem for a única espécie viva que gosta de carne e vegetais iguais? Ele representa a espécie superior, ninguém pode negar isso. Não deveria ele conceder-se o direito de matar e comer, como todas as espécies carnívoras fazem?"

É neste ponto que diferimos fundamentalmente daqueles que, abertamente ou não, professam de fato um credo centrado no homem. Admitimos com eles que o homem é a criatura mais inteligente que conhecemos nesta terra. Mas acreditamos que contanto que ele use sua inteligência apenas para o mesmo propósito que o resto dos vivos – isto é, apenas para a sua própria sobrevivência pessoal ou para a da sua espécie; para o seu próprio bem-estar e para o de outros homens (seja sua concepção de "bem-estar" muito mais abrangente do que qualquer animal) - ele não é de forma alguma diferente deles por natureza. Um grau mais inteligente, como dissemos, é claro. Mas, a partir daí, um animal como qualquer outro. Sua única superioridade real reside, aos nossos olhos, no fato de que ele pode, e às vezes considera, além e até mesmo contra seu próprio interesse e o de sua espécie, o bem-estar das criaturas vivas de qualquer tipo. Um cachorro (especialmente se estiver com fome) não compartilhará sua comida com algum gato faminto, ou mesmo com outro cachorro. Um cavalo faminto não compartilhará sua comida com um vaca ou cabra faminta. Uma abelha ou uma formiga trabalharão para o bem-estar da colméia ou da comunidade de formigas sem se preocupar se os seres vivos de outras espécies precisam de ajuda ou não. Um homem que vive apenas para si e para a sua família não é

melhor do que um homem inteligente. Pior ainda, pois ele desperdiça a inteligência humana num propósito tão estreito como qualquer animal escolheria servir. Um homem que está apenas consciente de seus deveres para com a sociedade humana não é melhor do que uma formiga, uma abelha, no máximo é um macaco social. Pior ainda: pois estes não podem pensar ou sentir além de sua espécie, enquanto um homem deveria ser capaz de fazê-lo. Os nossos oponentes dizem-nos que a maior parte dos "homens superiores" – grandes guerreiros, grandes artistas, grandes pensadores, grandes governantes – desde os "heróis semelhantes a deuses" da Idade do Bronze até a maioria dos principais cientistas criativos de hoje, eram e ainda são comedores de carne. Tal observação tem pouco peso na presente controvérsia. Isso só prova que sempre há existido espécimes excepcionalmente brilhantes do ser humano semelhante a espécies animais. Sabíamos disso há muito tempo, assim como sabemos que existem cães premiados e tigres e serpentes excepcionalmente belas. Mas isso não significa nada, exceto isso, a natureza faz maravilhas em todos os níveis. Um pensador que come carne pode ser uma bela espécime em seu nível. Não podemos, no entanto, compará-lo com Pitágoras ou com o Buda – ou, a propósito, com o maior líder europeu de todos os tempos; o mais incompreendido entre os criadores de história - que pertencem a um nível totalmente mais elevado, assim como não podemos comparar um excelente canibal com um homem igualmente inteligente e de tipo mais evoluído. Aos nossos olhos, que só o homem é realmente a espécime *de uma espécie superior* que, além de sua próprio bem-estar e além do bem-estar do homem em geral, parece, na rotina cotidiana de sua vida prática, para o bem-estar de todas as criaturas vivas – de seus animais de estimação, certamente; mas também de todo gado, de todos os animais selvagens, de pássaros e peixes, de insetos e plantas, *na medida do seu poder*.

Quer seja verdadeira ou fictícia, a bela história do Buda dando seu próprio corpo para alimentar uma tigresa faminta, em uma de suas vidas anteriores, é, para nós, a história que ilustra a única superioridade verdadeira e inconfundível do homem: o poder do homem de amar todas as criaturas (não apenas seus vizinhos humanos) como ele mesmo. Portanto, a afirmação: "O tigre come carne; por que não deveria eu, que valho mais que o tigre?" não nos parece meramente tola, mas também como um insulto à raça humana. É precisamente porque sou "melhor do que o tigre" que não posso me permitir alimentar-me da carne de outras criaturas sencientes, como ele faz. (Além disso, o tigre tem a desculpa de não poder viver sem carne, enquanto um ser humano pode muito bem viver com outros alimentos - apesar do que médicos

e “cientistas”, irremediavelmente imersos na ideologia centrada no homem da civilização que os treinou, possam dizer).

Se o homem realmente deseja ser uma “espécie superior”, ele tem que renunciar ao hábito de agir como os “inferiores”. E se ele cultiva o hábito ao máximo na medida em que ele não deseja desistir, então ele deve parar de reivindicar “superioridade” por quaisquer outros motivos, exceto os do poder inegável, que seus neurônios lhe dão e admitir abertamente que ele acredita que pode estar certo. E se pode estar “certo” quando determina a relação da espécie mestre com as criaturas burras que não têm inteligência para se organizar e se defender contra ele, então certamente não pode deixar de estar “certo” também quando determina a relação dos mais fortes, mais inteligentes ou mais bem organizados e equipados grupos humanos aos mais fracos, mais preguiçosos, mais pobres, menos bem organizados e menos bem equipados. Não sabemos de nada mais dolorosamente ridículo do que um homem que critica aqueles que se sacrificaram ou que eatão prontos a sacrificar os homens aos seus sonhos de questões raciais, nacionais ou dominação pessoal, e que, ele próprio, um momento depois, defende a experimentação científica em animais com base no fato de que pode, em última análise, “ajudar a salvar crianças;” ou que apoia o consumo de carne alegando que “o corpo do homem precisa de proteínas.” Ele está apenas na posição da panela que chama a chaleira de preta - e neste caso, receio, uma chaleira muito menos enfumaçada e muito menos suja do que ele mesmo.

Também não negamos a existência de grupos humanos (raças ou nações) onde se encontram uma proporção muito maior de indivíduos superiores do que em outros, nem digamos que um homem comum e um porco comum sejam iguais para nós. Mas dizemos que, como uma das marcas da nobreza no homem superior é tratar com generosidade o mais fraco do que ele - “pode ser gentil, também”, diz Nietzsche sobre seu “herói”; “que a bondade seja a sua vitória suprema sobre si mesmo” - então, se o homem comum seja realmente a espécime de uma espécie superior, deixe-o provar isso ajudando os animais a viver e aproveitar o sol, não matando-os ou explorando-os em seu próprio benefício. Ele não tem justificativa para comer carne “porque o tigre também.” Ele não é um tigre. Espera-se que ele seja um homem. Ele possui, pelo menos na forma geral do seu corpo, algo em comum com os verdadeiramente grandes, amantes de tudo o que vive. Ele deve se esforçar para viver de acordo seu exemplo, não para imitar aquele das belas mas menos evoluidas bestas carnívoras da floresta que não sabem - e por natureza não podem - saber melhor. Distante de se tornar defensável pelo fato do homem ser “uma espécie superior”, o consumo de carne – juntamente com todas as formas de exploração de animais – é condenado por isto.

Somente um crente convicto no velho dogma de que “o poder é certo” – um homem que apoia e acolhe a ideia de um mundo de conflito eterno entre nações e mesmo entre indivíduos - pode logicamente ser um comedor de carne. E de fato não há razão para que tal homem também não deva comer carne humana; carne de criança, pelo menos, pois ele poderia então encontrar, na selva, precedentes úteis de animais que ocasionalmente comem os filhotes de sua própria espécie, e o seu uso da força permaneceria “natural”. E nós realizaríamos um indivíduo dessa descrição em muito maior estima do que qualquer um daqueles que defendem a lei da selva nas suas relações com os animais, mas recusam-se a aplique-o também em suas relações com outros homens.

* * *

A próxima coisa que os carnívoros fazem é aceitar conosco, pelo bom argumento, a verdade fundamental da unidade de toda a vida, e depois apontar para nós que os vegetais que comemos também são criaturas vivas. "Porque deveria nós os comermos? Eles são, se isso for possível, ainda mais inocentes e indefesos do que qualquer cordeiro ou bezerro pode ser. Eles sofrem, à sua maneira, embora nós precisamos de algum índice cientificamente desenvolvido para detectar sua reação ao rasgo ou corte de suas fibras ou superaquecimento. Mas pelo fato de que eles não mostram sinais de dor perceptíveis aos nossos sentidos, devemos nos apressar em concluir que eles são incapazes de sentir dores ? Não cairíamos, ao fazê-lo, em uma inconsistência ainda maior do que aqueles que ficariam doentes ao ver o que se passa num matadouro, mas que ainda não vêem mal nenhum em comer carne, desde que não testemunhem a luta mortal dos animais ? Sofrimento, afinal, neste mundo, tem que ser. Devemos comer alguma coisa. Cada criatura viva deve comer alguma coisa, seja carne ou folhas verdes. E desde aí é apenas uma “diferença de grau” entre matar um cordeiro e arrancar uma batata, por que se preocupar tanto com isso? Vamos comer tudo o que vier e manter nossa energia para o serviço de uma causa melhor.”

Esta é a atitude final daqueles que aceitam a horrível indústria da morte como uma coisa natural, pelo menos desde que não envolva a morte de seres humanos. Logicamente, dificilmente teríamos algo a responder, se apenas essas pessoas não adquirissem escrúpulos repentinos onde quer que sua própria espécie esteja preocupada; se ao menos, isto é, eles não

estremecessem com a ideia de um serviço regular, massacre organizado em grande escala de seres humanos também, em locais especiais, e de uma distribuição comercializada de carne humana para ser fervida ou assada em cozinhas privadas, cozidas em tortas ou fatiadas e colocadas entre dois pedaços de pão e manteiga, para sanduíches. Por que não, de fato, se tudo não passa de uma mera “diferença de grau”, *e se diferenças de grau não importassem?* Se for “mesmo assim”, em última análise, cortar a garganta de um animal e colher uma couve-flor, então, certamente será ainda mais necessário cortar uma garganta de bebê ou de cordeiro. (Falamos de bebês porque lembramos que “em animais carnívoros da natureza, especialmente felinos, às vezes comem os filhotes de sua espécie, mas não os antigos. E sabemos quão sério nossos amigos carnívoros insistem em ser “naturais”.) A única dificuldade seria prática, não ética. Surgiria do fato de o bebê ter pais dotados de compreensão e poder de protesto; pais que não tolerariam que os matadouros reivindicassem qualquer percentagem dos seus progênies, e quem criaria problemas - enquanto a pobre mãe vaca e a mãe cabra e a mãe ovelha não descobrem por que seus filhotes são retirados delas, a menos que elas próprias sejam vendidas ao mesmo açougueiro e, de qualquer forma, seriam impotentes para protestar, mesmo que fossem conscientes do seu terrível destino.

Somos os primeiros a admitir que as diferenças de consciência de uma esfera da natureza para outra, e de uma espécie para outra dentro da mesma esfera, pode provavelmente ser reduzida a diferenças de grau. Sabemos, também como fazem os nossos oponentes que comem carne, sobre o estudo que Sir Jagadish Bose fez da sensibilidade das plantas a várias excitações, e as conclusões a que chegou; além disso, acreditávamos que provavelmente há alguma uma espécie de consciência obscura prevalecendo também em todo o mundo mineral. Todos através da escala evolutiva que conhecemos, desde o mais aparentemente inerte mineral para o super-homem, parece possível, até mesmo plausível, ver nada além de diferenças de grau lentamente crescentes. Mas para nós, diferenças de grau têm sua importância. Eles têm de fato, também aos olhos dos comedores de carne; caso contrário, todos aqueles que, entre estes últimos, já não se apegam à crença que existe uma diferença de natureza, e não apenas de grau, entre o homem e animal, não veria mal nenhum em comer carne humana. Quanto aos outros - aqueles que partilham essa crença — temos pena do seu fraco conhecimento da fraqueza humana; mas ao mesmo tempo dizemos que, se eles pensam que realmente existe uma diferença de natureza entre uma criança e um bezerro, só porque aquele pode falar e talvez argumentar, enquanto o outro não pode, então certamente há uma diferença pelo menos

tanto quanto considerável, se não muito mais, entre um bezerro e uma batata. O primeiro pode se mover, este último não pode. O primeiro pode e obviamente expressa prazer e dor de uma maneira fácil de detectar mesmo em nossa escala de visão. O último não pode. O primeiro possui sistema nervoso; o último não.

Assim, qualquer que seja a diferença entre o homem e o animal (seja uma diferença de natureza ou, como acreditamos, apenas de grau em intrincada organização) há uma diferença ainda mais marcante entre uma organização evoluída animal e uma planta. A planta, mesmo que sinta (como acreditamos, até certo ponto) não nos dá marcas de sua dor, já obviamente em nossa escala, como faria um animal. E é na nossa escala normal que vivemos e agimos. Parece-nos a casuística mais sinistra tirar vantagem do conhecimento nos adquirido da sensibilidade das plantas para justificar os horríveis e antigos costumes humanos, e para começar a dizer que, como não podemos deixar de comer batatas, trigo e arroz (pois precisamos comer alguma coisa), podemos também, enquanto estamos sobre isso, matar bezerros e bois, ovelhas, cabras e porcos, e comer sua carne. Isto está apenas nos cegando para o nosso senso comum; ao nosso poder elementar de discriminação e senso de proporção. Qualquer pessoa cujo sofisma não tenha obliterado completamente a sua sensibilidade natural, admitirá que a luta mortal de uma ovelha, cabra, bezerro ou porco, é inegavelmente vista mais repulsiva do que arrancar uma planta de batata. “Sim, é assim”, retrucam nossos casuísticos, *“mas apenas em nossa escala*; não vemos a luta mortal da planta da batata." Pode ser que sim. Mas, para todos os efeitos práticos, é “à nossa escala” que vivemos e agimos no mundo, não podemos descartar o fato. É natural que devemos primeiro pôr fim a tudo o que parece ser uma crueldade óbvia, mesmo em nossa escala grosseira e imperfeita, antes de entrar em considerações mais sutis.

Se fosse possível viver de água e ar, ou pelo menos de frutos maduros caídos por si só das árvores, seríamos os primeiros a condenar a prática de cultivo de arroz ou trigo para comê-los. Acolheríamos com prazer a ideia de uma humanidade melhor – muito reduzida em número, muito melhorada em qualidade – vivendo apenas com frutas maduras e água, nas regiões mais quentes de uma bela floresta revestida de terra. Essa visão parece muito remota. Mas mesmo do jeito que as coisas estão hoje, *é possível* viver sem carne, mesmo num clima frio. Nós sabemos dessa experiência pessoal. Sabemos disso pela experiência de outras pessoas ao longo da vida vegetariana em que nasceram e foram criados e viveram todas as suas vidas além do quinquagésimo grau de latitude. Quem nega o fato demonstra ignorância ou mente intencionalmente. Embora não seja possível viver muito

tempo com água e ar, salvo por uma quantia muito pequena de *iogues*; e dificilmente é possível viver apenas de frutas maduras, exceto nas regiões mais quentes do globo. Compelidos como somos a tirar a vida para viver, estaríamos, portanto, contentes em tirar das criaturas que, pelo menos na nossa escala de visão, não dão sinais de sofrimento: plantas; das criaturas que, comparadas com outras presas possíveis, parecem ter o mínimo grau de consciência. Nossos oponentes dizem: "Não deveríamos comer um outro enquanto o gado estiver disponível." Dizemos: "é crime comer gado enquanto é possível viver de alimentos vegetais." E a carne de qualquer animal é abominação para nós como a carne humana é para a maioria das pessoas.

* * *

A próxima pergunta é: "E os ovos? E o leite e os produtos derivados de leite, manteiga e queijo, etc.?"

Um vegetariano Indiano classificaria os ovos imediatamente junto com a carne, e se recusaria a comer um bolo que contenha algum. Não são pássaros em potencial ? O minucioso Jain "ahimshavadi" - alguém que tenta ser "inofensivo" - observa o ato de quebrar um ovo fecundado para fazer uma omelete na mesma luz que algum Cristão Europeu (especialmente um Católico) julgariam o de matar um germe humano, ou um feto humano, no processo de controle de nascimento ou aborto real. Além disso, supõe-se que os ovos tenham "um efeito de aquecimento" sobre o corpo, assim como a carne (e certos vegetais como cebola e alho) teriam; um efeito pouco desejável do ponto de vista daqueles que regulam sua dieta para que possa ajudá-los a viver uma vida tão ascética quanto possível. E, como observamos no início, a maioria dos Indianos que descartam carne pertencem a essa categoria, seja por inclinação pessoal ou por tradição familiar.

Para nós, que somos vegetarianos, simplesmente para evitar de sermos responsáveis pelo sofrimento e morte de seres conscientes, não em vista de nossa próprio progresso espiritual, ou da nossa própria salvação, parece haver uma grande diferença entre quebrar um ovo e matar um pato ou uma galinha. O ovo está vivo e, se chocado oportunamente, se tornará um pássaro que cantará e correrá e ficará feliz de viver. Mas agora mesmo, entretanto - como o vegetal, que também é vivo - não nos dá, pelo menos em nossa escala de visão, nenhum sinal de qualquer consciência. O pássaro que saiu do ovo fica feliz em ver a luz do dia; expressa prazer e dor. O pássaro

potencial não sabe ainda quão bela é a vida e, se o ovo for cozido ou quebrado, nunca vai saber. É uma pena, admitimos. No entanto, se aquilo que realmente desejamos evitar através da abster-se da carne é evitar a destruição da vida individual, em qualquer estágio de consciência, do que infligir dor a uma criatura senciente, e o fato de privar aquela criatura da alegria de ver a luz do dia - do prazer de estar vivo - então devemos admitir, também, que há uma grande diferença entre matar o ovo e matar um animal ou um homem. Nós gostaríamos até dizer que acreditamos que é muito melhor comer ovos do que permitir que sejam chocados e se transformarem em galinhas e patinhos, em todos os países onde o destino de qualquer galinha ou patinho, que está fora do controle dos vegetarianos, é acabar com sua vida debaixo de uma faca de cozinha. Não defendemos a ingestão de ovos fecundados, ou a destruição de qualquer embrião, se puder ser evitada. Nós iríamos longe, prefiro garantir que nenhum embrião venha a existir a menos que uma vida feliz possa ser protegida para o indivíduo que potencialmente contém - pássaro, animal ou ser humano. Mas não podemos, do nosso ponto de vista - que é o bem-estar do "comido", não apenas do "comedor" – veja a quebra ou fervura de um ovo, e o assassinato de um quadrúpede, pássaro, peixe ou caranguejo obviamente sensível, na mesma luz.

Quanto ao leite, envolve outros problemas, e estaríamos inclinados a condenar o seu consumo, pelo menos em certas partes do mundo, muito mais intransigentemente do que o dos ovos. Qualquer amante de animais, mesmo qualquer pessoa moderadamente gentil, que viveu nas grandes cidades da Índia, pelo menos uma vez entender o que queremos dizer. Lá, vimos esqueletos — como de jovens bezerros mal conseguem ficar de pé, cambaleando atrás de seus mães de casa em casa; nós os vimos contemplar a comida boa e rica que a natureza forneceu para eles - não para o homem - sendo ordenhada em um balde em cada porta em frente à qual pararam. Um focinho bem ajustado cercaram suas bocas, para que não pudessem sugar a vaca, que voltou a cabeça e lambia-os com ternura de vez em quando; e eles levaram um duro golpe ou um chute do leiteiro sempre que eram pegos tentando, apesar de tudo precauções, aproximar os lábios famintos do seio materno. E os leiteiros deveriam ser Hindus - crentes na unidade sagrada de toda vida, pelo menos em teoria. E as donas de casa que compraram aquele leite roubado, que produto de dias e dias de agonia, e carregaram-no para si e para seus filhos, diante do bezerro faminto e de sua mãe de olhos tristes, estavam Os hindus também, que consideram a vaca sagrada! - vergonha para eles e para todos homens e mulheres que toleram qualquer forma de

crueldade sem uma palavra de protesto; não, quem está disposto a tirar vantagem disso!

Acreditamos que beber leite ou comer produtos derivados do leite, em qualquer país onde esses bens são, na metade das vezes, obtidos com o custo da fome sistemática dos bezerros jovens é muito mais criminosa do que destruir aves em potencial comendo ovos ou, a propósito, do que destruir embriões de quaisquer espécies vivas. E estamos surpresos que tantos vegetarianos Indianos pareçam encarar o problema do leite tão levianamente. Tanto quanto sabemos, apenas uma série de regras estritas Budistas do Extremo Oriente excluem o leite da sua dieta como um "produto animal". Pessoalmente, sem ir tão longe quanto eles, e condenando a prática de "ordenhar" vacas, ovelhas, cabras ou camelos no geral, insistimos enfaticamente no fato de o seu leite ter sido tirado de seus jovens (não para nós), e que nunca devemos nos permitir aceitá-lo, a menos que primeiro possamos ter certeza de que os jovens tiveram a sua parte legítima disso. Por uma necessidade sinistra, este é geralmente o caso, onde quer que as bestas bebês são deliberadamente criadas para o abate: elas alcançam um preço mais alto se bem alimentado e gordo. Desejamos que assim seja sempre e em todo lugar, sem que os animais jovens sejam criados para outra coisa senão para uma vida saudável, vida feliz.

* * *

Mas a comida não é de forma alguma a única desculpa que o homem apresenta para justificar seu tratamento chocante aos animais. Há roupas também; há diversão; existem as "necessidades" dos transportes e da agricultura; há experimentação "científica", em prol do "conhecimento".

Percebemos como poucas pessoas estão realmente conscientes do que estão fazendo quando pedem uma fatia de carneiro ou um rolinho de salsicha. Poderíamos também apontar como poucas das mulheres que se sentem tão felizes em exibir seus caros casacos de pele em festas de chá, restaurantes da moda, teatros e salas de concerto, não estremeceriam se pudessem imaginar as atrocidades que foram cometidas para obter-lhes seus luxos. O mesmo pode ser dito daqueles que usam penas.

Conhecemos mulheres com rostos gentis e inteligentes - mais de uma vez, senhoras que parecem sinceramente devotados a algum cão ou gato de estimação - vestindo sobretudos de "cordeiro persa". Os cordeiros não

nascidos são arrancados dos ventres das mães vivas, e esfolados vivos, para os comerciantes de peles cobrirem aquela pele específica com lã brilhante e enrolada, fina e macia como seda, que chamamos de “persa cordeiro” ou “astracã”. E não uma, mas mais de uma dúzia de cenas de crueldade horrível estão por trás de cada sobretudo feito dessa pele. Mas as senhoras espertas não sabem ou não acreditam - ou às vezes, a princípio, recuaram ao ouvir a incrível história de terror e depois gradualmente a esqueceram, ou empurraram a impressão dela suficientemente longe de seu campo de consciência vívida para que não as incomodassem toda vez que virem seu casaco.

E o que dizemos sobre “cordeiro persa” pode ser dito sobre muitas peles obtidas, se não por esse processo especialmente revoltante, por algum outro, não menos cruel – talvez até mais, se isso for possível; peles que vêm, por exemplo, de animais esfolados vivos muito depois de terem nascido. Essa coisa horrível é feita para que o pelo, capturado vivo, permaneça mais brilhante e lindo. Sempre aquela ideia doentia de que, para o homem - a besta “mestre” - desfrute ao máximo de todos os tipos de mercadorias, não importa quais outras criaturas possam sofrer. Bem, a humanidade em geral merece ser tratada por grupos de homens mais fortes e melhor organizados, quaisquer que sejam, na mesma maneira que trata as espécies vivas que não conseguem enfrentar a crueldade humana com retaliação sistemática!

Há pessoas que se oporiam a usar uma pele sabendo que foi obtida através de tortura; mas eles não se importariam de usar de um animal “morto humanamente”. Certamente dos dois males, o menor é sempre preferível, e “assassinato humano” é menos terrível do que as atrocidades cometidas que acabamos de aludir. Ainda assim, para destruir uma criatura que está muito feliz em viver - especialmente um lindo, como aqueles que o homem tem tanto orgulho de usar as peles roubadas – negar-lhe para sempre o prazer da respiração e do movimento e a alegria de ver o sol, a fim de fornecer a outra espécie confortos extras e luxos, é muito pior do que colocar seres humanos deficientes na câmara letal para a melhoria da raça humana. No último caso, indivíduos são sacrificados ao interesse de sua própria espécie e, em algumas instâncias, pelo menos, à de sua própria raça. Mas no caso de peles animais (como no caso daqueles que o homem come) os indivíduos vivos são sacrificado ao interesse, ou ao mero prazer, de uma espécie que nem sequer é deles, com base apenas no fato de que esta espécie exótica é superior à deles em inteligência e habilidade; que tem mais “possibilidades”. A mesma lógica justificaria a homens que na verdade têm mais possibilidades do que outros de comer os outros se quiserem, e usarem suas peles para encadernar livros ou fazer luvas finas para eles mesmos.

As penas são, na metade das vezes, obtidas ao custo de uma crueldade pouco menor para com aves do que as peles são à custa da crueldade para com quadrúpedes ou focas. Os detalhes dessas práticas abomináveis excedem o escopo deste livro, escrito principalmente para estabelecer, tão claramente quanto possível, certos princípios fundamentais que estão subjacentes à nossa atitude em relação a toda a natureza viva e às nossas relações com criaturas não humanas, se quisermos realmente nos tornar uma espécie "superior". Eles podem ser facilmente obtidos em qualquer uma das sociedades formadas por amigos dos animais, na Europa e na América, pela abolição dos males que referimos. O que queremos enfatizar é o pesado fardo da culpa que recai sobre o homem comum na rua - ele próprio não é realmente cruel com qualquer criatura - por encorajar direta ou indiretamente, ou pelo menos, por tolerar a indústria criminosa de peles ou penas, não menos que a indústria de abate de animais por causa da comida. O fato de nenhum candidato até agora, em qualquer país que conhecemos, sentir necessidade de introduzir as questões discutidas neste livro na sua campanha eleitoral e dizer aos seus concidadãos: "Vote no nosso partido; pois o nosso programa inclui a abolição do comércio de peles e penas, bem como da indústria da carne", só isso é uma vergonha para a humanidade em geral. A única razão pela qual nenhum partido político alguma vez se vangloriou de tal programa é simples: crueldade para com os animais, quando exercida para a saúde, conforto ou prazer, não choca o suficiente as pessoas, e o bem-estar animal por si só não os interessa o suficiente para que valha a pena - útil, isto é, desde o ponto de vista eleitoral — mencionar essas coisas num apelo por votos. Pelo contrário! O partido que ousasse fazê-lo abertamente, comprometeria as suas hipóteses de sucesso: transformaria os carnívoros - na maioria - contra[24].
Muito pouco precisa ser dito sobre diversões cruéis como a caça, touradas ou apresentações de circo. Se "puder" não ser suficiente para estabelecer o "certo"; e se nada pode justificar a inflição de dor às criaturas que não temos sequer a desculpa de odiar por nos ter prejudicado intencionalmente, então certamente a matança de caça grande ou pequena para a diversão da caça festa, a tortura e matança de touros na arena, ou a exibição de habilidades inteligentes truques executados, sob ameaça, por animais selvagens ou domesticados, para o prazer da população humana, são todos atos criminosos.

Estas últimas, dirão alguns, não implicam necessariamente crueldade. Os animais podem ser treinados pela bondade e paciência para realizar muitas

[24] Isto foi claramente expresso na Tischgespräche — uma suposta coleção de As Palestras Privadas de Adolf Hitler, publicadas muito depois deste livro ter sido escrito.

maravilhas do circo. Nós respondemos que mesmo que possam ser, na verdade não são. Não são, porque seria preciso, para treinar qualquer animal - e especialmente um animal selvagem - muito mais paciência do que um treinador de animais profissional geralmente pode gastar e muito mais amor do que qualquer ser humano médio é capaz. Precisaria de um verdadeiro santo, como alguns daqueles iogues da Índia que vivem em amizade com cobras e feras da selva, para persuadir um leão a jogar uma bola de futebol para outro leão. E nenhum verdadeiro santo - nenhum homem verdadeiramente sintonizado com o Universo e em paz com todos os seres - sonharia em desperdiçar sua energia em tal coisa. A própria ação lhe pareceria muito antinatural, muito ridícula; ao mesmo tempo humilhante para o animal real, nascido para a liberdade e o respeito próprio, e moralmente prejudicial para a própria população humana. Qualquer santo - qualquer homem pensativo, aliás - desaprovaria a perversidade que impele o público do circo a apreciar a visão da degradação de uma fera como prova de habilidade do homem.

Portanto, não são santos, mas apenas fortes, destemidos e ao mesmo tempo homens brutais, que se tornam "treinadores" de animais de circo. Não é o amor que faz um leão em cativeiro permite-se jogar uma bola de futebol ou ficar de pé nas patas traseiras como um cachorro de estimação no meio dos aplausos de uma multidão vulgar, digno apenas de seu desprezo. É o medo do chicote ou da barra de ferro em brasa – o medo medo da repetição da dor física infligida repetidas vezes no passado pelo valentão humano, mais fraco que o rei dos animais, mas mais poderoso através da astúcia e habilidade mecânica - é esse medo, dizemos, e não o amor, que faz o leão "desempenhar" seu papel ridículo em um espetáculo de circo. E o mesmo pode ser dito de todos os animais "performistas". Não é possível para ninguém - exceto talvez para um grande iogue, e isso está, claro, fora de questão - forçar sua vontade mesmo em animais domesticados (e, *a fortiori*, em animais selvagens) e torná-los a exibir truques quando quiser, sem muita crueldade. Os treinadores sinceros admitem isso. Incentivar espetáculos circenses é incentivar tanta crueldade.

As touradas são ainda piores que os espetáculos de circo – moralmente piores para o espectadores, pelo menos, pois aqui a fúria do touro ferido e sangrando, enlouquecido pela dor, é justamente a parte essencial da "atração"; e nada é mais degradante do que o prazer sádico que muitos homens e mulheres sentem em tal visão. Eles chamam isso de "a visão da força bruta superada pela inteligência humana e habilidade." Os defensores dos combates de gladiadores, ao longo de um milénio e meio atrás, provavelmente disseram o mesmo, e talvez tenham encontrado também

outras razões para justificar os jogos bárbaros de que gostavam. E então, pelo menos, junto com duelos de homens e feras, podia-se assistir aos duelos mais galantes de dois homens armados com armas diferentes, mas igualmente assassinas. Enquanto aqui a demonstração de “inteligência humana versus força bruta” é apenas a de superioridade, habilidade e equipamento versus uma maior força natural desprovida disso. A visão de quinhentos homens fortes armados com pedras, ou no máximo flechas, sendo “vencidos” por dez homens armados com metralhadoras, deverá ser a diversão ideal para quem gosta de touradas. Em nossos olhos, qualquer tortura de animais para fins de entretenimento ou para qualquer outro propósito, é tão revoltante quanto a tortura de crianças para o mesmo fim, ou algo semelhante, provavelmente seria para o homem comum, apenas preocupado com o bem-estar de sua própria espécie. E nenhuma nação merece viver quando tolera qualquer uma das atrocidades que mencionamos até agora, para não falar as ainda mais terríveis são praticadas em nome da investigação científica.

Quanto à caça, ao tiro e à pesca, deve-se, ao que parece, distinguir dois aspectos deles. Há, ou melhor, houve caça e pesca como praticada pelos homens da Velha Idade da Pedra, que se esqueceram de como viver sobre frutos silvestres e ainda não aprendeu a cultivar a terra, e que não conhecia nenhuma melhoria; por homens que, além de, no máximo, um número extremamente pequeno de raças privilegiadas - cuja superioridade já se manifestava na invenção de símbolos abstratos com um significado cósmico - eram eles próprios porém bestas mais inteligentes e esteticamente mais dotadas do que os grandes símios de espécies afins. Aqueles homens tiveram que viver de carne e peixe, e tiveram que adquiri-los de alguma forma. Não podemos culpá-los pelo sangue que derramaram mais do que culpamos os animais carnívoros da floresta que deveriam ficar para trás em termos de velocidade de evolução. Mas os homens nessa fase de desenvolvimento já não se encontram, salvo talvez em certas regiões do globo; nas florestas equatoriais da África e da América do Sul, ou em certas partes remotas da Índia, desconhecidas dos próprios hindus. O que condenamos é a caça, o tiro e a pesca praticados por pessoas que teriam algo para comer, mesmo que nunca tenham tocado em uma arma, faca ou vara de pescar - caça, tiro e pesca desportiva. Já condenamos o assassinato de animais para alimentação, - a menos que s*eja realmente uma questão de vida ou morte* para indivíduos ou raças extremamente valiosas – no caso de pessoas que fingem ser melhor do que os animais selvagens comedores de carne. Mas vemos, na destruição desenfreada de belas criaturas vivas por diversão – e todas as criaturas vivas são lindas – uma das expressões mais

nojentas da crueldade do homem. O caçador e o homem que vai pescar só "por causa do esporte" estão decididamente entre os inimigos da natureza; eles estão entre os piores elementos de feiúra, isto é, de maldade, no meio de nosso adorável, planeta iluminado pelo sol, especialmente se, como acontece na maioria das vezes, se não sempre, eles usam meios cruéis para capturar e matar suas vítimas.

Lembramo-nos muito vividamente do horror que sentimos, na Índia, ao ver cada homem de quem nos foi dito que ele havia atirado "em muitos tigres", ou ao ver peles, ou às vezes corpos inteiros empalhados daqueles felinos magníficos, na casa de certas pessoas. Mesmo que os tigres morressem no local, percebemos plenamente que era uma pena (uma pena em todo o sentido trágico da palavra) privar tais espécimes perfeitas do trabalho manual da Energia criativa divina: tigres de Bengala, realmente reais; os mais esplêndidos habitantes da terra para contemplar, da alegria de estar vivo e livre na selva quente. Automaticamente imaginamos o corpo majestoso, flexível e listrado, morto ao pés da besta insignificante - o homem, queremos dizer - que acabou de atirar; o sangue escorrendo lentamente de uma pequena ferida; as patas de veludo esticadas em convulsão de morte; os olhos fosforescentes de esmeralda ou ouro transparente para sempre cego para a visão do Sol, Pai de toda a vida. Nós comparamos a beleza do tigre à vulgaridade presunçosa do caçador. Alguns homens, salvo os grandes em cujos rostos brilham juntos o gênio e a santidade, já tiveram exemplos tão lisonjeiros de sua espécie quanto um tigre comum é da família felina. E se não tivéssemos nos lembrado daqueles homens raros - de forma alguma significa caçadores - que viveram para nos mostrar o que o homem pode ser, teríamos nos sentido totalmente envergonhados de sermos nós mesmos afligidos por um corpo humano.

E se podemos falar assim de caça ao tigre, na qual o animal encurralado é às vezes morto a tiros de uma só vez, o que podemos pensar da caça à raposa, da caça do veado, da caça à lebre e de tantas outras criaturas vivas apenas felizes demais por estarem vivas, que os homens perseguem e massacram da maneira mais atroz para se divertirem ? Deixamos o leitor julgar por ele mesmo. E nós o convidamos a estudar o que realmente é a caça — e o que a pesca também é - antes de nos apressarmos a rejeitar a nossa condenação de ambos os esportes.

* * *

Desde os primeiros tempos, os homens têm usado animais de burros de carga e camelos, bois, búfalos, cavalos e renas - para puxar carroças, para transportar cargas ou para arar a terra. Quase nenhuma nação civilizada - salva aquelas que floresceram na América Central antes da conquista Espanhola - já viveram durante toda a sua existência histórica sem colocar alguns animais para fazerem o trabalho duro de quatro deles. O hábito se tornou tão universal que a maioria das pessoas acha natural que certas feras funcionem para o lucro ou conforto do homem. Ouvimos muitas vezes os zelosos humanitários criticarem aqueles que, na Índia e na China, se sentam numa carruagem leve de duas rodas – um “riquixá” – e se deixam levar puxado por um contratado, rápido ou devagar, conforme sua vontade. Os humanitários acham chocante que uma “criatura razoável” como eles deveria fazer “o trabalho de um cavalo”. Mas eles não questionam nem por um minuto se um cavalo deveria fazer isso ou não; se realmente é ou não “seu trabalho”. Encontra-se a esse respeito, como em todos os outros, dois padrões de justiça, dois códigos de pena; aquele a ser aplicado ao homem - a autodenominada “espécie-mestre” - o outro para ser aplicado a animais. A única coisa que nos maravilha, sabendo disso, é a intolerância repentina que os humanitários demonstram para com aqueles que ousam ir dar um passo além deles (ou parar um passo antes deles) e que reivindicam um melhor tratamento para as verdadeiras raças superiores - ou mesmo para as raças brancas, ou para as classes governantes, ou seus próprios compatriotas, ou qualquer outro grupo humano privilegiado - do que para o resto dos homens!

Proclamamos que, *em princípio*, nenhum animal deve ser obrigado a trabalhar para o homem.

A resposta comum a este apelo pela liberdade das criaturas é: “O homem tem que trabalhar para viver – pelo menos a maioria dos homens; - por que não também aquelas feras que podem ser úteis ? E por que deveríamos alimentar os cavalos, os bois, os búfalos, os burros e os camelos, se nada fizessem ? E se não alimentarmos e cuidarmos deles, eles provavelmente morreriam de fome durante a estação em que não se encontra forragem; ou sob as garras da fera carnívora selvagem nos países onde ainda existe. Além disso, o homem não é necessariamente cruel com os animais que ele usa para transportar mercadorias ou andar sobre. O apego do árabe ao seu cavalo é proverbial. E muitos Ingleses que adoram cavalos os trata como companheiros e amigos.”

Há alguma verdade nisso. Há também um certo preconceito devido a uma perspectiva habitual centrada no homem. Em primeiro lugar, não há razão alguma para que os animais “úteis” *devam* trabalhar, simplesmente porque

nós trabalhamos. Nós fazemos o que é chato, trabalho regular, “útil” e detestável pelo qual somos pagos apenas porque não podemos viver sem dinheiro numa sociedade em que todos os bens da vida têm um preço padrão. Se pudéssemos desfrutar de confortos iguais enquanto fazemos exatamente o que sinta-se inclinado a fazer - enquanto escreve nossos pontos de vista em preto e branco, pintando, viajando, passando tempo em nossa penteadeira ou na cama, ou discutindo idéias sutis em festas de chá apropriadas - sem dúvida faríamos isso, e com razão também. Por que não deveriam todos os animais fazer exatamente o que lhes apetece fazer, se eles podem fazer isso sem qualquer sofrimento ou inconveniência para si mesmos? Se a maioria de nós somos tão tolos que vendemos nossa liberdade individual por vantagens que, na metade das vezes, não valem a pena, por que deveriam fazer o mesmo com a comida e abrigo que poderiam obter, pelo menos em algumas regiões do globo, sem esse sacrifício ?

Os animais agora denominados “bestas de carga” ainda podiam, em muitos países quentes e férteis, comer capim e serem felizes, sem puxar carroças ou transportar cargas, se ao menos fossem deixados livres e pudessem estar seguros, não da ameaça da fera, mas da ganância e crueldade do homem - da rapacidade daqueles que iriam conduzir seus doravante sem dono e, portanto, corpos baratos para os matadouros e vendê-los por carne com cem por cento de lucro. Eles poderiam ter permanecido, em todos os lugares, livres e felizes, e muito mais capazes de se defenderem do que seriam agora, se o homem nunca tivesse interferido com eles, nunca os “domesticado”. Ele domesticou eles para seu próprio propósito; não em vista do seu bem-estar. Ele atuou nessa circunstância, não menos do que em todas as outras, como uma fera gregária mais inteligente, mas tão egoísta quanto qualquer animal poderia ser. A culpa é dele, ou melhor, é culpa de seus antepassados pré-históricos, se têm surgido hoje, na consciência de poucos melhores, qualquer problema relacionado ao tratamento de animais de carga bem como de animais de estimação.

Provavelmente é verdade que a maioria dos cavalos, búfalos, burros, etc., que agora vivem em estábulos e trabalham sob o chicote dos homens, logo morreriam de fome frio, ou se tornariam presas de animais selvagens, se de repente fossem soltos para defenderem-se sozinhos em qualquer lugar, salvo em poucas regiões privilegiadas da terra, ambas de clima temperado, de flora abundante e adequada, e de fauna inofensiva. Mas é culpa do homem se eles se tornaram tão indefesos e dependentes. É o resultado de milênios de exploração impiedosa; de um reinado de terror criado pelo homem, no qual eles têm continuamente vivido, e que tornar-se, para seu sentido submisso, como um ambiente natural. O reinado do terror pode cessar. Mas os animais

levarão algum tempo até recuperarem a autossuficiência imaculada de sua raça - se algum dia a recuperarem. O homem deveria nunca tê-los feito seus escravos.

Agora, a única coisa que ele pode fazer para redimir, até certo ponto, o crime de seus antepassados, é ajudar os animais de carga a viverem felizes, enquanto preparam suas diferentes espécies para uma nova vida de independência. A única coisa que ele pode fazer, se ele não quiser mais ser o tirano perverso diante de cujo chicote ou vara o cavalo e o búfalo, o burro e o camelo curvam com medo suas cabeças cansadas, é alimentar bem esses animais, até que morram de morte natural, sem tirar qualquer trabalho em troca, por algumas gerações - até que as máquinas os substituam inteiramente nos campos, nos desertos, nas minas e nas estradas; e até seus descendentes, gradativamente reeducados para viverem suas próprias vidas de forma independente, pode-se esperar que se defendam sozinhos em florestas e estepes, desertos e selvas.

Sabemos que um grande número de pessoas hoje em dia está bastante inclinado a condenar o uso crescente de máquinas em todas as esferas da vida. Eles insistem, como Mahatma Gandhi, sobre o efeito endurecedor e "destruidor de almas" do constante manuseio de máquinas por conta do homem que as manuseia; e muitas vezes se opõem a amizade natural do homem e dos seus fiéis colaboradores, os animais de carga. Temos visto muito do sofrimento diário dos animais de carga em todos os países, salvo talvez muito poucos, para subscreverem por um minuto as opiniões desses otimistas incuráveis, ou para partilharem as suas esperanças. Homens, se autorizados a usar animais para puxar carroças ou carregar cargas, em larga escala, certamente irão sobrecarregá-los, e maltratá-los, a fim de tirar deles todos os serviços materiais que puderem pelo dinheiro que gastam em alimentação. Os homens comuns são naturalmente egoístas, gananciosos e covardes; Eles sempre foram; aparentemente sempre o serão, até onde conhecemos a natureza humana.

Em setembro de 1941, numa entrevista de meia hora que teve a gentileza suficiente para nos conceder, não poderíamos deixar de chamar a atenção do Santo político da Índia, Mahatma Gandhi, à causa dos infelizes cavalos que os seus seguidores e visitantes costumavam contratar para transportá-los da ferrovia da estação Wardha para Sevagram - residência de Gandhi - e volta. Nós apontamos para ele o número de vezes que essas feras tinham que percorrer os cinco quilômetros que separam os dois lugares, cansados ou não, famintos ou não, doentes ou não, puxando em suas carruagens de duas rodas - "tangas" - além do motorista, crentes ou crentes professos no credo de amor do Mahatma por toda a vida, cujo número variava de um a seis.

Antes de deixar Wardha, nós mesmos reportamos um dos motoristas à polícia por fazer um cavalo funcionar apesar de uma ferida aberta nas suas costas, e recordamos o incidente diante do grande homem. Mahatma Gandhi pareceu compreender o nosso ponto de vista e partilhar, até certo ponto, nossa simpatia pelos cavalos explorados. Mas ele conhecia as pessoas com quem teve que trabalhar. Ele nos disse francamente: “Não tenho nenhum discípulo verdadeiro. Se eu começasse criticando quem aqui vem por aproveitar as ‘tangas’, atrevo-me digo, então, mesmo os nominais logo me deixariam, e o pouco de bom que eu poderia fazer estaria totalmente perdido.”

Se essa for a verdade sobre os próprios seguidores de Gandhi, então o que pode ser esperado do homem em geral ? O que se pode esperar daqueles que nem sequer professam aderir a um credo centrado na vida ? - daqueles que têm interesses na exploração de animais de carga ? Alguém pode razoavelmente acreditar que eles seriam gentis e misericordiosos com seus idiotas “colaboradores e amigos” — que nunca os sobrecarregariam; nunca os forçaria a trabalhar quando estivessem cansados, doentes ou sem vontade, desde que acreditem que um comportamento contrário seria mais lucrativo para eles, materialmente ? Mesmo leis justas que protegessem os trabalhadores de quatro patas resultariam em pouco benefício. Nenhum governo pode dar-se ao luxo de manter uma polícia para vigiar cada carroceiro na rua, todo e qualquer lavrador nos campos - desde que suponhamos que um governo amante dos animais pudesse existir *e durar* antes de tremendas mudanças ocorrerem na ética coletiva de nossas sociedades. Portanto, enquanto é permitido que certos animais trabalhem para o homem, parece que haverá cinquenta mestres severos e exigentes para um naturalmente gentil.

O melhor curso de ação seria, em nossa opinião, reduzir tanto quanto possível, e gradualmente suprimir completamente, o uso de animais para trabalhos pesados. O desenvolvimento de máquinas está, nesse aspecto, ajudando a causa de nossos irmãos idiotas.

* * *

Mas ainda permaneceria o problema do que fazer com as bestas de carga, vivas no momento em que seria decidido não explorá-las mais. Na verdade, a situação é agravada pelo fato da utilização desses animais estar “gradualmente” cessando, e só pode cessar gradualmente. O progresso de

máquinas, até agora, apenas “aliviam a sua miséria” provocando a sua morte violenta. Um proprietário de cavalos, búfalos e bois compra um caminhão ou equipamentos agrícolas mecânicos para fazer seu trabalho e os vende. Depois de trabalhar para o homem, durante toda a vida, eles terminam no matadouro. É o padrão aceito de gratidão humana - uma coisa repugnante, mas inevitável enquanto houver carnívoros e matadouros, e mercados de gado, e não houver cuidado organizado dos antigos “colaboradores e amigos” do homem.

O progresso das máquinas pode realmente ajudar a causa dos animais de carga somente se esse cuidado organizado dos animais, doravante inúteis, se tornar uma realidade; se lares para búfalos e camelos, burros, cavalos, renas, etc. e todos trabalhadores de quatro patas demitidos, estão instalados em todo o mundo - confortáveis casas, comparáveis aos melhores “pinjrapals” que já existem, em algumas partes da Índia, para vacas velhas; lugares em que as feras seriam procuradas depois por pessoas que os amam, e passariam o resto de suas vidas pastando no nascer do sol; se, finalmente, os donos dos animais aqui aludidos são *obrigados por lei* a levá-los para essas casas assim que deixarem de usá-los, e se houver penalidades severas contra qualquer um que compre ou venda um animal de carga. Mesmo assim, desde que a indústria de carne *existir*, as pessoas interessadas encontrariam brechas para escapar da punição legal e realizar um tráfico clandestino de animais de trabalho, uma vez que estes se tornariam inúteis. Para que a mecanização ou a sociedade moderna seja realmente uma bênção para os animais, a agitação contra a indústria da carne tem que ser eficaz, juntamente com uma campanha de bondade em favor dos animais de carga. Assim como os males estão interligados, também o estão os problemas da sua supressão.

Pode-se imaginar esforços para que, onde quer que as condições geográficas permitam, cada nova geração de animais anteriormente usados como “bestas de carga” poderiam ser educados para dependerem cada vez mais de si mesmo, e cada vez menos do homem, para sua subsistência - até que a espécie fosse trazida de volta a um estado tolerável de auto-suficiência em seu ambiente natural. Se isso pode ser feito, tanto melhor. Mas se por acaso não puder ser, não sabemos; talvez os animais escravizados tenham se tornado congenitamente dependentes do homem, então o mínimo que o homem pode fazer, se tiver algum senso de suas responsabilidades, é alimentar para todos os tempos vindouros os descendentes dos atuais animais de carga — cuidando, claro, para que não se multipliquem além de um certo limite — e tornar suas vidas felizes nos espaços gramados que lhes foram atribuídos, pagando assim uma pequena parte de sua enorme dívida

para com seus antepassados, e tentando compensar, para a extensão do seu poder, durante séculos e séculos de exploração cruel; tentando compensar o crime dos seres humanos pré-históricos que primeiro domesticaram o máximo que puderam dos habitantes mais antigos da nossa terra, e pelo crime de todos aqueles que, de tempos em tempos, tomaram a escravidão animal como naturalmente, e nunca levantaram uma voz de protesto contra isso.

Esta tarefa, em favor de criaturas vivas saudáveis, cujas diversas espécies têm trabalhado para o homem durante milênios, é certamente mais justificável do que aquela (tão popular desde a queda política daqueles que corajosamente se recusaram a sancioná-la) que consiste na manutenção de "casas" caras para naufrágios humanos incuráveis naufrágios, lunáticos, idiotas congênitos e todos os tipos de aberrações bípedes da natureza, às custas do Estado.

Conhecemos, no entanto, poucas pessoas que aceitariam a nossa sugestão. Mas sabemos, também, que há poucos que sejam completamente justos e pessoas totalmente honestas no mundo – especialmente agora; muito poucos, pelo menos, que ainda se atrevem a falar.

Capítulo VII
Abate Ritual de Animais

O abate ritual de animais está intimamente ligado ao consumo de carne nos países onde ainda prevalece. Além disso, tem desempenhado, na formação da psicologia religiosa do homem, uma parte grande demais para não dedicarmos algumas páginas para ele.

A prática é agora muito menos universal do que era antes, e nos países Cristãos, é geralmente vista como uma das expressões mais baixas de superstição primitiva. Por exemplo, dificilmente existe um livro escrito para defender o papel "civilizador" do homem branco na Índia, que não dá publicidade para aquele lado horrível da religião Hindu, através de algumas horripilantes descrições dos sacrifícios realizados regularmente no templo da deusa Kali, em Kalighat, Calcutá.

Somos certamente as últimas pessoas a apoiar sacrifícios de animais e, no entanto, não podemos deixar de nos maravilhar com a inconsistência daqueles "sahibs" (e também de um certo número de Hindus "reformados"), que ficam horrorizados com a idéia do que se passa em Kalighat, enquanto eles próprios são comedores de carne e - o que é pior - comedores de carne não apenas na Inglaterra ou na Alemanha, ou nos países Escandinavos (onde os animais são pelo menos mortos tão rápido e indolor quanto possível), quanto na Índia. Eles se opõem a que as cabras tenham suas cabeças cortadas em um golpe em Kalighat, mas não vêem mal nenhum em comer, em qualquer um dos restaurantes Europeus de Calcutá, a carne de quadrúpedes ou de aves mortas na maior parte de modo revoltante nos matadouros ou no Novo Mercado, ou no pátio atrás da cozinha do local, por homens que não se sentem vinculados a nenhuma regra ritual e apenas não se importam com o que as criaturas sofrem. Isto é feito em nome da ambição do homem. E, aos olhos de muitas pessoas modernas, as atrocidades tornam-se realmente questionáveis apenas quando ocorrem em nome dos Deuses.

E, no entanto, que quantidade de teologia, inseparável das ideias primitivas ligadas ao abate ritual, sobrevive em algumas das religiões modernas! A todos aqueles que ficam genuinamente horrorizados com os sacrifícios de sangue enquanto professam serem Cristãos, gostaríamos de

salientar que toda a estrutura da sua a fé repousa sobre o dogma da expiação do pecado através do derramamento de sangue *inocente*. É verdade que o sangue foi derramado de uma vez por todas, e tem que ser assim de um homem - ou melhor, de um Deus - não sendo o sangue do gado comum, suponho, poderoso o suficiente para encobrir a humanidade pecaminosa. E na refeição ritual, pão e vinho são servidos aos fiéis - pelo menos aparentemente - em lugar de carne e sangue reais. Ainda assim, permanece um fato que, sob todos os elaborados simbolismo que o esconde na Igreja Cristã, reside a crença pré-histórica na necessidade de propiciar um Deus irado com outro sangue que não o do próprio pecador. Continua a ser verdade que, por trás do sacramento Cristão da Sagrada Comunhão, reside o costume imemorial de participar da carne da vítima em uma refeição ritual. Os teólogos, é claro, dirão que mesmo os mais antigos costumes repulsivos continham algum núcleo de conhecimento celestial; que os sacrifícios dos judeus prefiguravam a oblação suprema da Cruz, e que mesmo aqueles dos pagãos (incluindo seus ocasionais sacrifícios) traiam o anseio inconsciente da humanidade pela salvação através do sangue de Cristo, um dia para ser derramado. Mas muitos estudantes de história e etnologia sem preconceitos são tentados a reverter a afirmação e a ver no dogma básico do Cristianismo uma sobrevivência da crença primitiva em expiação do pecado através do derramamento de sangue inocente e, no rito da Sagrada Comunhão, a sobrevivência simbólica de uma festa canibal.

Contudo, admitimos que, seja qual for a superstição que pretende para justificá-lo, o massacre ritual de qualquer vítima viva é bastante horrível e que, se puder ser substituído por sacrifícios simbólicos, ou suprimido no geral, tanto melhor - *desde que isso não dê origem, na prática, para uma situação pior do que antes.*

Mas a nossa pouca experiência num país onde o abate ritual e agitação contra ele são igualmente comuns, assim como nosso pouco conhecimento do passado, em países onde o costume já está obsoleto, fazem-nos, infelizmente, muito pessimistas.

Como apontamos no capítulo anterior, as pessoas que acreditam em Cristo como a única vítima oferecida em oblação pelos pecados do mundo, e que aceitam a Bíblia como está escrita, deveriam logicamente ser vegetarianos. A Lei Judaica (para a qual o Messias veio cumprir e não abolir) claramente condena todo abate de animais, exceto propósitos sacrificiais[25]. No entanto, a supressão do massacre ritual entre os cristãos só teve, como resultado, um enorme aumento no número de animais abatidos apenas para alimentação do homem. Os escrúpulos ligados ao assassinato de uma besta

[25] Levítico 17: 3-4.

quando esta não era uma vítima de sacrifício - escrúpulos obviamente compartilhados por alguns dos primeiros Cristãos, se não pelo próprio Cristo, mas repudiados por Paulo de Tarso – foram totalmente rejeitados. E a matança de bois, cabras e ovelhas para fins puramente comerciais, em vez de ocorrer secretamente (e relativamente raramente, como geralmente acontece com o crime), tornou-se, com a sanção da Igreja, uma instituição difundida - segundo nós, uma das desonrosas características da Cristandade. E o porco, considerado sujo e, portanto, poupado pelos compatriotas de Jesus, foi descaradamente adicionado à lista de animais comestíveis com base na autoridade de um texto relatando o famoso sonho de Pedro e citando supostas palavras celestiais segundo as quais nada do que Deus fez é "impuro" e impróprio para comer.

Curiosamente, o que aconteceu no início da Cristandade está a acontecer hoje, a uma distância de dezoito séculos ou mais, entre muitos daqueles Hindus "reformados" que rejeitam a própria idéia de sacrifícios de animais como uma prática bárbara enquanto toleram o abate dos mesmos e de outros animais para comida do homem.

Os Arya Samajists[26], os oponentes mais eloquentes do abate ritual na Índia moderna são, admitimos, em regra, vegetarianos estritos. Mas a seita deles atrai sua origem em uma província de Punjab — onde, durante séculos, o hábito de oferecer sacrifícios vivos nunca foi proeminente e onde praticamente todos os Brâmanes, pelo menos, simplesmente encolhem-se diante da idéia de comer carne. Mas em Bengali, a adoração da Deusa Mãe com todo o tradicional abate ritual ligado a ela sempre foi difundido, mesmo entre as castas mais altas do Hinduísmo. E os membros do Brahmo Samaj – os mais antigos das seitas Hindus reformadas do século passado - encolhem-se diante da idéia de sacrifícios de sangue, mas infelizmente não possuem qualquer escrúpulo em comer carne. No primeiros dias da seita, alguns deles ainda mais glorificados naquele repulsivo hábito, como um sinal inequívoco de liberdade de costumes amplamente aceitos e "preconceito" imemorial. Parece ter sido uma das suas formas de tornarem-se *diferentes* dos hindus não reformados, por pura questão de ser diferente.

E até hoje - por mais estranho que possa parecer - enquanto os sacrifícios de sangue são vistos nos círculos Brahmo Samajists como horríveis restos de eras de superstição (e com razão), não houve nenhuma agitação que valesse a pena mencionar contra o costume ainda mais chocante de criar animais para serem abatidos para alimentação do homem.

Pensar nesta atitude de homens autoproclamados "progressistas" é suficiente para gerar no coração um profundo desgosto pela humanidade em

---

[26] Membros de uma Seita Hindu formada na 2° metade do Século XIX por Devananda Saraswati.

geral, e um não menos profundo desprezo pela educação Europeia aplicada aos orientais de origem Hindu (ou tradição Budista) — ou, aliás, para qualquer tipo de educação estrangeira aplicado às pessoas em larga escala, o que só piora, em vez de melhorar.

Percebe-se que as pessoas seriam gradualmente levadas a desistir de suas atrocidades habituais, através de uma série de cada vez mais evoluídas interpretações de algumas das mais tenazes de suas antigas crenças - se necessário, através de uma regulação inteligente dos seus costumes mais antigos enraizados em "superstição." Percebe-se que os recém-cristianizados (isto é, Judaizado) Gregos e Romanos, e o povo do Norte da Europa, séculos mais tarde, comportaram-se de forma muito semelhante aos Índios recém-Europeizados do século XIX. Eles se livraram de velhos costumes que possivelmente eram ruins o suficiente para assumirem uma nova perspectiva que implicava uma muito pior. Em particular, no que diz respeito aos animais, eles jogaram fora a última vergonha que tinham sobre o ato de comer carne não sacrificial e substituíram a antiga instituição do abate ritual (baseado na crença na magia e nos medos supersticiosos) pela prática ainda mais revoltante de matar criaturas apenas por ganância, independentemente da religião. Tornou-se crime comer carne apenas no caso de esta ter sido oferecida aos “ídolos”. Mas em todos os outros casos tornou-se bastante louvável. Apenas esperava-se que nossos ascetas se abstivessem de fazê-lo, e isso apenas para mortificar seus próprios corpos, não por qualquer sentimento de misericórdia para com criaturas vivas.

O resultado (em ambos os casos) foi uma regressão, e não um progresso, na civilização real; uma redução dos padrões morais dos homens.

O número de animais sacrificados à ganância do homem – seja no mundo antigo ou na Índia moderna - cresceu totalmente desproporcional com o das vítimas, uma vez oferecidas a Deuses irados como um meio primitivo de propiciação. E (o que é tão ruim, se não pior) as criaturas, em vez de serem abatidas de maneira definitiva, prescrita de uma vez por todas pelo ritual (que, entre os Hindus “Shakta” de Bengali, pelo menos, implicavam um mínimo de sofrimento para as vítimas, cujas cabeças tiveram que ser decepadas de uma só vez) foram mortos de qualquer maneira, o horror e a duração de sua agonia dependendo unicamente da maior ou menor habilidade dos matadores, não sujeitos a nenhuma lei, e, às vezes, sobre seus inatos sadismo ou falta de sadismo.

Poder-se-ia pensar que isto só ocorria sempre que uma religião prescrevia ou tolerava sacrifícios de sangue fosse substituído por uma nova que não implicava ensinamento a respeito do comportamento do homem em relação às criaturas, ou pelo menos que não enfatizasse a bondade universal. Mas é

um fato - embora reconhecidamente um desconcertante - que as populações, entre as quais uma religião como o Budismo substituiu outros, de cujo abate ritual de animais era uma forma mais ou menos comum, rapidamente reverteu para o consumo de carne (ou peixe) se alguma vez desistiu dessa prática. É o caso da seção Budista da população da China, Japão, Birmânia, Ceilão e Índia.

É certo que os vegetarianos Budistas do Extremo Oriente são os mais rigorosos vegetarianos na terra (mais rigorosos até do que os Indianos, o que quer dizer muito). Mas eles compreendem, além dos monges, apenas uma pequena parcela de pessoas que professam tomar refúgio "no Buda, no Direito e na Comunidade dos Fiéis". Proporcionalmente muito mais animais, mortos nos matadouros, são consumidos diariamente pelos chamados Budistas em Ceilão e no distrito de Chittagong, em Bengali - o último local budista na Índia - do que são consumidos pelos Hindus "Shakta", que comem apenas carne de sacrifícios, e isso, apenas em certas ocasiões religiosas. Nunca foi imposta uma dieta vegetariana imposta a todo um país em nome do Budismo (ou de qualquer outro credo centrado na vida), exceto na Índia, durante a última parte do reinado do bom Rei Asoka e, ocasionalmente, por curtos períodos, no Japão. E quando isso aconteceu, foi sempre como resultado de um decreto expressando a doce vontade de um monarca absoluto. Além disso, pelo menos no caso de Asoka, a nova e melhor ordem foi estabelecida gradualmente, um certo número de animais sendo abatidos por alguns anos, com a permissão do governante, para a alimentação não apenas dos carnívoros em geral, mas até mesmo dos habitantes do palácio real.

Tudo isso mostra como é difícil mudar os hábitos arraigados do homem, por mais perversos que sejam, mesmo em nome de um Ensinamento de amor tão influente quanto o Budismo foi na Índia, na época de Asoka.

Na verdade, não é de admirar que, entre os seguidores mais sinceros das religiões centradas na vida (como todas as formas de Hinduísmo), existam alguns que, ainda hoje, estão preparados para tolerar o abate ritual de certos animais apenas para evitar uma situação mais geral, mais indiscriminada e ainda mais abates horríveis fora do recinto do templo, apenas em nome da ganância humana.

Ouvimos esse argumento apresentado por vários "Shaktas" hindus. em particular por um Brâmane Bengali domiciliado em Assam, que parecia ser um amante sincero e consistente dos animais. Este homem me garantiu que o único meio que ele poderia imaginar, no momento, para evitar uma situação mais cruel e mais frequente de abate de seres vivos, era limitar o costume assassino de abate ritual em certos dias festivos, e limitar o consumo de

carne estritamente a refeições sacrificiais ocasionais. É claro que ele concordou prontamente que a educação, juntamente com reformas *graduais* promovidas pelas autoridades religiosas, devem acabar tornando esse costume primitivo completamente obsoleto e ao mesmo tempo, por fazer de uma dieta inofensiva a única concebível.

* * *

Quando se considera que isto se aplica à Índia — o país onde o consumo de carne parece ter sido, durante séculos, muito menos prevalente do que em qualquer outro lugar, mesmo entre aquelas pessoas que não o condenam - torna-se mais tolerante para com esses professores religiosos (e especialmente aqueles legisladores) da Antiguidade não-Indiana que, embora sejam eles próprios os expositores de religiões ou filosofias definitivamente centradas na vida, não parecem ter protestado contra o massacre de vítimas de sacrifícios em templos, lugares altos, e outras áreas sagradas.

Não se poderia chegar ao ponto de dizer que todas as legislações que regulam o abate ritual de animais foram elaboradas para evitar massacres em escala mais ampla, perpetrados por homens primitivos gananciosos e comedores de carne. Mas acreditamos firmemente que todos os professores que, *apesar de professarem uma filosofia definitivamente centrada na vida,* aceitaram ou tolerararam o costume do abate ritual (ou até mesmo o incorporaram nos ritos externos de sua própria religião) fizeram isso no espírito que acabamos de tentar explicar.

Acreditamos que os melhores entre os sábios de todos os países de tempos antigos onde prevalecia uma religião centrada na vida foram movidos por tal espírito - dos “rishis” da Índia Védica, que aceitaram como algo natural (e mesmo regulamentado) os antigos sacrifícios a Indra, Senhor do céu, e ao outros Deuses Arianos, até o mais consistente dos Neopitagóricos, Apolônio de Tiana. Aquele sábio, tão interessado em evitar tirar vantagem da matança de criaturas para sua própria comida ou vestimenta; tão genuinamente contra o abate ritual que recusou até mesmo estar presente num sacrifício, não parece, no entanto, ter suscitado, nas suas conversas diárias com os sacerdotes do templo, um protesto contra o tão horrível costume de conquistar, entre eles, a reputação de revolucionário. Ao contrário, do que dizem seus biógrafos, ele sempre permaneceu em termos de amizade com o sacerdote dos deuses gregos, cujos templos estavam tão manchados de sangue como qualquer outro, um fato que só pode ser interpretado como

implicando um silêncio compreensivo sobre sua parte até mesmo no que diz respeito aos aspectos bárbaros do seu ritual.

Outro exemplo histórico que confirma o que mencionamos poderia ser encontrado na presença de pilhas de gansos sobre os altares do Sol, na Cidade do Horizonte do Disco Solar, o Tell-el-Amarna dos modernos arqueólogos. Nenhum credo poderia ser mais decididamente centrado na vida do que a Religião do Disco, sobre a qual dissemos algumas palavras num capítulo anterior. E o exemplo acima apenas apontaria como o seu Fundador – Akhnaton de Egito – o revolucionário inquestionável, arqui inimigo de todas as artimanhas sacerdotais, achei menos impossível suprimir algumas das manifestações mais comuns de superstição milenar do que mudar a dieta de um país de uma só vez. Ele poderia preferir limitar o assassinato a uma prática sacrificial em ocasiões bem definidas, em vez de correr o risco de ver uma matança indiscriminada e em larga escala de criaturas com o único propósito de alimentar o homem se tornar um hábito. Não podemos dizer, é claro, a partir de evidências puramente arqueológicas, se esta visão é a certa ou não. Mas tem, pelo menos, a vantagem de levantar a aparente contradição entre o espírito inegavelmente centrado na vida de um belo culto, e as conclusões que a evidência pictórica pode sugerir. Também coincide com o que sabemos ser em muitos outros casos, antigos e modernos.

Em suma, o abate ritual de criaturas vivas, tão criticado hoje em um mundo que aceita e até incentiva às mais chocantes instituições, pode ser encarado de dois ângulos completamente diferentes: ou como um meio tradicional - mágico - de propiciar Deuses irados, ou, como um meio de forma prática de evitar um massacre maior e mais cruel de animais fora dos limites religiosos cercados, e abertamente em nome da ganância do homem. Apenas as pessoas muito primitivas podem considerá-lo da primeira maneira.

Em todos os casos em que, embora ainda aceitos ou tolerados como parte do culto público, obviamente não corresponde a tal teologia bárbara – onde quer que tal teologia esteja decididamente fora de controle com o espírito da própria religião – o abate ritual deve ser interpretado na segunda maneira, seja hoje, na Índia moderna, ou séculos atrás, no templos do Mundo Antigo. Em particular, temos a certeza de que este foi o significado disso aos olhos dos melhores homens da Antiguidade, defensores de formas de religião centradas na vida, seja a adoração do Sol ou qualquer outra.

Mas há todos os motivos para se agitar contra o horrível costume onde e quando puder ser suprimido sem maiores crueldades contra os animais que consequentemente estão ocorrendo. Em particular, em todos os países tecnicamente bem equipados, nos quais os animais são mortos para

alimentação do homem por tais significa como o “assassino humano”, a sobrevivência do horrível massacre “kosher” ou de qualquer outra forma bárbara de matança ritual é uma concessão chocante de superstição obsoleta, a ser eliminada implacavelmente e sem consideração pela “liberdade religiosa” – ninguém nunca é *livre* para infligir dor aos animais, nem podemos elogiar os muitos esforços de todos esses Indianos esclarecidos que consideram que é tempo dos seus compatriotas perceberem finalmente que o massacre de criaturas inocentes devem sempre ser condenadas, mesmo que ocorram sob a cobertura de ritos religiosos milenares.

Capítulo VIII
Conhecimento e Terapia

Uma das formas mais terríveis de exploração dos animais — se não a mais terrível de tudo, pelas torturas que implica - é, sem dúvida, o uso de sujeitos de experimentação sistemática, seja por uma questão de mera curiosidade científica, seja com o propósito definido de descobrir novos e melhores métodos de combate a doenças em seres humanos e, ocasionalmente, nos próprios animais.

Os animais são vivisseccionados, ou seja, os seus órgãos são experimentados enquanto ainda estão vivos - às vezes, mas nem sempre, sob anestesia - ou então são injetados com germes de diferentes doenças - transformados em pacientes artificiais - com o único propósito de dar aos médicos e estudantes uma oportunidade fácil de estudar essas doenças e de descobrir melhorias nos métodos conhecidos de curá-las. As duas principais razões invocadas para justificar as atrocidades cometidas em ambos os casos — o "direito" do homem de aumentar seu conhecimento da natureza, e seu "direito" de defender sua vida a qualquer custo - não se pode dizer que respeito, cada um, a uma classe separada de experimentos, pois no trabalho de pesquisa tudo está conectado. Dos resultados de uma série de experimentos realizados hoje por pura curiosidade, pode acontecer que algum dia a luz seja lançada inesperadamente sobre alguma questão inquietante da terapia prática. Todas as artes aplicam algum tipo de informação ou outra para o seu propósito específico, o que é prático. E como a arte de curar não é exceção a essa regra, seria anticientífico justificar a inoculação de animais com o propósito imediato de descobrir novas soros e outros remédios, sem justificar ao mesmo tempo qualquer experimentos sobre o mesmo, realizados a fim de adquirir uma visão mais precisa do conhecimento do mecanismo da vida. Os dois permanecem ou caem juntos.

Os dois parecem ser, aos olhos de quem os apoia, mais difícil de condenar do que a maioria das outras formas de exploração de animais dos quais falamos até agora, exceto, talvez, do costume de matar animais para comer. A carne deve conter "indispensáveis" elementos da nutrição, e os horrores da indústria de matadouros vêm, portanto, na mesma categoria daqueles envolvidos na pesquisa científica. "Ajudar o homem – a espécie mestre – a viver" é sempre, para muitas pessoas, um trabalho "nobre", pelo menos "necessário", quer seja realizado simplesmente alimentando-o de acordo com

suas necessidades (ou gostos), ou “adquirindo qualquer que seja esse conhecimento” que possa ser imediatamente utilizado para a cura de suas doenças, ou armazenados como informações úteis para o benefício de futuros pesquisadores, “benfeitores da humanidade”. As pessoas não se importam, num caso ou noutro, quais sofrimentos o chamado trabalho “nobre” pode implicar para outras criaturas do que o homem. As “espécies mestras” deveriam, aos seus olhos, vir em primeiro lugar.

Depois do direito do homem “de viver”, o direito mais amplamente reconhecido e o mais fortemente defendido é aquele “pensar”, que é inseparável do direito de saber, pois só “conhecendo” melhor os segredos da natureza é que o homem pode crescer para pensar cada vez com mais precisão, para construir uma filosofia de vida cada vez mais perto de realidades inabaláveis - para adquirir a compreensão da “verdade”. Não é assim? Nossos cientistas, ávidos por informações se não de conhecimento real, acredite, pelo menos. E como pensamento e conhecimento são as funções supremas do homem – isto é, sua justificação – o homem é, de acordo com muitos, *muito mais* autorizado a infligir dor às criaturas, a fim de permitir-se saber mais do que seria, por exemplo, para olhar mais atraente, ou para se divertir, ou mesmo para realizar seu trabalho árduo feito para ele barato e bem. Afinal, há muitas diversões além da caça, circos e touradas (ou brigas de galos); há muitas coisas para desgaste, além de peles de animais, mesmo em países frios; e os dias estão chegando quando as peles, e mesmo o couro, serão possivelmente substituídas por materiais plásticos, e quando as máquinas forem feitas para fazer todo o trabalho árduo que será necessário no mundo. Mas como saber sobre os diferentes centros cerebrais de um cachorro sem experimentar, mesmo que isso implique horas de tortura incrível para o cachorro? As crueldades por causa do vestuário, do esporte ou do transporte, parecem a muitas pessoas menos inevitáveis do que aquelas perpetradas em nome dessas duas causas “superiores”: a “salvação da vida do homem” e o avanço da vida do homem “conhecimento” – o “progresso da ciência”.

Na crescente literatura de todas as sociedades nobres formadas nos últimos anos para a defesa dos animais contra as reivindicações de fanáticos “salvadores de vida humana” e defensores do “conhecimento” a qualquer custo – as diferentes ligas antivivissecção e antivacinação – muito tem sido escrito para tentar provar que a experimentação em animais é inútil, do ponto de vista do próprio experimentador e dos cientistas em geral, ou seja, que não produz os resultados positivos que o homem mais espera dela e, portanto, que ferve reduzido, na maioria das vezes, se não sempre, à crueldade desenfreada. Muito tem sido escrito para provar que nenhuma

informação científica substancial foi coletada através da prática da vivissecção, que não poderia ter funcionado igualmente bem, se não melhor, foram recolhidos através de algum canal humano e muito mais simples. Muito se tem dito para apontar a absoluta futilidade, a infantilidade – a tolice - de alguns dos experimentos mais atrozes realizados em nossos tempos em cães e outros animais. Muito tem sido feito para contrariar os resultados de uma propaganda desagradável e generalizada de "saúde" entre o público, e para apontar, tanto ao possível paciente quanto aos seus responsáveis (no caso de crianças) as trágicas consequências que a vacinação e a inoculação "preventiva" trazem sobre, com mais frequência do que muitos de nós imaginamos.

Tudo isso é muito bom como meio de impressionar praticamente a população. O homem comum, embora não suficientemente depravado para encorajar atrocidades "inúteis", é egoísta o suficiente para desculpar qualquer crueldade com animais, desde que ele acredite que isso seja, a longo prazo, lucrativo para sua própria espécie. E como, nos tempos modernos, os pontos de vista do homem médio e abaixo da média parecem ser os únicos a contar, ele é o primeiro poder a enfrentar. O ligas anti-vivissecção e antivacinação são movidas pelas mais nobres intenções quando publicam as opiniões de cientistas eminentes sobre experimentações em animais como grosseira, imprecisa e primitiva, e portanto inútil, ou até mesmo enganosa em seus resultados e, em última análise, perniciosa do ponto de vista científico. Seu objetivo é mover os governos de todos os chamados países civilizados para cometerem os crimes no nome do conhecimento e da terapia é ilegal e severamente punível assim que possível. E eles naturalmente insistem mais no argumento que provavelmente atrairá o homem comum, vulgar, de coração duro e totalmente egoísta que, depois de sua própria pessoa e de seus amigos e parentes imediatos, valoriza a "raça humana" acima de tudo, incapaz de sentir seus laços com todos os seres vivos A natureza além disso. O argumento pode ser o mais inteligente. Pode ser também um forte e totalmente honesto, baseado em fatos inegáveis. Pode ser que, de fato, todas as revoltantes atrocidades de Pavlov e outros, que desonram o nosso tempo, e todos os horrores cometidos contra animais no passado, de Claude Bernard a Galeno, e de Galeno provavelmente até o início da história, sob o pretexto de reunir informações sobre o mecanismo da natureza, ou de descobrir novos meios de curar pacientes; pode ser, dizemos, que todos esses horrores reunidos em um só sejam uma tolice sombria, uma farsa monstruosa, sem maiores consequências, para o verdadeiro "avanço da ciência", do que a brincadeira daquelas crianças diabólicas em torturar besouros, minhocas ou formigas, apenas por diversão. Pode muito bem ser assim. Não estamos em

nenhuma posição de afirmar que assim é, nem de negá-lo, não sendo nós mesmos versados em qualquer uma das ciências ou técnicas específicas em nome das quais os crimes a que nos referimos são normalmente perpetrados. O que temos a dizer é de uma ordem completamente diferente.

Não sabemos se a vivissecção produz ou não resultados científicos de qualquer valor, que não poderiam ter sido obtidos de outra forma. Nós não sabemos se a vacinação e a inoculação têm ou não qualquer real eficácia como medida preventiva contra certas doenças, seja varíola, febre tifóide, difteria ou qualquer outra. Não sabemos se certos soros, retirados de animais, têm ou não efeito curativo na maioria dos casos. Nós não sabemos se certos pacientes humanos podem ou não esperar salvar suas vidas tomando extratos de fígado ou de carne, ou bebendo sangue de animais, ou usando meios de terapia ainda mais horríveis, recomendados pelos curandeiros da aldeia. Não sabemos e não nos importamos em saber. Para nós, *quaisquer que sejam os seus resultados do ponto de vista científico*, todas essas práticas são condenáveis em si mesmas, apenas por causa das torturas que implicam - torturas infligidas a criaturas sencientes de qualquer espécie.

E mesmo que prestassem o maior serviço imediato à humanidade; mesmo que eles realmente tenham levado, ou se esperasse que levassem, às maiores descobertas relativas ao nosso conhecimento da Natureza e aos meios de combater as doenças e prolongar as nossas vidas; mesmo que pudessem razoavelmente dar ao homem o poder de chamar os mortos para viverem novamente, nós, no entanto, os caracterizaria como condenáveis e consideraríamos com indignação e horror a quem quer que se entregue a eles, ou encoraje ou tolere pelo seu silêncio covarde, em vez de se levantar contra eles, a cada oportunidade possível, uma voz severa de protesto. Quanto a nós, declaramos em absoluta seriedade de que se, por consentir que qualquer atrocidade fosse cometida sobre um porco, um rato, um sapo ou uma criatura ainda mais cruel, poderíamos receber imediatamente o estupendo poder de chamar de volta à vida não os mortos comuns (tão inúteis em geral quanto os mortos comuns e insignificantes vivo), mas qualquer um que possamos escolher entre os grandes expositores da verdade integral e amantes de toda a vida, que floresceram no passado remoto ou recente; e se poderíamos ter a alegria impensável de ver todo o mundo atual entregue a Ele para que ele, visível na carne pela segunda vez, pudesse governar isso para sempre, ainda assim recusaríamos.

Pois nenhum reino de verdade integral pode firmar-se num compromisso com a grande Lei do amor. E qualquer um dos grandes a quem seríamos tentados a ligar de volta nos culparia por fazer tal acordo, o que Ele poderia

encarar como a negação mais chocante de tudo o que ele representava e como um insulto para ele mesmo.

Por outras palavras, mesmo que fosse possível promover, como num passe de mágica, o estabelecimento do próprio reinado de perfeição na terra, seria criminoso em nossos olhos fazê-lo à custa da tortura deliberada de uma única criatura *inocente*[27]. E se este – o mais elevado de todos os fins – não pudesse de modo algum justificar qualquer atrocidade (se alguma fosse, porventura, indispensável, a fim de trazer sobre isso, o que, claro, parece absurdo), então o que se pode dizer dos fins ordinários alegados em defesa da revoltante exploração de animais "para fins científicos": o mero aumento da informação do homem sobre os fenômenos da vida; a mera salvação de vidas humanas - ao admitir que aqueles dois fins são efetivamente atendidos?

Aqueles que tentam justificar a exploração dos animais na sua forma mais horrível - vivissecção e inoculação de animais saudáveis com germes nocivos, a fim de criar pacientes artificiais baratos para o estudo de doenças - são tão inconsistentes quanto qualquer uma das muitas pessoas que traçam uma linha muito definida entre homem e animal. Talvez mais inconsistente do que a maioria deles. Para isso é questionável se as peles humanas, por mais finas que sejam e sem pêlos, poderiam servir ao propósito pelo qual tantos milhares de animais são despojados de suas peles quentes e brilhantes. E embora a carne humana talvez fosse tão saborosa quanto a carne de vaca ou de carneiro, quando bem cozida, um homem pode sempre preferir a presa em outras espécies e não em si mesmo, quando ele pode fazer soja com praticamente tanta vantagem. Mas aqui a posição é um pouco diferente. Aqui, o resultado provavelmente será muito mais encorajador, muito mais esclarecedor, cientificamente falando, se o sujeito da experimentação fosse apenas um homem em vez de um cachorro ou uma cobaia. O animal não consegue falar. Não pode dar ao experimentador informações em primeira mão sobre o que ele sente enquanto atua sobre seus órgãos, colocado nu sobre a mesa de vivissecção, ou enquanto ele experimenta novos tratamentos para combater os efeitos das doenças que ele próprio afligiu. Eu

[27] Os seres humanos que são inimigos reais (ou mesmo potenciais) da Vida - ou de uma ordem sociopolítica enraizada na verdade (isto é, em harmonia com as Leis da Vida) - são, naturalmente, tudo menos criaturas inocentes, aos nossos olhos.

não posso ajudar a investigação de qualquer forma, exceto provocando variações inconscientes em certos índices que devem ser lidos e interpretados. Mas um homem! Um homem que poderia descrever suas sensações em linguagem pitoresca! Além disso, um homem que estaria convencido de que, com base na descrição precisa que ele daria de seu sofrimentos aos seus bem-intencionados torturadores, depende o conforto e a cura de milhões de pacientes no futuro; um homem a quem seria dito, seus braços e pernas uma vez amarradas sobre a mesa de vivissecção, que ele cumprirá um grande propósito gemendo de dor por algumas horas pelo bem da Ciência com C maiúsculo, e que receberia previamente uma condecoração em nome do governo! Que informação maravilhosa tal criatura não teria, desde que ele seja, é claro, um humanitário tão verdadeiro e um entusiasta admirador do “progresso científico”, como muitos professam ser, agora que não há perigo de serem vivisseccionados! Se um cientista pensa que pode reunir algumas dicas úteis vindas do cérebro nu de um cachorro - como ele nos diz que faz - então certamente ele seria capaz de reunir muito mais (e não meras sugestões, mas fatos, talvez de imenso valor psicológico, devidamente afirmado pelo próprio sujeito) do cérebro de um homem, exposto vivo, se necessário sem um anestésico, segundo a mesma técnica

Se a informação científica, exaltada sob o elevado nome de “conhecimento”, ser realmente tudo o que o cientista deseja, e se for precioso o suficiente, aos seus olhos, ser reunidos a qualquer custo, então, de fato, o vivisseccionista deveria ser obrigado a experimentar apenas com seres humanos – criaturas que podem falar. E se salvar vidas humanas seja realmente uma tarefa tão grandiosa como muitos parecem acreditar quando desculpam qualquer atrocidade cometida tendo em vista esse fim, então não são ratos e cobaias que se deve inocular para estudar a evolução de todos tipos de doenças e os efeitos de todos os tipos de novos remédios, mas homens e mulheres. Notamos que “tais coisas são feitas, ou dizem que são feitas, às vezes, em hospitais.” Respondemos que, se assim for, eles foram feitos corretamente e deve ser feito também em laboratórios sistemáticos contendo pacientes artificiais – feito pelo homem — pertencentes à espécie humana; dizemos que tais coisas, e piores deveriam ser feitas às vítimas humanas nas câmaras em que a vivissecção é praticada; tais coisas deveriam ser feitas em todos os lugares de maneira razoável criaturas capazes de falar, e de preferência em pessoas totalmente devotadas ao “progresso da ciência” (pois os outros talvez se recusassem a falar); e se não há verdadeiros amantes da ciência suficientemente prontos para dar seus corpos, então - como segunda opção – experiências deveriam ser realizadas com criminosos declarados, em traidores, em inimigos reais ou potenciais da

humanidade superior, ou então eles deveriam ser totalmente interrompidos. Como resultado, muitas revistas científicas podem deixar de ser impressas. Mas o mundo continuaria a girar da mesma forma, sem qualquer um sendo pior por isso.

As pessoas têm o hábito de admirar veementemente esses médicos (pois há alguns) honestos o suficiente para experimentarem em si mesmos. Eles os chamam “mártires da ciência”. Eles são, de qualquer forma, mártires autoproclamados, um fato que torna sua posição um pouco diferente daquela dos religiosos. Eles são trabalhadores, fazendo o seu trabalho - não lutadores defendendo seus deuses ou seus princípios, atacados por outros homens. Eles são trabalhadores científicos, mais inteligentes, mais racionais que outros – melhores trabalhadores.

Pois ao inocular seus próprios corpos, que eles conhecem (porque podem senti-los diretamente) e experimentando neles os medicamentos que desejam testar, eles têm a oportunidade de obter resultados muito mais úteis e interessantes do que qualquer um dos seus colegas faria usando porquinhos-da-índia para o mesmo propósito. Eles são, aos nossos olhos, os trabalhadores ideais, satisfazendo ao mesmo tempo as necessidades de investigação (se necessário for) e os escrúpulos da verdadeira moralidade - tomando como tema de experimentação da criatura mais interessante possível: um ser humano; e escolhendo, entre todas as vítimas humanas voluntárias que talvez pudessem ser encontradas, tanto o mais prático quanto aquele em que a qualidade “voluntária” é o mais inquestionável: eles próprios.

A questão da experimentação com criaturas vivas pode ser resumida da seguinte forma: ou a informação científica, sempre que disponível, deve ser adquirida a qualquer custo, e a vida humana, sempre que pareça haver uma chance de salvá-la, deve ser salva a qualquer custo; ou então há coisas que são muito degradante fazê-las qualquer que seja o propósito - seja para aumentar o conhecimento da humanidade, seja para salvar a vida humana, seja para salvar a vida de todos os vivos; não, seja mesmo para estabelecer (se isso fosse imaginável por meios tão horríveis) o paraíso na terra para todos os tempos vindouros.

No primeiro caso, isto é, se alguém acredita que a pesquisa científica deve ser realizada a qualquer custo, então apenas sobre seres humanos, preferível, mas não necessariamente vítimas voluntárias; homens condenados à vivissecção ou à vacinação, como agora há homens condenado à forca ou a trabalhos forçados pelo resto da vida; prisioneiros de guerra[28] - por que não? - e os homens escolhidos aleatoriamente entre os

[28] Antigamente, os prisioneiros de guerra eram ocasionalmente sacrificados aos deuses dos seus vencedores. Nós certamente não consideramos a “Ciência” como nosso Deus. Mas algumas pessoas aparentemente o fazem. Então, se tal seja o caso, de fato “— por que não”?

mais estúpidos e os mais inúteis para qualquer outro serviço, mas exclusivamente para homens (e mulheres, claro) — não animais. Mesmo que nem sempre sejam capazes de descrever a sua dor excruciante dores em linguagem técnica adequadamente precisa, mesmo que não possam ou não queiram falar, há toda a probabilidade de que a informação que eles forneceriam ao vivisseccionista e ao médico seria muito mais variado, muito mais instigante, do que aquilo que os pobres animais são capazes de dar do melhor de si. E por que contentar-se, em qualquer caso, com um pequeno aumento no conhecimento científico, quando um maior progresso seria possível - quando talvez horizontes inesperados seriam abertos - apenas substituindo como laboratório submete mamíferos bípedes a quadrúpedes? Se a Ciência (com C maiúsculo) deve ser servido a qualquer custo, então não podemos ser culpados por argumentar assim. Pelo contrário, não há outra maneira de argumentar.

Mas se o progresso científico não for o fim dos fins; e se a vida humana, por mais preciosa que seja, não vale a pena salvá-la à custa desses valores eternos, cuja consciência por si só faz do homem um animal possivelmente superior, uma espécie distinta das demais; se realmente é melhor não saber e não viver do que conhecer e viver, e combater a doença e a morte à custa da agonia mais terrível infligida a criaturas indefesas (ou seja, ao custo de incrível egoísmo coletivo e covardia), então a dolorosa ou possivelmente prejudicial experimentação de qualquer natureza, e em particular a vivissecção, deveria nunca ser praticada, exceto por seres humanos voluntários, e de preferência, sempre que possível, ao próprio investigador científico.

A resposta comum – e mais natural – para isso, todos nós sabemos, é que, se tais fossem as leis estritas do país, e se fossem devidamente aplicadas, toda experimentação científica de qualquer caráter doloroso logo chegaria ao fim por falta de “sujeitos”. Pois mesmo entre essas pessoas que apoiam a prática da vivissecção da forma mais ruidosa, apresentando todo tipo de frases inflamadas sobre as “exigências da ciência” e o “interesse da humanidade”, existe; não parece ser ninguém que, no caso da proibição absoluta do uso de animais para esse propósito, estariam prontos para se deitar no lugar do cachorro ou do porquinho-da-índia e serem eles próprios vivisseccionados, com ou sem anestesia - como ser “necessário” – pelo prazer de se sentir útil à humanidade e para ciência (mais útil, de fato, ao que parece, do que a maioria delas jamais seriam em vida comum, se quisermos acreditar que todas essas atrocidades “científicas” não são mais uma farsa revoltante do começo ao fim.) Não são muitos, com certeza. E estamos inclinados a ser da opinião de que não há nenhum - salvo talvez alguns

daqueles médicos conscienciosos que já fazem experiências em si mesmos e não em outros pacientes, naturais ou artificiais, bípedes ou quadrúpedes. E mesmo entre esses, ousamos pensar, muitos se permitiriam ser inoculados com doenças, mas recusam ser vivisseccionados. O número de voluntários humanos "sujeitos" seriam, de qualquer forma, insuficientes para a pesquisa científica sobre a escala que é praticada hoje.

O que, então, deve ser feito? Respondemos com ousadia: "Vá sem estudos científicos em conjunto, em todos os ramos em que os especialistas no assunto dizem que não pode ser continuado salvo ao custo de infligir dor e morte sobre criaturas que não são e não podem ser vítimas voluntárias. Vá sem ele; e ficar sem as vantagens que isso pode ou não trazer (sejam elas intelectuais ou vantagens práticas) em vez de encorajar a crueldade, em vez de patrocinar covardia – para todo homem capaz de infligir dor a um inocente, criatura indefesa é um covarde nojento; e todo homem que estremeceria com a ideia de fazê-lo ele mesmo, mas que aprova que outros o façam por vantagens que ele valoriza e aceita, é ainda mais covarde. Vá sem e torne-se verdadeiros homens, conscientes de seus laços sagrados com toda a Natureza viva, em vez de permanecer apenas o mais inteligente e o mais cruel de todos os animais!"

Os nossos adversários – aqueles que defendem a prática da vivissecção e o estudo de doenças em animais de laboratório - a maioria deles recuaria, se solicitado a sancionar o uso de assassinos, traidores e sádicos como sujeitos de experimentação, embora, como dissemos, pelo menos em alguns casos, a ciência provavelmente ganharia com tal inovação. Eles preferem ficar sem tal ganho. O "sujeito", seja ele o degenerado mais repulsivo, condenado por ter estuprado e matado a própria mãe, ainda seria "um homem" em seus olhos preconceituosos. Eles não poderiam vivissecá-lo! Enquanto o inocente, cão amoroso, que, sem saber do seu terrível destino, lambe as mãos que em breve estará "trabalhando" em seus intestinos nus ou em seus cérebros vivos, é "nada além de um animal." Ele pode ser usado para qualquer propósito que convém ao homem. Ele foi dado ao homem para ser usado. O vivisseccionista rejeitaria a vantagem da informação científica, mesmo as promessas tentadoras de descobrir novos meios de "salvar vidas humanas", se essas vantagens pudessem ser obtidas, e essas promessas cumpridas apenas infligindo ao pior dos seres humanos as agonias de um animal na mesa de vivissecção. Seu desejo pela descoberta desapareceria repentinamente, se os homens tivessem que ser sacrificados por ela. Dele a moralidade pára no homem. O nosso não. Essa é toda a diferença.

* * *

Toda moralidade implica a ideia de algum tipo de comunidade: geralmente tribo ou país, raça ou humanidade como um todo. Nossa moralidade é baseada, como nossa religião, sobre a concepção da unidade de toda a vida (dentro de surpreendentes diversidade e hierarquia ordenada por Deus) e sobre o direito de nascença de cada criatura saudável para desfrutar, ao máximo de sua capacidade, durante todos os seus longos anos, a visão da luz do dia, que é linda. Também acreditamos que quanto maiores forem as reivindicações de uma espécie – como de um único indivíduo – maior será a também e mais exigentes são seus deveres para com o resto dos vivos. Obrigação nobre. O verdadeiro super-homem, se houver, é o homem em quem bondade para com todas as criaturas anda lado a lado com a máxima inteligência e poder. As verdadeiras raças superiores certamente não podem permitir-se pensar e sentir como pareceria natural para um homem de tipo mesquinho. E a verdadeira espécie mestre, se houver, é aquela que coloca sua nobreza consistente acima de qualquer vantagem; aquela que não o faria, nem para salvar a sua existência, nem para alargar seus horizontes intelectuais, renunciam ao privilégio de permanecer em paz com o todo o universo vivo; aquele que prefere perder do que quebrar a grande Lei do Amor — a lei inata dos seus melhores representantes; - isso seria preferir morrer do que degenerar.

Todos os crimes que são desculpados em nome do chamado "motivos maiores" daqueles que os realizaram e, em particular, todas as formas de exploração vergonhosa e duradoura dos animais pelo homem - desde as brutalidades de o carroceiro aos horrores aprendidos da vivissecção - repousam, em última análise, sobre uma concepção feia e bárbara da superioridade do homem. Todos eles pressupõem a ideia que a posição privilegiada do homem lhe dá "direitos" sobre as outras espécies de criação, sem lhe atribuir também, e a uma maior medida, *deveres em direção a eles.* E muitas vezes, se não sempre, encobrem uma consciência exagerada do sofrimento humano e uma estimativa exagerada do valor de qualquer vida humana, seja ela a mais idiota, a mais mesquinha ou a mais monótona. Há, entre o público em geral, uma valorização indevida da quantidade em vez da qualidade; e popularidade indevida é dada a cientistas do tipo de Louis Pasteur, cujas descobertas dizem salvar um grande número de vidas humanas (não importa a que custo revoltante) enquanto aqueles outros cientistas, cujas descobertas abriram novas perspectivas na história do nosso

planeta ou na nossa visão do espaço estrelado, raramente são mencionadas fora dos círculos especializados.

O homem médio, cujos laços, prazeres e preocupações diárias são, o que quer que ele diga em sua presunção, muito pouco diferente daquelas da maioria dos outros animais gregários, se rebaixaria a qualquer atrocidade para prolongar sua própria vida, ou a de seus amigos e parentes, por alguns miseráveis anos ou mesmo meses. Acima de tudo, ele faria qualquer coisa, aceitaria qualquer coisa, toleraria qualquer coisa, para salvar a vida de seus jovens. Então nada é mais natural do que a preconceituosa reverência com que ele mantém tanto aos médicos quanto aos cientistas, direta ou indiretamente preocupado com a preparação de vacinas e soros, e os anunciantes de medicamentos preventivos e curativos de todos os tipos. É baseado, como a mais irracional de suas crenças religiosas, sobre o medo da morte. Não se pode culpar o homenzinho. Parece além de seu poder entender melhor, também a ponto de sentir e agir mais nobremente do que ele. O ponto chocante é apenas que ele tem uma palavra a dizer na construção das instituições modernas - que, por sua vez, apoio dependem dos governos do mundo. Pois ele naturalmente envia para as governa assembleias individuais, cuja perspectiva não é mais ampla e que não têm coração mais nobre - não mais universalmente amoroso - do que o seu, qualquer que seja as suas qualificações intelectuais; indivíduos que, infelizmente, desconhecem, como ele próprio, os deveres de uma espécie verdadeiramente superior, e tão incapaz quanto ele de conceber a necessidade de melhores leis que protejam os direitos de todos os viventes.

Aos nossos olhos, a qualidade da vida humana é muito mais importante do que o seu comprimento. Por qualidade entendemos aquilo que torna uma pessoa realmente superior a outros: equilíbrio e consistência inatos, generosidade e desapego; e consciência inerente de valores eternos; uma sensação alegre da beleza que existe presente nas preocupações do quotidiano, aliado ao sentido de responsabilidade pessoal; o desejo de viver na beleza e na verdade. Tal coisa não vem dos nossos arredores; mas o nosso entorno pode nos ajudar a desenvolvê-las, quando isso passa a estar em nós. E estamos muito, muito mais gratos aos estudiosos cujas descobertas em astronomia e física superior, em filologia e arqueologia, etc., permitiram que alguns dos melhores homens vivessem mais ricamente, mais intensamente, mais harmoniosamente, abrindo-lhes novas e mais surpreendentes fontes de inspiração, que nos sempre será aqueles chamados “benfeitores da humanidade”, cujo principal trabalho resultou apenas em manter vivos milhares de seres humanos, nem bons ou mau, nem mesmo fisicamente bonito, que poderia muito bem ter morrido e feito lugar

para os outros na melhor das hipóteses, como acontece com o resto dos vivos. Nós estamos longe mas gratos a Sir James Jeans e a Max Planck, e também aos primeiros tradutores de Homero e Platão, do que ao inventor da penicilina; muito mais grato a Heinrich Schliemann, Sir Flinders Petrie, Sir Arthur Evans e Sir John Marshall, do que a todos os prolongadores da vida humana que este planeta tem produzido.

Pois o mundo é muito mais beneficiado pela emoção alegre de um único adolescente inteligente e nobre que sente de repente sua visão iluminada por uma espiada em seus majestosos mistérios, ou pelo contato de uma de suas grandes Almas encarnadas no passado, do que pela presença prolongada sobre sua superfície de milhões de mamíferos, tanto bípedes quanto quadrúpedes, feitos imunes a certas doenças ao custo de experiências atrozes de indivíduos de sua própria ou de outras espécies.

Ensine as pessoas, pelo interesse da bondade, a viver da maneira mais bela - quando acontece que elas ainda conseguem viver, - em vez de concentrarem tanta inteligência e desperdiçando tanto tempo e dinheiro para descobrirem, não importa a que custo, significa evitar que morram! Alimente os animais e os faça felizes - ajude-os também a viver na beleza e na verdade, ao máximo da sua espécie - em vez de nos dizer que as centenas de vítimas, torturadas de várias maneiras nos laboratórios para o "progresso da ciência", sofrem para que curas possam ser descobertas para as criaturas doentes de sua própria espécie, bem como quanto aos seres humanos!

Hoje em dia, fala-se demasiado da vida humana como um simples fato físico. Faz-se demasiado para "combater doenças" e para prolongar a vida por qualquer meio; não o suficiente para tornar a vida digna de ser vivida, tanto para os seres humanos como para os animais; não o suficiente, especialmente, para impressionar o homem de que sua vida não tem maior valor do que a de qualquer animal gregário, desde que ele se contente em usar sua inteligência humano na busca de nada mais do que o mero bem-estar de sua própria espécie – como fariam os macacos sociais, se desfrutassem dos meios pelos quais os homens dispunham. Não se faz o suficiente para cultivar entre os homens em geral, e especialmente entre os melhores homens, as características de um homem verdadeiramente "superior": um destemor estóico diante de seus próprios sofrimentos e morte: uma atitude cavalheiresca em relação às criaturas burras desorganizadas ou menos organizadas da Terra; não é feito o suficiente para despertar neles o sentimento de vergonha e fazê-los sentir que, mesmo que seja um fato que, à custa da experimentação em animais, eles podem esperar que um dia para rejeitar inteiramente o fardo da doença e da morte, ainda o único caminho para eles, como criaturas de uma espécie superior, deveriam deixar de lado o

acordo profano; para recusar a oportunidade para sempre – para não serem covardes.

Não há outra resposta para todos os argumentos – “humanitária” ou “científico” – apresentado em apoio à vivissecção em particular, e de experimentação sistemática em animais em geral. Nenhuma outra resposta além desta: tal experimentação é absolutamente covarde. Qualquer infligição de dor a uma criatura indefesa, para qualquer propósito, estranho ao *próprio* bem-estar da criatura, - ou, no caso de um ser humano, estranho a sua punição justificada como ofensor da vida ou de necessidades muito definidas do Estado, (desde que o próprio Estado seja um verdadeiro Estado nacional, fundado nas verdadeiras leis da Vida e, portanto, dignas de defesa) – é covarde. Estaria longe melhor que todo o “progresso científico” pare, em vez de ser comprado ao preço de tal degradação do homem. E se a doença só pode ser combatida ao mesmo custo, então é melhor que não seja combatida. E se a vida humana, em muitos casos, só podem ser salvas por tais meios, é melhor – muito melhor – que os homens morram. A morte deles seria pelo menos honrosa.

Capítulo IX
Os Direitos das Plantas

A grande irmandade dos vivos não se limita aos animais; inclui também todo o mundo vegetal. E há razões para acreditar que a transição entre o reino menos elaborado das plantas e o reino mineral é apenas tão gradual e imperceptível, à sua maneira, quanto o observado entre os níveis mais baixos das formas de vida animal aquática e as próprias plantas. Nós não sabemos onde o pífano começa – se é verdade que ele "começa". Nós não sabemos o que a vida é. O único fato de que estamos bem conscientes, como fato, é a sua unidade dentro da maior diversidade possível de formas e funções. Sabemos, por uma espécie de evidência direta e intuitiva - desde que sejamos suficientemente sensíveis - de que a vida de uma árvore, de um arbusto, de uma folha de grama, do musgo que fica mais verde ou mais amarelo sobre uma parede antiga, não é fundamentalmente diferente daquela do verme ou da água-viva, do réptil, ou do quadrúpede ou de nós mesmos; não fundamentalmente diferente, por um lado, da extremamente lenta, vida fortemente vinculada de rochas e cristais e, por outro lado, daquelas das criaturas invisíveis, mais sutis, mais altamente organizadas e muito mais livres que nós, se tais criaturas existirem. Um sentimento profundo nos diz que não há rupturas reais na economia da Natureza, e que nada está *fora* da Natureza, ou em contradição com suas leis eternas. E a investigação científica aplicada às plantas tem, até agora, dado crescente apoio experimental à crença na continuidade de pelo menos o reino animal e vegetal. Embora o estudo dos metais - em particular, a mesma palavra usada para descrever sua condição após uso intenso: "fadiga" - parece apontar também para a presença, neles, de uma espécie de obscuro estado alternativo de dor e facilidade, uma "vida" misteriosa, conforme apreendida ao longo de todo o esquema de existência pelos videntes de antigamente.

Nenhuma nação enfatizou a idéia da unidade subjacente a todos os seres, desde Deuses e Budas até as formas mais humildes de vida vegetal e até mineral, tão eloqüentemente quanto os antigos Hindus. O que ainda permanece em seu espírito e influência na Índia moderna dá a esse infeliz subcontinente, apesar de todos seus inconvenientes, um lugar como grande fator construtivo em qualquer visão desinteressada de um mundo melhor. E grande parte do que se encontra sobre a unidade da vida nos ensinamentos

não-Indianos, antigos e modernos - no Pitagorismo e Neopitagorismo; em alguns aspectos dos ensinamentos “Herméticos”; no Unitarismo hoje, parece dever-se a influências Hindus mais ou menos óbvias. No entanto, as almas mais luminosas do mundo, seja no Oriente ou no Ocidente, nem sempre se sentiram em sintonia com o todo da vida, mas expressaram, ocasionalmente em pelo menos, a sua convicção de que as plantas e os animais e nós próprios temos aspirações finais.

Nos dois de seus hinos ao Sol que sobreviveram ao naufrágio geral de sua bela religião, Akhnaton, em particular, apresenta uma idéia em palavras simples. Tendo recordado os gestos com que vê a adoração quotidiana do Sol por homens e animais, pássaros e peixes, ele fala do lírios nos pântanos: “As flores nos terrenos baldios desabrocham no Teu nascimento”. . . “eles se embriagam (de Teu esplendor) diante de Tua face”, diz ele, implicando tanto um prazer físico quanto uma emoção mística - uma intoxicação sagrada e um ato de adoração - na abertura das pétalas brancas aveludadas para o calor e luz do Sol da manhã. As plantas são consideradas aqui não apenas como seres vivos dotados de sensibilidade, mas - o que é mais - como seres religiosos; como criaturas da mesma natureza dos animais e dos homens, e igualmente capaz de uma exaltação sagrada de todos os seus poderes de vida na presença do Doador da Vida. Um melhor reconhecimento da unidade de toda a vida em natureza e em propósito, não poderia ser imaginado.

* * *

Não negamos que as diferenças de grau, uma vez que ultrapassam uma certa medida, são, para todos os efeitos práticos, tão boas quanto as diferenças de natureza; que elas são, pelo menos, obrigadas a determinar diferenças muito visíveis em nosso comportamento em relação às criaturas. E é por isso que rejeitamos tão categoricamente, em capítulos anteriores[29], a falácia daqueles que estão inclinados a justificar o abate animal e o consumo de carne, dizendo-nos que, “já que as plantas também têm vida” - provavelmente sensibilidade - e como comemos muitas delas, podemos comer carne de animais também, já que estamos fazendo isso. Nós somos os primeiros a admitir que, por mais contínua que seja a sucessão de todas as formas de vida, desde o animal de sangue quente até o vegetal mais rudimentar, e no entanto “uma” vida como um todo, há uma diferença

[29] Capítulo VI., página 71 em diante.

considerável entre matar um cordeiro ou um touro e arrancar uma beterraba do chão – uma diferença, muito maior do que pode haver entre o assassinato de um homem e o de um réptil ou peixe, muito menos de um quadrúpede.

Ainda assim, não acreditamos que tal diferença justifique de forma alguma a exploração implacável das plantas. Isso só torna a dos animais ainda mais chocante. A sua existência implica que o consumo de vegetais não pode desculpar o consumo de carne animal mais do que comer carne humana. E pode fazer a necessidade de utilizar os produtos dos campos e florestas para nossa alimentação parecerem menos trágicos para nós, pois, como todas as outras criaturas, temos que viver de algo. Não se pode justificar qualquer destruição de plantas – desmatamento de florestas, derrubada de florestas, destruição de árvores individuais — economizar em mínima escala, e isso apenas para evitar que a morte ou a dor sejam infligidas a animais em seu lugar.

Os animais, por exemplo (incluindo nós mesmos), têm de ser alimentados. E isso é uma fonte inevitável de destruição da vida vegetal adulta, desde que as bestas comedoras de vegetais não possam viver apenas de preparações minerais, ou de frutos caídos naturalmente das árvores, ou em ambos. E assim como obviamente, animais carnívoros têm justificativa para se alimentar de carne (uma vez que não podem possivelmente fazer o contrário sem morrer), então parece razoável acreditar que as espécies herbívoras e nós mesmos temos justificativa para comer arroz e trigo, batatas e ervilhas, e todos os tipos de vegetais e frutas, já que não temos melhor escolha.

O mesmo se pode dizer da destruição de certas plantas, das quais as fibras ou a madeira são utilizadas para as nossas roupas, para a nossa habitação ou para o nosso combustível.

Deveríamos, *em princípio*, encorajar fortemente a utilização de madeira morta e de carvão (madeira mumificada, por assim dizer) e dos subprodutos do carvão industrial (gás, coque, etc.) como combustível, em vez de madeira viva - ou gostaríamos de ver as pessoas cozinhando a comida e se aquecendo com fogões elétricos; deveríamos encorajar o uso de pedra, tijolo ou barro – ou concreto – em preferência a madeira, como material para construção de casas; de estuque ou plástico, ou materiais semelhantes, de preferência à madeira, para decoração de interiores. E gostaríamos sinceramente de ver o preparo reduzido ao mínimo, mantendo, sempre que as condições climáticas o permitam, mas o que é indispensável para atratividade e decência. Mas não podemos negar isso, até que as instalações de transporte aumentem muito em todo o mundo - de modo que os produtos minerais possam substituir em toda parte a madeira viva, como combustível,

bem como na construção de edifícios - há muito pouca chance de poupar árvores.

E antes de tudo (como no caso das nossas relações com os animais) toda uma campanha educacional mundial deve ser levada a cabo, para que as pessoas, agora tão insensíveis, possam tornar-se cada vez mais conscientes da beleza das plantas, da vida real que os permeia, ou sua sensibilidade (menos óbvia e provavelmente muito mais obscura do que a dos animais altamente organizados, mas é um fato); uma campanha educativa para que elas possam se tornar cada vez mais relutantes em causar qualquer dano a eles - a menos que seja, para si ou para os animais, um alternativa premente de vida ou morte, o que raramente acontece, exceto no caso de vegetais ou ervas comestíveis.

A nossa ideia, em poucas palavras, é: nenhuma exploração de animais, e tão pouca exploração de plantas quanto possível para manter ambos animais e homens vivos e saudáveis. Temos em mente que mesmo a exploração pode muito bem ser temporária e que, de qualquer forma, enquanto durar, deveria ser - tanto quanto possível - confinada a plantas de crescimento naturalmente rápido e ervas e raízes e cereais de vida curta, principalmente nutritivas.

Nosso senso de unidade de toda a vida não nos parece desculpa para não acreditar na desigualdade fundamental das plantas, assim como certamente fazemos na desigualdade de animais e também de homens e raças de homens. E sentimos muito maior pena em destruir um nobre carvalho - uma árvore que levou centenas de anos para atingir seu presente esplendor e que, se deixado por si mesmo, permaneceria uma coisa bela por centenas de anos a mais - do que cortar um pé de arroz ou uma espiga de milho. Nós somos até mesmo obrigados a acreditar que os grandes reinos da natureza se sobrepõem, assim como fazem, dentro de cada reino, as diferentes espécies de beleza e inteligência desiguais. E embora não tenhamos o hábito de matar nada, se puder evitar, certamente destruiríamos um inseto ou uma pulga antes de consentir ver em seu lugar uma roseira – para não falar de um carvalho ou de um cedro – ser eliminado, assim como desistiríamos de qualquer número de idiotas humanos em vez de consentir na morte de um animal que incorpora a força e a beleza (e talvez também a inteligência) de uma das mais esplêndidas ou mais adoráveis espécies.

* * *

Uma das tragédias mais tristes dos tempos históricos é certamente o gradual desaparecimento de florestas em toda a superfície do nosso planeta.

Índia Antiga – aquela Índia cujos melhores filhos compuseram os hinos Védicos e escreveram os Upanishads - era uma terra de florestas luxuriantes e intermináveis, com uma população comparativamente pequena. A Grécia Antiga foi, em sua áreas montanhosas, pelo menos (e estas ocupavam então, como sempre, a maior parte do país) coberta de matas, morada perfumada de seres divinos e semidivinos. Também ali as pessoas eram poucas, em comparação com as árvores, sem a sua qualidade que sofre de alguma forma, como provaram os seus atos. O mesmo poderia ser dito da antiga Itália, do Norte da África, da Ásia Menor; da China e Indochina e Japão. O mesmo poderia ser dito de todo o mundo nos tempos antigos.

Mas, à medida que a humanidade se expandiu, as áreas florestais diminuíram em superfície, ou desapareceram completamente para dar lugar a campos cultivados e várias indústrias humanas. Partes inteiras do globo perderam o seu manto vivo glorioso. A famosa Floresta Hercínica que cobria grande parte da Alemanha e da Europa Central nos dias de Tácito, e as florestas da França e das Ilhas Britânicas, onde imponentes sacerdotes e virgens adoravam o Princípio da Vida Eterna no Carvalho sagrado, gradualmente caíram sob o machado impiedoso. Castelos, cidades e vilas, igrejas e conventos, armazéns e favelas, e campos para nutrir o homem, apareceram em suas ruínas. E o processo parece ter ganho impulso à medida que as conquistas técnicas do homem se tornaram mais notáveis. Naqueles mesmos países da Europa Central e do Noroeste que existiam como nos séculos XVI e XVII - não muito tempo atrás - muito mais floresta do que se pode imaginar hoje. Agora, o que eles têm no lugar de seu carvalho real, suas bétulas e abetos? Uma intrincada rede de estradas e ferrovias, enormes cidades industriais, um campo cheio de áreas bem delineadas, campos de cultivo de alimentos e aldeias próximas umas das outras, e vinte e cinco vezes mais população do que é bom para eles - uma população inquieta desperdiçando sua inteligência para inventar e resolver novos “problemas” e curar novos “complexos” em vez de olhar para a beleza do mundo sob a luz do sol, névoa ou neve.

Os Estados Unidos da América eram uma terra de florestas até meados do século XIX. Diz-se que o Canadá está parado, mas não até que ponto já foi. E ali, no lugar das árvores assassinadas, vê-se sem dúvida, como em qualquer outro lugar, estradas e ferrovias, cidades com intermináveis subúrbios, aldeias rapidamente transformando-se em cidades, e vastas

extensões de áreas cultivadas; cada vez mais terras cultivadas para alimentar cada vez mais pessoas que poderiam também nunca terem nascido.

Exceto na bacia do Rio Amazonas e em uma parte bastante grande do Brasil, em toda a África equatorial, na Malásia (pelo menos até muito recentemente) e em algumas partes da Birmânia, do Siam e da Indochina, quase não existem florestas que valham a pena o nome em todo o mundo hoje. Isto, e a diminuição paralela no número de algumas das mais belas espécies de animais selvagens – como leões e tigres – é, aos nossos olhos, o fato mais inquietante dos nossos tempos. É inquietante porque as suas consequências podem muito bem tornar-se irreparáveis num futuro relativamente próximo, a menos que os homens caiam em si, por qualquer razão e qualquer que seja o pretexto que possa ser, e acabar com esta corrida para a destruição.

Hoje, como depois da maioria das guerras de alguma importância, ouve-se uma interminável conversa contundente, em privado e em público, sobre a melhor forma de colocar um cessar para a guerra. As pessoas parecem estar aterrorizadas com a ideia de destruição envolvendo sua própria espécie preciosa. E isso não é muito estranho, quando alguém lembra que mais de mil e quinhentos anos de cristianismo bem organizado (influenciando, mais do que se pensa, o mundo inteiro) os ajudaram e estão ajudando-os a levar seu egoísmo coletivo natural para o mais alto das virtudes e a considerar a solidariedade humana como o seu principal dever.

Ainda assim, para nós que consideramos a vida – e não o homem – como a medida de valores, há algo de extravagante e ridículo naquela indignação que explode com o mero nome de "guerra", enquanto todas as formas de destruição de seres não-humanos, por mais amáveis e bonitos que sejam - seja o massacre diário de milhares de animais em todos os matadouros do mundo, seja o corte das árvores mais magníficas — deixa a maioria das pessoas impaciente.

Somos certamente as últimas pessoas a exaltar a guerra – especialmente a guerra colonial, o pior tipo de agressão desnecessária. Contudo, não podemos deixar de admitir que a alegada observação de Napoleão Bonaparte ao ver a multidão de homens mortos no campo de batalha de Eylau não era totalmente desprovida de significado. Diz-se que o conquistador exclamou, para se consolar, talvez, pela perda de tantos bons soldados e oficiais: "Uma única noite em Paris preencherá essa lacuna!" Na verdade - e desde que os parisienses não se opusessem ao curso da Natureza - uma "única noite em Paris" provavelmente resultaria, daqui a vinte anos, na existência de um número de jovens suficiente para formar um exército. Os homens comuns são bons o suficiente para travar guerras, se não sempre para direcioná-los. E a

vida humana média, embora sem dúvida preciosa – como toda a vida — é fácil de substituir, para todos os efeitos práticos. Os edifícios também são fáceis de substituir, salvo quando forem extraordinariamente belos ou de extraordinário interesse histórico. As Casas do Parlamento em Londres, ou a Abadia de Westminster, ou a Catedral de Chartres, na França, ou o Templo de Minakshi em Madura (sul da Índia), locais raros de extrema beleza com uma longa história por trás deles, seriam insubstituíveis. Felizmente esses pontos nem sempre são atingidos. As cidades bombardeadas, em geral, recuperam muito mais rápido do que se esperaria, e muitas vezes emergem da turbulência da guerra, mais limpa e melhor construída do que antes[30]. Seus monumentos antigos são os únicos em que a perda, quando ocorre, pode ser considerada uma tragédia.

Agora, todos os dias, em alguma parte do mundo, árvores majestosas, mais antigas do que muitos dos espécimes sagrados da arquitetura medieval - obras-primas patenteadas da natureza - caem sob o machado do lenhador. Eles também, sabemos, pode ser substituídos. O replantio sistemático de uma semente para cada gigante derrubado da floresta faria por eles o que a "única noite em Paris" era esperado que fizesse (e provavelmente fez) pelos mortos de Eylau. Mas levaria duzentos anos – não vinte. Enquanto isso, a terra jaz despojada de sua beleza. Ela lamenta suas florestas destruídas. E é um fato que metade das vezes não há nenhum replantio sistemático de árvores, de modo que a terra fica de luto pelas suas florestas para sempre.

* * *

A maioria das pessoas não leva muito a sério a trágica realidade do desmatamento, simplesmente porque eles não sentem pelas árvores mais do que sentem pelos animais. Eles carecem demais de qualquer sensibilidade vital à beleza para serem perturbados pela idéia do assassinato de uma árvore, seja ela a amostra mais real de seu tipo. Tudo o que importa é, no máximo, a sua própria espécie – quando cuidar de qualquer coisa além de si mesmos.

Isto é abundantemente provado pelos argumentos apresentados por aqueles mesmos oradores ou escritores que levantam qualquer grito de alarme ao contemplarem o desaparecimento gradual de matas e florestas de

---

[30] Não, porém, cidades como Nuremberg, onde cada casa era uma obra de arte – tais cidades são insubstituíveis.

certas regiões do globo. Qual é o seu grito de alarme ? As árvores, dizem eles, são úteis – indispensáveis – para a estabilidade do solo e a repartição normal das chuvas, das quais elas absorvem uma porção considerável. Suas raízes, infinitamente ramificadas como são, bebem o excesso de água e mantêm a terra unida ao mesmo tempo. Quando elas não estiverem mais lá para realizar essas duas tarefas tão úteis, a chuva, seguindo o curso natural de todos os líquidos, desce a encosta das colinas para encher os rios, arrastando consigo areia, cascalho e pedras maiores. Muitas vezes massas inteiras de terra encharcada, ou blocos de pedra soltos, destacam-se daquelas colinas que foram despojadas de sua vegetação lenhosa, causando em sua queda mais ou menos danos à vida humana ou à propriedade; enquanto nas planícies, nos rios, aumentados pelo abastecimento descontrolado de água da chuva, aumentam e inundam o campo, levando embora aldeias e vilas – gado, casas, provisões e tudo; e os homens também – em sua corrente transbordante; tornando-se a causa de desastre inédito. Assim, para evitar tais calamidades numa escala cada vez maior, parem imediatamente com a derrubada de florestas! Substitua as árvores assassinadas - para o bem das próximas gerações de homens - e permitam aos sobreviventes viver e florescer - pelo bem dos homens de hoje, ameaçados de ruína e fome !

Este é, em poucas palavras, o principal argumento defendido pelos defensores das florestas. Provavelmente é muito sólido, contendo nada mais do que uma declaração de um fato real, uma relação de causa e consequência, bem definida. Isto é certamente inteligente, pois é aquele, se houver, que levará as pessoas a agitar para a preservação das florestas e os governos a tomarem medidas contra a sua destruição. Mas poderia haver um mais nobre. É um argumento que apela a um dos sentimentos mais fortes do homem comum: o medo. Medo da perda de si mesmo; medo, no máximo, pela perda causada à raça humana. Assemelha-se ao argumento daqueles que apoiam a dieta vegetariana apontando que o consumo de carne é menos saudável ou totalmente prejudicial à saúde; ou daqueles que falam contra vacinação e contra a inoculação por soros dizendo que estes fazem, em última análise, mais danos do que benefícios para os pacientes. Não trai mais nenhum sentimento generoso do que o desejo de prevenir desastres evitáveis (deslizamentos de terra, inundações, etc.) por medidas práticas de precaução, das quais a primeira consistiria em proteger as árvores; não supõe nenhum amor mais amplo do que aquele implícito na solidariedade humana. Não é o argumento daqueles que vêem, em toda a Natureza, um lindo hino à glória do misterioso Poder dentro de todas as coisas; daqueles que vêem nas árvores, esticando seus galhos e folhagens sedentos de luz do

Sol, bem como em animais, crianças e adoradores do mesmo radiante Pai e Mãe do nosso mundo, e que amam todas as criaturas como eles mesmos. Não é o nosso argumento, embora reconheçamos plenamente a sua oportunidade.

A grande razão — a única razão — pela qual defendemos não só a preservação das poucas florestas existentes, mas o replantio gradual das anteriores, (agora reduzidos, alguns deles, a poucas árvores) — é a beleza das árvores — a beleza da vida no vegetal

A maioria das pessoas admite que as árvores são lindas; e muitos, emocionados com a idéia daquela intrincada organização interna que toda a vida representa, estão prontos para maravilhar-se com elas como obras de arte incomparáveis com qualquer coisa que o homem possa produzir em pedra, som ou mesmo pensamento, e para citar as palavras bem conhecidas de Joyce Kilmer:

> Poemas são feitos por tolos como eu,
> Mas só Deus pode fazer uma árvore!

No entanto, eles realmente não sentem pena das adoráveis criaturas inocentes, cujo única propósito, como o de todas as criaturas, incluindo o homem, é viver ao máximo na verdade de sua vida e ser bonito; das adoráveis criaturas inocentes cuja única alegria é beber da umidade perfumada da terra com todo o poder das suas raízes sensíveis, para absorver os raios do Sol através de todas as suas folhas, e para crescer – crescer em força, crescer em graça, em uma exuberância de formatos e formas, bem como numa harmonia de sensações elementares; expressar, a sua plena capacidade, a alegre presença neles de uma Alma universal. Eles voluntariamente considerariam como a obra incomparável de um Artista supremo, mas não apreender neles uma parte integrante da vida daquele Artista. O herdado hábito de considerar o mundo como a criação arbitrária de um Deus pessoal e Deus, distinto dele, matou neles (oeste da Índia, pelo menos) o sentido da divindade da Vida como tal.

Lembramo-nos do exemplo de alguns Hindus que ofereceram um banquete de leite, frutas e bolos ao espírito vital dentro de uma árvore antes de colocar o machado no tronco imponente. Antigos gregos ou antigos romanos, antigos alemães ou britânicos, que acreditavam, as árvores de suas florestas eram habitadas por dríades e deuses silvestres, possivelmente teriam feito o mesmo em circunstâncias semelhantes. Se o corte da árvore era inevitável, talvez fosse a única coisa que lhes restava fazer, para mostrar quão relutantemente eles estavam cedendo a uma necessidade terrível. Isto

foi certamente menos bárbaro do que simplesmente derrubar a árvore, sem remorso ou arrependimento, como se não tivesse beleza nem alma. Mostrou uma melhor noção do valor das plantas como tais (independentemente da sua utilidade para o homem), um melhor conhecimento da unidade de toda a vida que a maioria possui, a oeste da Índia, nos últimos quinhentos anos (e também na Índia, em geral, nos dias atuais).

Gostaríamos que todos, mas especialmente as mais consistentemente racionais pessoas, sentissem cada vez mais toda a beleza e sacralidade da vida nas árvores, trepadeiras e arbustos – em todas as plantas – como nos animais. Essas pessoas talvez não tentassem apaziguar o espírito forçado fora de sua residência silvestre antes de ordenar ou permitir o corte de uma árvore. Mas eles certamente pensariam duas vezes antes de decidir, em seu coração e consciência, que a derrubada daquela árvore tem que ocorrer e "não pode ser evitada" de qualquer maneira. Eles considerariam a ação como um mal em si e a considerariam muito seriamente.

Derrubar árvores já é bastante ruim; queimar florestas é ainda pior, pois implica a imposição da morte mais horrível, não apenas nas próprias árvores, mas também sobre a vegetação rasteira luxuriante e sobre os números de pássaros e animais apanhados nas chamas. Apenas tente imaginar quantos pássaros jovens são queimados vivos em seus ninhos quando uma floresta é incendiada; como muitos insetos morrem e quantos répteis torcem seus corpos em uma cruel agonia; quantos veados e lobos, raposas e gatos selvagens, - ou leopardos e panteras, se estiverem nos trópicos - correm de um lado para outro, enlouquecidos de medo, rodeados de chamas, sem saber para onde correr, até serem queimados até a morte. Mas deixando os animais de lado, pense nas samambaias e nas flores e trepadeiras, os arbustos que cresciam tão alegremente uma hora antes à sombra das árvores altas. Pense nas próprias árvores, sua seiva fervente borbulhando por mil divisões horríveis; suas folhas - aquelas folhas que beberam do sol com deleite sensual, - murchando na contorção da morte enquanto os troncos queimam como tochas vivas, eretas e desesperadas, incapazes até de tentar fugir. Homens que podem atear fogo a uma floresta, ou ordenar que outros o façam, merecem a morte na estaca.

Sabemos a resposta. "Por mais horrível que seja, isso tem que ser feito, especialmente nos trópicos. Não há como liberar espaço de outra forma. E é necessário espaço para construir estradas e ferrovias; para conquistar novos terrenos para cultivo e assentamentos humanos. Ou, em outros casos, é preciso derrubar árvores e queimar elas, por um processo diferente, para fazer carvão; é preciso cortá-las para baixo para fazer pasta para papel. Pois sem estradas e ferrovias, a civilização não progrediria, as trocas parariam -

coisas que eu não poderia vender barato onde quer que sejam necessários; novos campos são necessários para alimentar as pessoas; sem um suprimento extra de carvão, os ônibus não podiam circular em tempos de guerra, quando todo o combustível é necessário para aviões; e sem papel, ou com muito pouco papel, dificilmente qualquer livro poderia ser publicado. Conhecemos esse argumento. É aplicado a crimes contra a vida vegetal, o mesmo velho argumento egoísta apresentado como justificativa a tortura e o abate de animais, por aqueles que acreditam que “qualquer coisa” pode ser feita quando convém ao interesse da espécie humana. Isto nos choca tanto quanto o raciocínio de um homem que defende a destruição em massa de mais ou menos extensas porções da humanidade estrangeira em horrível agonia pela conveniência de seu próprio país, guilda ou família. Caso os homens fossem as vítimas, a maioria das pessoas exclamaria: “Preferimos ficar sem nossa conveniência do que comprar por esse custo! No caso de toda a vida e beleza que uma floresta contém, exclamamos: “É melhor não ter estradas nem ferrovias; sem novos campos; nenhum ônibus circulando quando não se consegue obter o combustível necessário; e é melhor ter quase nenhum papel para novos livros, em vez de comprar qualquer uma dessas vantagens ao custo de uma floresta em chamas, mesmo de uma floresta derrubada – de belas árvores deitadas mortas onde ainda poderiam estar vivas, aproveitando a luz e calor do Sol!”

O mundo não seria mais infeliz se restassem alguns lugares extras sem estradas ou ferrovias; se mais algumas coisas importadas permanecessem caras, mesmo inalcançáveis; se mais algumas pessoas viajassem a pé ou renunciassem viajando completamente por falta de ônibus em horários anormais. E quanto aos livros, muitos livros medíocres e decididamente ruins foram publicados desde a invenção da imprensa. Muitos não valem o papel em que estão impressos. Alguns – extremamente poucos – valem o sacrifício de uma única árvore para pasta de papel. Uma pequena desaceleração na produção de papel faria mais bem do que mal. Talvez — pelo menos poderia — tornar-se uma oportunidade de acabar com a prostituição generalizada da caneta; para refazer a arte de escrever o que nunca deveria ter deixado de ser: uma tentativa desinteressada de expressar lindamente algum aspecto fortemente sentido da verdade eterna; uma missão, não é uma profissão. Talvez eliminasse os muitos escritores comerciais, os leitores ociosos e uma enorme quantidade de lixo. E papel feito de trapos seria suficiente para publicar tudo o que é verdadeiramente belo ou verdadeiramente instrutivo.

Por outro lado, se o homem pudesse recusar de todo o coração as vantagens que ele poderia obter com a destruição das florestas em vez de aceitá-las, sabendo muito bem quais crimes contra a vida e a beleza elas

envolvem, então ele começaria a se transformar em uma criatura um pouco diferente de uma pessoa inteligente e egoísta; ele experimentaria o desenvolvimento de uma natureza mais sutil dentro de si; ele ganharia o direito de se autodenominar "superior" ao resto dos vivos. Mas ele algum dia fará isso? Será que mesmo as raças humanas superiores o farão em uma ampla escala ?

* * *

Entre as formas mais chocantes do que poderíamos chamar de crueldade contra as plantas na assunção da vida comum, como não podemos deixar de fazer, no mundo vegetal, a existência de alguma consciência turva - deveríamos conter todas aquelas tentativas de forçar certas árvores a se transformarem em todos os tipos de formas não naturais para a satisfação do gosto humano perverso. Árvores (em particular certas árvores frutíferas) torturadas em formações semelhantes a leques ou em forma quadrada, formas triangulares, cônicas, cilíndricas, oblongas e outras formas geométricas, e aparadas regularmente para que um galho não se estique mais que o outro e "estragar" a linha; sebes cortadas continuamente para manter o topo e os lados perfeitamente planos e para que pareçam paredes vivas; grama cortada e recortada para deixar os gramados "arrumados" – tudo isso nos parece horrível. Feio, por um lado; qualquer coisa distorcida é feia – e além disso, cruel na medida em que as árvores de um "jardim holandês", os arbustos de um jardim muito "arrumado", as sebes e a relva dos relvados "arrumados" estão vivas e sensíveis a própria maneira, e que seu crescimento natural e saudável é prejudicado, assim como uma criança seria, se fosse forçada por algum dispositivo mecânico a ficar aleijado. Essas práticas parecem-nos ainda mais repulsivas porque o seu único motivo reside numa fantasia humana por "curiosidades" vivas, um gosto por monstros e aberrações da natureza, que não é particularmente nobre, ou tem mania de "arrumação", torna-se desagradável quando tenros, brotos e galhos vivos que tinham seu lugar em um lugar maior e mais generosamente ordenado, e a grama e as flores ansiosas por crescer são impiedosamente sacrificadas para isso.

Pessoalmente, até nos absteríamos de despojar as plantas das sua lindas flores, guardadas em ocasiões muito especiais ou para propósitos verdadeiramente exaltados – para o culto dAquele que os fez crescer, por

exemplo, ou para o embelezamento dos santuários dedicados às grandes almas do mundo. E nós desaprovamos inteiramente o costume de sacrificar uma planta inteira apenas para decorar a entrada de uma casa num dia festivo, ou para servir de base a um arco de folhas verdes e flores sob o qual passará uma procissão. Bananeiras, na Índia, são frequentemente utilizadas para esse tipo de uso. É uma pena, sem dúvida. E os Hindus não fariam isso se estivessem mais próximos do espírito de suas grandes religiões centradas na vida.

* * *

Resumindo, não rejeitamos — não podemos — toda idéia de exploração de plantas tão categoricamente quanto fazemos com os animais. Uma atitude intransigente, possível neste último caso, não levaria a nada neste caso. Podemos viver sem comer carne; não podemos viver sem comer algum tipo de vegetal; sem nem crescer, para a nossa alimentação básica e para a de milhares de animais, certas plantas, como arroz, trigo e grama.

Mas uma vez que isto seja reconhecido como um fato inevitável, acreditamos firmemente que a exploração das plantas poderia ser reduzida a um mínimo dificilmente credível para a maioria das pessoas no estado atual das coisas. Em particular, acreditamos que a queima e a derrubada de florestas, seja qual for a finalidade, poderiam ser totalmente parada, e que o manto frondoso destruído do nosso planeta poderia sistematicamente ser substituído e permitido florescer para sempre, se ao menos a humanidade fosse governada por uma elite que compartilha sinceramente – abertamente – uma atitude generosa, credo centrado na vida. Estamos convencidos de que muito sofrimento e feiura desnecessários poderiam ser evitados, no que diz respeito ao tratamento diário de plantas e animais, se os homens fossem ensinados a sentirem, desde o início, que as plantas - e animais — têm direitos, pois formam, junto conosco, parte da natureza viva; se eles apenas fossem ensinados a sentir que não foram feitos para nós, mas para eles mesmos, como todas as criaturas são – por si mesmas, como coisas belas, expressando o glória da Vida universal - e que somente nós, se formos uma “espécie mestre”, termos deveres, e nada além de deveres, para com eles e o resto dos viventes. Se as crianças fossem criadas apenas com esse espírito, o indivíduo que dá a ordem de incendiar uma floresta se tornaria objeto de horror para todos. E em vez de ter as árvores ao longo das avenidas

mutiladas para que seus ramos vivos não pudessem interferir nos fios do bonde, os municípios veriam que os fios do bonde fossem colocados de forma a não atrapalhar os belos galhos das árvores, cheios de seiva e cheios de vida.

Capítulo X
Bondade Ativa

Como observamos no início deste livro, há em geral muito pouca bondade positiva para com os animais, mesmo num país como a Índia, onde pode-se dizer que oitenta por cento das pessoas professam – exteriormente, pelo menos – religiões centradas na vida, e estão, durante longos séculos, familiarizado com a idéia da unidade de toda a vida.

A condição dos animais sem dono, especialmente dos cães e gatos, é muitas vezes terrível. Nós os vimos - magros, miseráveis, criaturas famintas, com costelas salientes, coxos ou doentes na maioria das vezes, e quase sempre assustados ao ver um ser humano caminhando em sua direção; não ousando ficar ao alcance do amigo de duas pernas que lhes oferece alguma comida, ou deseja acariciá-los, pois os bípedes, eles sabem, são traiçoeiros: apenas brandam paus e atiram pedras; eles são demônios hostis a serem temidos. Nós os vimos - e amaldiçoamos a hipocrisia dos homens que pode tolerar a existência de tal angústia enquanto adora o Grande Deus cujo nome – Pasupati – significa "O Senhor das Bestas", e tomando orgulho de sermos compatriotas do Buda.

Devemos admitir que, na Terra abençoada que conseguiu manter viva até hoje a tradição de tantas religiões, todas proclamando a unidade da Vida, a maioria das pessoas adultas não são agressivamente cruéis com os animais; Eles só "não interferem" nos casos de crueldade positiva com os quais possam testemunham e, na vida cotidiana, são simplesmente indiferentes. Eles não vão matar um animal, certamente não – nem mesmo um inseto ou uma pulga, a maioria deles; nem comer carne, claro; nem cometem, nem apoiam, a maioria dos crimes que os crentes em credos centrados no homem acham tão "naturais". *Ahimsa* – "não lesão", inofensiva - é a palavra consagrada que volta, repetidamente, como um leitmotiv (motivo condutor), nos lábios dos Hindus, Jainistas, Budistas, etc., exaltando a excelência de seus respectivos credos diante de estranhos ou entre si mesmos, como se quisessem convencer o mundo (e a si mesmos) de que são os herdeiros da mais perfeita de todas as civilizações. "Inocuidade" – não agressividade para com todos os seres vivos – eles dizem "é a religião suprema, o dever dos deveres." E eles interpretam isso literalmente – não em seu espírito. Matar uma criatura viva ? Nunca. Eles não fariam isso. Acertou ? Nem mesmo isso. Mas nunca, não importa o que uma criatura sofra nas mãos de outras

pessoas, menos esclarecidas, desde que o orgulhoso “ahimshavadi” (o crente na inocuidade) não seja ele mesmo o autor da travessura ! Não importa, também, o que pode sofrer por pura negligência, por falta de simpatia ativa, desde que ele não faça nenhum dano positivo a ele, nenhum “ferimento”! Certa vez, vimos um respeitável crente na “inofensividade” passar diante de um grupo de meninos de rua ocupados tentando derrubar um ninho de pássaro de uma árvore e não disse nada. Perguntamos a ele - depois de repreender os jovens patifes e forçando-os a se dispersar - por que ele não disse nada. "Oh!" ele respondeu: “eles são filhos dos mais baixos dos mais baixos; eles não conhecem nada melhor." É provável que não o tenham feito. Mas isso nunca ocorreu ao cavalheiro para ensiná-los melhor, ou - se ele estivesse *a priori* convencido de que eles eram inapreensíveis - pelo menos para evitar que eles, naquele momento, prejudicasem os pássaros. “Não era da conta dele”.

Vimos homens e mulheres ricos, defensores do ideal de “inofensividade”, passarem por cães famintos deitados à sua porta – ou à porta do hotel onde desfrutaram de uma boa refeição - e nem sequer pensaram em pedir a um servo que desse algo para comer às pobres criaturas; nem sequer pediu a ele que desse os restos da comida em vez de jogá-los no lata de lixo entre as cinzas, da qual nenhum animal poderia retirá-las fora; nunca protestaram ao ver pessoas chutando os cachorros ou perseguindo-os. Vimos chefes de família abastados, que acreditam na “inofensividade”, afugentar gatos famintos da cozinha em vez de pedir a um criado para lhes servir alguma comida, se necessário, ao ar livre. Enquanto eles na verdade não batem nas criaturas, mas apenas fazem com que permanecessem com fome quando eles poderiam ter agido de outra forma, estava tudo bem, pensaram; e sua consciência não os censurou com crueldade. A consciência do homem é o que educação, hábito e sensibilidade individual fazem. E onde no indivíduo falta sensibilidade - como é o caso da maioria das pessoas em todos os lugares onde - uma educação defeituosa nunca é reconhecida como tendo sido defeituosa, e hábitos de insensibilidade nunca são considerados ruins.

No entanto, como observamos em capítulos anteriores, houve momentos quando a bondade positiva para com os animais (e não apenas a abstenção de ferir eles) foi amplamente pregada e tornada um dever por lei em toda a Índia; quando hospitais e lares para animais doentes ou idosos eram mantidos ali pelo governo, e quando as pessoas foram motivadas pelo exemplo do próprio rei governante, na verdade, para ajudar qualquer criatura viva. Essas leis e instituições, todo esse estado de coisas, foram o resultado da iniciativa de muitos poucos homens individuais que por acaso estavam vividamente conscientes dos deveres do homem para com todos os seres

sencientes, e possuir poder absoluto - como o Rei Asoka - ou uma enorme influência sobre aqueles que estão no poder - como aqueles santos mendicantes de antigamente que uma vez levaram a mensagem de amor do Buda por toda parte da Ásia e foram ouvidos com reverência nas cortes dos reis. Eles nemsempre parecem como o resultado de um interesse espontâneo generalizado pelos animais por parte de uma nação inteira. E embora não neguemos isso, ainda hoje, o povo comum e humilde da Índia muitas vezes mostra um pouco menos de insensibilidade para com animais do que as pessoas chamadas educadas, ainda não encontramos qualquer nação que tenha espontaneamente, como é natural, na antiguidade ou na modernidade, cumprir a lei do amor ativo pregada, em relação a todas as criaturas, pelos maiores videntes do mundo. A Índia Antiga, mesmo depois do Budismo ter deixado o seu carimbo, não foi exceção; caso contrário, que necessidade teria Harshavardhana (século VII d.C.) ser tão drástico em sua punição de crueldade para com animais ? O Antigo Egito, com toda a atenção que o seu povo dedicava aos assuntos dos animais sagrados de vários tipos também não eram exceção; caso contrário, caçar e o consumo de carne teria desaparecido ali, desde os tempos mais remotos. *Ativo* - e imparcial - a bondade para com tudo o que vive nunca foi encarada como um dever, mas por poucos , e nunca praticada, mesmo em países Hindus ou Budistas, exceto quando aplicado ou particularmente encorajado por uma elite dominante.

* * *

E quanto aos países que professam credos centrados no homem ? Na maior parte para eles – em quase todos – a forma como os animais são tratados é revoltante; quanto menos se falar sobre isso, melhor. Recordaremos apenas a vívida e muito precisa descrição de Norman Douglas do massacre de cordeiros na Grécia na época da Páscoa; recordaremos a maneira cruel como esses e outros animais foram mortos em matadouros públicos, em mercados ou nos fundos de açougues em qualquer lugar do Próximo Oriente ou em países Mediterrânicos; recordaremos as atrocidades diariamente cometidas na França para a satisfação da gula do homem: o recheio de aves “de Bresse”, ou daqueles gansos das regiões extremamente superdesenvolvidas com os quais se prepara o “foie gras” - para não falar dos

horrores da vivissecção em todos os laboratórios da Europa e da América (exceto um ou dois Estados onde se tornou ilegal).

Mesmo levando em consideração as poucas leis excelentes aprovadas nos últimos anos na Alemanha e na Inglaterra para a prevenção da crueldade contra os animais, o Ocidente como um todo não tem absolutamente nada de que se orgulhar em comparação com a Índia ou qualquer país de tradição Hindu ou Budista. E o Norte da África - Tunísia, Argélia, Marrocos — é uma das poucas regiões do mundo (do antigo hemisfério, pelo menos) em que a crueldade desenfreada demonstrada no assassinato de gado, e a brutalidade habitual do homem com animais de carga, especialmente com burros, aqueles testemunhados na Europa Mediterrânica ou na Índia.

No entanto, juntamente com a condição aparentemente saudável dos cavalos que ele conhece nas ruas, há uma coisa que não pode deixar de impressionar favoravelmente um amante de animais em sua chegada à Inglaterra ou Alemanha, e esse é o cuidado especial geralmente administrado nesses países a cães e gatos. Nunca esquecerei a visão que me saudou em uma noite fria de novembro de 1945, quando saí de Victoria Station em Londres, vinda da Índia: uma magnífica imagem semelhante a uma pantera, amarelo-fogo com listras castanhas, gordo e brilhante, cauda ereta; um animal acostumado a ser amado, que não tinha medo dos seres humanos, mas veio em uma vez quando o chamei. Eu o peguei em meus braços. Como ele era pesado! Eu pensei nas dezenas e dezenas de gatos miseráveis e famintos que eu costumava alimentar na Índia; das centenas e milhares que permaneceram fora do meu alcance: de todas as criaturas, em todo o mundo, que nascem, vivem e morrem sem conhecer uma carícia humana. E lágrimas caíram dos meus olhos enquanto eu acariciava a criatura macia, grossa, real e peluda que ronronava e em resposta ao meu tocar. E - embora eu tivesse, por motivos ideológicos, lutado ativamente contra ela durante a guerra - eu abençoei a Inglaterra do fundo do meu coração, “Quaisquer que sejam os seus governantes – ou aqueles que se sentam e ‘puxam os cordelinhos’ na retaguarda destes - o seu povo, de origem esmagadoramente nórdica, é completamente bom”, pensei.

No dia seguinte vi outros gatos, todos em boas condições, todos amigáveis, todos assumindo como certo que um ser humano não poderia lhes causar nenhum mal. Eu vi lindos cachorros bem alimentados com suas donas no metrô e nos ônibus. As senhoras não eram vistas como criaturas “estranhas”, nem os cães como incômodo, pelos demais passageiros, pois eles teriam ocorrido em muitas partes do mundo. Pelo contrário; mais de uma vez uma criança estende a mãozinha para acariciar um focinho sedoso, com dois grandes olhos inteligentes e amorosos. E a mãe, longe de mostrar sinais

de raiva, diria, falando do cachorro: “Olha! ele é uma beleza! Ele se parece com o nosso pobre Top.” E às vezes ela começava a falar sobre membros de sua própria família. Eles são amáveis; eles morrem com dezesseis ou dezessete anos, ou sobre cães e gatos em geral. Sentia-se que, aqui, os animais de estimação são apenas como membros de sua própria família. Eles são amados; eles são cuidados; eles têm seu lugar ao lado da lareira. E saber que essas pessoas tinham sofrido, que tinham acabado de sair de uma grande guerra durante a qual sua resistência havia sido testada até o limite, e que eles ainda estavam estritamente racionados, e percebemos ainda mais as possibilidades do amor verdadeiro que se escondem neles. Quantas vezes não pensamos: “Se estes Ingleses e as mulheres tivessem o privilégio de serem criados nos ensinamentos do Buda, ou do Pitagórico – ou na há muito esquecida Religião do Disco – em vez de no Cristianismo centrado no homem, eles provavelmente teriam sido as melhores pessoas do mundo.” Sem dúvida teríamos pensado o mesmo em relação aos Alemães, e da maioria dos Europeus do Norte, entre os quais a gentileza para com os animais de estimação é um fato inegável.

Contudo, como se vive mais tempo nestes países onde não existem animais visivelmente maltratados (salvar as vítimas da “investigação científica” e os veados e raposas caçados) e onde cães e gatos têm um lugar na casa, conhecemos mais sobre eles e os admiramos menos - mesmo quando vindo do miserável Oriente. Aprende-se o verdadeiro valor daquelas demonstrações de carinho pelo “pobre Top”; entende-se o que é uma quantidade incrível de egoísmo por trás de metade do cuidado que a maioria dos proprietários de gatos e cães esbanjam com seus animais de estimação. As fraquezas intransponíveis da civilização centrada no homem e dirigida pelo homem são visíveis em toda parte sob a aparência agradável de vida animal aconchegante e confortável, passada em almofadas, e na lareira. E são ainda mais chocantes porque os arredores são mais arrumados, se não mais suntuosos, e porque as pessoas são mais abastadas e que, externamente, valorizam mais seus animais de estimação e os animais em geral.

Logo fica-se com a impressão de que, nos únicos países do mundo onde são bem alimentados e tratados com carinho, os animais de estimação são mantidos para o prazer de seus proprietários, não pelo bem de suas próprias vidas, reconhecidos como belos e, portanto, considerados preciosos em si mesmos. Isso é a conveniência do dono do animal – e às vezes dos vizinhos dos proprietários; sempre, pelo menos, dos seres humanos - isso decide o destino do animal, gato ou cachorro. Quando o “pobre e velho Top” ficou doente (como é apenas natural que ele deveria, um dia), e quando é muito

caro, ou muito cansativo para cuidar dele, ele é simplesmente encaminhado ao “veterinário” e “colocado para dormir”. "Indolor," dizem seus mestres. Pode ser. No entanto, a vida é doce, mesmo para um cão velho e doente, como é para um velho doente. Top ainda estava cheio de carinho; ele ainda costumava abanar o rabo para seu senhor ou para algum dos filhos quando por sua cama; ele ainda estaria feliz em aquecer seus ossos velhos por mais um ano ou dois à beira da lareira no inverno e ao sol durante os dias mais claros. Mas a sua presença já não era uma fonte de alegria aos seus donos. *Eles não o amavam como ele os amava*.

Eles amavam apenas a si mesmos, como a maioria dos seres humanos. O Top também estava velho para eles brincarem, embora não velho demais para sentir a doçura da luz do dia. Ele também estava ficando “sujo” e precisava de cuidados – como provavelmente farão seus mestres, quando envelhecerem. E os seus senhores não estavam preparados para suportar tal incômodo com seu amigo de quatro patas; então Top foi “colocado para dormir” - isso é, morto da forma mais humana possível. Ele foi egoisticamente sacrificado às conveniências humanas.

Em outra casa, a gata tinha acabado de ter três gatinhos – três pequeninas criaturas cegas, nem mais nem menos conscientes de estarem vivas do que qualquer mamífero recém-nascido, incluindo bebês humanos; mas três pequenas criaturas que transformaram-se em coisas deliciosas, fofas, brincalhonas e sensíveis, bolas de pêlo, correndo atrás um do outro e pegando o rabo um do outro, ou rolando de costas e chutando com as quatro patas um pedaço de papel amassado. Eles cresceram nisso, e depois em gatos adultos, desfrutando de comida, amor e aventura; olhando para o Sol com seus olhos esmeralda sonhadores; no inverno, confortavelmente enrolados em almofadas e edredons – gatos, com toda a graça e experiência que esta palavra significa. E a mãe deles, a gata doméstica, era tão feliz por tê-los! Para ela, significavam realização, alegria, sucesso de um grande propósito além dela. Ela ronronou e enquanto os lambia, quase tão logo que nasceram, seus três pequenos tesouros, seus gatinhos. Como ela teria adorado alimentá-los e criá-los! Mas não. Ela não tinha permissão para fazer isso. Seus donos não podiam suatentar “tantos gatos pela casa”. Então os pequenos gatinhos que ela havia deixado dormindo em sua cesta, totalmente confiante de que encontraria eles lá novamente após a refeição, foram levados e afogados. E a pobre mãe gata vagueia pela casa em busca deles. Ela os chama, com um grito especial: “Miau! Miau!" como se dissesse: “Onde estão vocês, meus pequeninos?” Eles devem estar em algum lugar, ela imagina. Eles não podem ter ido embora; eles também eram jovens. E os seres humanos que vivem na casa - aquelas criaturas gentis que alimentam a

mãe gata e a acariciam e a levam no colo - não podem tê-los levado embora. Por que deveriam? A infeliz besta olha para os assassinos de seus bebês com uma confiança inquiridora e diz: “Miau!” - que é dizer: “Você sabe onde eles estão ? Você pode me ajudar a encontrá-los ? Pobre mãe gata ! Seus lindos olhos verdes não expressam horror nem ódio, nada além de angústia. Pois ela não sabe o que aconteceu. Ela não sabe que criaturas traiçoeiras são essas, aqueles bípedes que alimentam ela e a acariciam. E gradualmente, com o passar dos dias, sua dor parece diminuir. Ela não mia mais. Ela parece ter se esquecido dos gatinhos perdidos... até que ela dá à luz a mais, no devido tempo; e a mesma velha tragédia começa novamente.

Em quantas famílias ocorrem regularmente tais tragédias, sem que ninguém perceba a crueldade delas ? E se alguém apontar isso para elas, as pessoas “gentis” apenas comentam que “não podem ter dezenas de gatos sobre a casa”, especialmente quando a comida é tão cara e tão escassa quanto agora; elas dificilmente podem dar-se ao luxo de alimentar adequadamente os seus filhos !

Outros “amantes dos animais” recusam-se deliberadamente a aceitar uma gata, por medo de que o problema de seus gatinhos surja mais cedo ou mais tarde. Eles odeiam a ideia de afogá-los ou ‘cloroformá-los’; e eles sabem que não são capazes de encontrar casas adequadas para eles. Então eles só aceitam um gato macho como animal de estimação. Isso parece bastante razoável. Mas os gatos são altamente sexuados; eles entram “em temporada” com bastante frequência e de forma bastante violenta; eles miam de uma maneira particular, e muito alta, naquela hora, e incomoda os vizinhos. Eles pulverizam aqui e ali - contra as paredes, contra os móveis - e isso perturba os seus proprietários, especialmente quando estes consideram a posse de caras almofadas, carpetes e assim por diante, como essenciais para sua felicidade. Então o que será feito ? Vá sem um gato e coloque comida ao ar livre para os gatos vadios que possam vir comê-la ? Não. Isso poderia ser feito, é claro; mas não é esse o tipo que as pessoas fazem no Ocidente da Europa. Eles têm um gato, mas o castram, isto é, impedem-no no seu desenvolvimento natural; eles o privam, para o resto da vida, do único meio que possui, como animal, de se colocar de vez em quando em sintonia com a Realidade cósmica – tudo para sua própria conveniência; para os vizinhos não reclamar; para o sofá na sala de estar não ser estragado. Eles podem estar o tempo todo acariciando o pêlo brilhante do animal de estimação; eles poderiam colocar uma fita de seda azul em volta do pescoço e alimentar ele com enlatado de salmão com creme e permitir que ele durma em sua própria cama. Ainda, diríamos que eles realmente não o amam. Eles têm o prazer de mantê-los como um ornamento e como brinquedo. Mas eles não têm noção

dos seus direitos como ser vivo. Eles realmente não amam nada além de si mesmos, as criaturas egoístas.

O mesmo pode ser observado com todos aqueles que mantêm pássaros em gaiolas; de todos aqueles que têm cachorros e os mantêm metade do tempo na coleira ou os calam em algum quintal com quase nenhum exercício; de todos aqueles que colocam suas próprias conveniências antes do interesse real e natural de seus animais de estimação. Basta olhar entre amigos e conhecidos no Ocidente da Europa para ver que proporção terrível de pessoas, fingindo amar os animais, caem nessa categoria. Não dizemos nada sobre o tipo totalmente repulsivo de “amantes de animais” que têm seus animais de estimação “colocados para dormir” simplesmente porque estão indo embora da cidade – ou saindo de casa – e acham “inconveniente” levá-los com eles.

* * *

Há mais a dizer. Recordamos as práticas generalizadas do Ocidente em que está envolvida a crueldade contra os animais, os crimes legais cometidos todos os dias e em quase todos os países, em nome da alimentação, do vestuário, diversão, saúde e pesquisa científica. O que nos parece totalmente chocante no Ocidente é precisamente a coexistência de tais instituições criminosas lado a lado com um certo interesse geral por cães e gatos como animais de estimação; o fato que, por exemplo, tantos homens e mulheres Ingleses iriam muito além da sua maneira de deixar Puppy e Pussy felizes ao lado da lareira, enquanto tão poucos estão realmente prontos para iniciar uma agitação tão enérgica e completa contra vivissecção, como antes defendiam o sufrágio feminino ou outras tais reformas. O que nos deixa doentes é ver que três quartos desses proprietários dos animais de estimação nunca parecem ter pensado nos horrores diários implícitos na exploração de animais em geral. Muitos deles são comedores de carne, sem o menor sentimento de culpa; muitos deles ocasionalmente vão caçar ou encontram entre seus amigos pessoas que por acaso se entregam a esse esporte; outros podem ser vistos. no inverno, vestindo peles de animais - incluindo “astracã” e “caracul” – nas costas. Sabemos até, na França, de uma mulher que costumava apresentar vivissecções e que, ao mesmo tempo, dizia estar extravagantemente apegada a um gato de estimação.

A atitude do proprietário médio de animais de estimação em relação aos animais em geral, mesmo na Europa Ocidental (deveríamos dizer, especialmente nos países da Europa Ocidental, onde os animais de estimação recebem mais cuidados) aparece como nada menos do que hipocrisia condenável, para qualquer amante consistente dos animais, inocente dos crimes diários em que todos os carnívoros têm a sua parte, e inspirados por um credo centrado na vida. Isso o choca, ou ele, tanto quanto as ocasionais “filantropia” dos canibais chocaria um homem inspirado pelos padrões de moralidade do Cristianismo. Parece-lhe ridículo e lamentável – e abominavelmente egoísta. O fato de ter animais de estimação e de alimentação específica só prova que certas pessoas gostam da presença de certos animais (gatos e cães, muitas vezes de raças especificamente bonitas) em sua vizinhança imediata. Isso não prova de forma alguma que essas pessoas cumpram o seu dever em relação às criaturas vivas como um todo; isso nunca prova que eles amam aqueles animais de estimação que eles têm com amor verdadeiro e desinteressado pelos próprios animais.

Em outras palavras, quando se examina de perto as suas instituições e sua mentalidade, o Ocidente da Europa (e da América) com os seus cavalos bem alimentados, gatos e cães, dificilmente é melhor que o resto do mundo. É, no máximo, não exatamente tão ruim como um todo – e da veracidade desta afirmação não podemos ter certeza. A única coisa que pode, senão servir de desculpa para o mundo não-Hindu - para não haver desculpa - pelo menos tornar os seus crimes menos graves, em comparação com a indiferença criminosa de tantos Indianos ao sofrimento animal, é o fato de que a Índia teve os ensinamentos centrados na vida de seus maiores filhos para guiá-la, e deveria saber melhor, enquanto a Europa pobre evoluiu lentamente no sentimento de bondade para com os animais, apesar da longa tradição de matar a consciência do Cristianismo centrado no homem. Deveríamos, de fato, felicitar o Ocidente pelo pouco progresso realizado recentemente contra tais probabilidades; deveríamos felicitar os poucos que, especialmente em certos países ocidentais, como a Inglaterra, e no Norte da Europa em geral, estão conscientes de que temos deveres para com todas as criaturas sencientes; poderíamos, acima de tudo, felicitar a elite governante heróica da Alemanha e agora perseguida pela pressão que colocou, ao longo de seus doze anos de poder, ao direito dos animais e das árvores; pelo seu admirável “código relativo à caça” - mais uma proteção dos animais selvagens que a um “caçador”; — pela severidade com que puniu qualquer crueldade contra os

animais, Incluindo porcos[31] e, por último, mas não menos importante, pela sua posição ousada contra a experimentação em feras vivas.

Gostaríamos, sem dúvida, de ver os cães e os gatos da Ásia, da Europa Mediterrânica, e de todo o mundo, em tão boas condições como aquele majestoso felino que conhecemos em novembro de 1945, quando chegamos a Londres. Mas nós não gostaríamos menos de ver, na própria Inglaterra e em outros países, orgulhar-se em serem "bons com os animais", nenhum gatinho ou cachorrinho tirado de suas mães e "destruídos", nenhum gato emasculado, nenhum cavalo baleado (ou vendido para os matadouros) quando estão demasiado velhos para trabalhar - e, claro, nenhum animal criado para a indústria da carne, a indústria de peles e assim por diante, ou utilizados para experimentação científica. E isso também não é suficiente. Isso é apenas "inofensividade". O que queremos é a inocuidade aliada a uma atitude positiva e bondade ativa, não apenas para com cães e gatos, cavalos e vacas, mas para com todos os seres vivos; aos que são úteis ao homem e aos que não o são, com imparcialidade; bondade positiva e ativa, refletida no comportamento de cada homem individual em relação aos animais, e nas instituições nacionais de cada país - nas diversas civilizações do mundo.

Gostaríamos de ver as mães, em todos os lares humanos, ensinando suas crianças a colocar uma porção do seu pão, do seu arroz e do seu leite (ou de qualquer outra substância comestível que possam compartilhar) para os gatos sem dono e cães da localidade; gostaríamos de ver as mulheres colocarem suas cascas de batatas, folhas de couve e outros restos da cozinha para os velhos cavalos, burros, vacas, etc., mantidas pelos homens até que tenham uma morte feliz e natural, em vez de serem mortos ou deixado para morrer de fome; gostaríamos de ver todos os proprietários de restaurantes em todo o mundo pôr pelos restos de seus clientes com o mesmo propósito de alimentar criaturas vivas - coloque-as ordenadamente: os restos de pão e sopa em um recipiente, o arroz e o leite no outro, para que os animais de diferentes espécies possam escolher o que gostam. Quantos pobres cães e gatos famintos, vacas e burros, poderiam viver e prosperar, se todos os hotéis ou donos de restaurantes providenciassem para que sua equipe apenas preparasse para eles a enorme quantidade de comida agora jogada fora descuidadamente, dia após dia ? Nós vimos na Índia - na própria Bengala faminta, durante a época da grande fome de 1943, muito comentada no exterior - que desperdício criminoso ocorrido nos hotéis e restaurantes, por

[31] Conhecemos o caso de uma pessoa que passou três anos e meio num campo de concentração Alemão por ter matado um porco "de maneira cruel" na mesma época (1943) - mas sob um regime totalmente diferente - um açougueiro de Calcutá (chamado Mahavir Kahar) foi condenado a um mês de prisão apenas por esfolar cabras vivas (para vender as peles – mais facilmente esticadas – por alguns annas extras.

pura falta de gentileza positiva (fora a falta de cuidado com outras criaturas além deles mesmos) nos corações dos homens: porções inteiras de arroz bem cozido, batatas, pratos de vegetais (pratos de carne e peixe nos restaurantes não-vegetarianos) jogados impiedosamente na lata de lixo, em pilhas de cinzas e lixo fedorento, quando era tão fácil dar-lhes para algumas criaturas famintas, homens ou feras, ou ambos.

E não está apenas nos hábitos diários das pessoas em todo o mundo, é também nas suas instituições oficiais, nas suas leis e regulamentos, que a bondade para com todas as coisas vivas deve encontrar a sua expressão.

Muitas vezes ouvimos Cristãos vangloriando-se do fato de que o espírito filantrópico da sua religião ainda influencia todo o mundo civilizado, na medida em que, apesar de criarem ceticismo religioso, os pensadores de todo o mundo hoje mostram cada vez mais interesse no bem-estar humano, e que as instituições mundiais refletem as preocupações sociais de seus pensadores. Mas as pessoas que sentem e pensam sinceramente como nós, tendo transcendido de uma vez por todas os credos egoístas centrados no mero amor da humanidade, são os arautos de um mundo muito melhor. A sociedade ideal nos moldes Cristãos, ou de acordo com o espírito de qualquer credo centrado no homem, religioso ou não-religioso (para não mencionar qualquer tentativa desajeitada de seu estabelecimento) não nos atrai mais do que faria, aos Cristãos, ou aos humanitários de qualquer denominação, uma feroz sociedade de mentalidade falsamente nacional, na qual nenhum homem, exceto aqueles de uma posição definida de um grupo étnico, gozariam dos menores direitos, mesmo como hóspedes temporários. Nós queremos uma sociedade em que não apenas os matadouros e os laboratórios de vivissecção sejam lembrados com horror e repulsa geral - e as civilizações que os toleram sejam desprezadas como civilizações inferiores - masque sejam lares confortáveis para diferentes animais sem dono tão comuns e pareçam tão naturais e necessários quanto orfanatos e lares que as pessoas idosas fazem agora, num mundo que não pode imaginar nada mais elevado do que Ética Cristã. Queremos uma sociedade em que a consciência pública seja verdadeiramente centrada na vida, não centrada no homem; em que não haveria preferência por seres humanos em tempos de escassez de alimentos mais do que há agora - ou do que deveria haver - para homens de qualquer raça ou país. Tal preferência nos choca como a marca de uma mentalidade definitivamente mesquinha; como a expressão de padrões morais totalmente inferiores aos nossos - os padrões dos selvagens, em comparação com os nossos. Se for, em certos casos, aparecer, deveria aparecer primeiro entre os seres humanos, em favor das melhores raças, e no meio de todas as raças, em favor da sua elite natural.

O pouco que é feito agora contra este estado de coisas é feito através de iniciativa puramente individual, sob os ditames de um coração melhor que o das pessoas comuns. Um homem em cada vinte – em alguns países, um homem em cada mil - dará espontaneamente toda a sua ração de leite a um gato, e metade de sua ração de pão para um cachorro, embora ele mesmo precise deles. Por não mais de um em cada vinte – e geralmente muito menos – este estaria indignado com o fato de que, em tempos de emergência, quando os alimentos são racionados, os governos atribuem nenhum cartão de racionamento para qualquer criatura viva, exceto seres humanos. A maioria dos homens consideram esta injustiça apenas natural. Aos seus olhos, eles e os seus filhos devem vir primeiro; e se não houver comida suficiente para todos, são os animais que devem morrer primeiro - talvez até ser morto para que os seres humanos, incluindo os deficientes, os inúteis e até os perigosos, possam se alimentar de sua carne.

Nunca poderíamos ter qualquer respeito pelas civilizações baseadas em tal perspectiva mesquinha como esta. A doutrina da bondade ativa e universal, pregada por alguns dos maiores videntes da terra, não conhece distinções em questões de ajuda material, entre mamíferos bípedes e quadrúpedes, entre pássaros e peixes, homem e fera. Só podemos respeitar uma sociedade em que não só a dieta humana, vestuário, terapia, etc., são absolutamente inofensivos para criaturas sub humanas, mas em que, em tempos como os que o mundo atravessa, governos, agindo sob a pressão de uma consciência moral pública evoluída, incluiria todos os animais que dependem do homem nos seus esquemas de racionamento tão naturalmente como agora incluem neles todos os seres humanos, não, definitivamente dar-lhes, se forem saudáveis, prioridade sobre deficientes ou homens questionáveis.

Não apenas para ser “inofensivo”; não apenas para não explorar, para os fins humanos, qualquer animal, e até mesmo o mundo vegetal, tanto quanto possível, mas para estender nosso amor ativo por tudo o que vive; fazer o nosso melhor, mesmo às nossas próprias custas, para que cada criatura individual, pássaro ou animal, poderia continuar a desfrutar da visão do sol, na saúde e na beleza – esta é a nossa ética. Árido, como dissemos já antes, não há metafísica por trás deles. Nós não precisamos de teorias sobre o incognoscível para amar o belo e viver coisas que enfeitam este planeta: feras e pássaros, insetos, répteis e peixes; árvores e trepadeiras. No máximo, se alguma palavra eterna, sempre ecoando em nosso coração, expressar melhor do que poderíamos aquela alegre comunhão de todas as criaturas na emoção comum da Vida da qual estamos tão vividamente conscientes, estes são os inspirados versos do Hino ao Sol de Akhnaton:

O gado anda de um lado para o outro; criaturas que voam e insetos de todas espécies ganham vida quando Tu surges sobre elas. Os pássaros voam e giram, batendo suas asas em louvor à Tua Essência. . . Os peixes saltam das profundezas e saúdam Tua ascensão. . . Ó Disco do dia, grande em majestade !

Capítulo XI
Raça, Economia e Bondade.
O Mundo Ideal

Tudo o que acabamos de escrever parecerá pouco prático para um grande número de leitores. E nós próprios não podemos deixar de admitir que, exceto por uma parte de poucas pessoas, excepcionalmente conscientes da unidade sagrada de toda a vida (e também excepcionalmente motivadas pela natureza a amar os animais e até as árvores como se fossem seus amigos e parentes) o ensinamento do amor universal que tentamos colocar no futuro é um pouco difícil de cumprir, nas atuais condições da sociedade.

Noventa por cento dos homens (e mulheres) são preguiçosos e covardes, e por pura apatia moral e intelectual, eles se comportam exatamente conforme as circunstâncias sugerir. Eles seguem o caminho aparentemente mais fácil, ou seja, o caminho comum, caminho há muito trilhado. E o caminho comum e há muito trilhado é sugerido, se não determinado, principalmente pela raça à qual a esmagadora maioria da população pertence, a uma determinada terra e... por fatores econômicos.

Isto é óbvio na diferença que não podemos deixar de notar entre a forma como os animais (e as árvores) são tratados na Alemanha, Inglaterra, Escandinávia e em todo o Norte da Europa, onde toda a população é praticamente nórdica e a maneira como são manuseados nos países do mesmo continente em que o sangue ariano é menos puro; não, em que elementos não-Arianos são predominantes. Tão óbvio que se poderia dizer com ousadia, falando claro, em geral: "Onde termina a humanidade nórdica, a crueldade contra os animais (e começa a insensibilidade em relação à natureza viva como um todo). Esta é também a razão por que – ou uma das razões pelas quais – as *massas* da Índia são tão indiferentes ao sofrimento das criaturas vivas, apesar da belas religiões centradas na vida (herdadas dos mestres Arianos) que professam: são eles próprios não-Arianos de sangue em uma proporção muito alta.

Mas, juntamente com a raça, o padrão de vida deve ser levado em consideração. Miséria generalizada – e, o que é mais, não temporária, mas miséria permanente – gera insensibilidade. Poucas pessoas, mesmo entre as chamadas maiores, tiveram coragem suficiente para aguentar toda a vida, dia após dia, contra as sugestões da pressão econômica — tornar-se mais pobre

ainda, embora já seja pobre, generosamente, por causa de um desejo mais elevado; ser coração aberto e mão aberta, nobre no tratamento das criaturas, enquanto eles próprios famintos e desprezados. Conhecemos uma pessoa assim na Índia, uma humilde mulher, vivendo em ambientes miseráveis e aleijada, que implorava por comida, e ainda assim quem não poderia testemunhar a angústia de um animal sem fazer algo para aliviá-lo. Ela ainda pegava e alimentava os pobres gatinhos indesejados que outros seres humanos jogaram na rua; uma vez ela adotou um cachorrinho que ela encontrou, meio morto, debaixo de um monte de lixo; e na hora que conhecemos ela, ela conseguiu alimentar uns vinte ou vinte e cinco gatos famintos e vários cães vadios da localidade[32]. Mas pessoas como ela são raras entre os mais raros. Em geral, um dos fatores mais fortes que atuam contra o crescimento de uma sociedade essencialmente gentil com os animais é a pobreza humana. Não se pode distanciar-se desse fato.

Fomos obrigados a reconhecer que a religião que as pessoas professam externamente tem muito menos influência sobre seu comportamento em relação aos animais na vida cotidiana do que alguém estaria logicamente inclinado a pensar; pois as pessoas são tudo menos lógica. Vimos como a crueldade para com os animais dificilmente é menos desenfreada em países Hindus e Budistas (que deveriam saber melhor) do que na Itália, Espanha ou Norte de África, onde as crianças são criadas na atmosfera de religiões fortemente centradas no homem. Acabamos de ver como alguém pode explicar isso por motivos raciais, mas poderíamos ter, também, aproximadamente dividido o mundo em países onde o padrão de vida é geralmente elevado — o Norte e o Oeste da Europa; os Estados do Norte dos Estados Unidos da América – e países onde é geralmente baixo; e poderíamos afirmar, com poucas chances de estar enganados, que nos primeiros, animais são, no seu conjunto, menos maltratados do que no segundo. (Suficientemente curioso - graças a certas qualidades morais inerentes ao sangue do seu povo - os países que têm uma população definitivamente Ariana têm precisamente os “maiores padrões”.

Não que não ocorram crueldades nas terras onde o padrão médio de viver é o mais elevado; terríveis experimentos de laboratório em criaturas vivas são realizados na América (onde apenas alguns estados sancionaram a abolição da vivissecção), assim como em outros lugares Ingleses - alguns deles pelo menos - ocasionalmente vão caçar e encorajam os horrores da indústria da pele vestindo casacos de pele. Mas o que pode ser dito com segurança, ao que parece, é que a crueldade deliberada para com os animais e

[32] Acontece que a mulher é muçulmana. O nome dela é Zobeida Khatun. Ela morava em 97B, Taltala Lane, Calcutá, na época em que a conhecemos.

especialmente a indiferença aos seus sofrimentos – insensibilidade generalizada - são muito menos galopantes, em regra, em países onde o padrão de vida humana é mais elevado do que naqueles onde é baixo. Embora as preocupações e desconfortos da pobreza - e até mesmo a visão diária de favelas e mendigos, e de meninos de rua sujos e mal alimentados - endurecem o coração do homem comum a todo sofrimento, exceto, no máximo, ao de sua própria espécie (quando eles não o fecham completamente para todos, exceto para seu miserável problema pessoal). Pobreza, dizemos, e a visão diária da pobreza. É um fato a ser considerado, por mais chocante que possa ser para pessoas que estão fortemente conscientes do valor de toda a vida, tal como nós próprios somos.

O morador de gueto Indiano (e Europeu) dá pouca atenção aos cavalos magros e sedentos, burro ou búfalo cansado, arrastando sua carroça por ruas secundárias sob a ameaça de uma vara dura. Ele também dá pouca atenção ao cães e gatos famintos, buscando um escasso sustento nos montes de lixo; do gatinho, ainda vivo, que alguém jogou na sarjeta ou na lata de lixo três dias antes; dos filhotes, em agonia entre os restos sangrentos de seu ninho esmagado, onde meia dúzia de malandros humanos, armados de pedras, gritando e batendo os pés com alegria diabólica, acabei de derrubar da grande árvore perto da bomba d'água. Ele dá pouca atenção à vaca, ao cabrito ou ao porco, gritando nos fundos do quintal de uma loja enquanto estava sendo morto. Imagens e sons familiares; ocorrências cotidianas, talvez ruins em si mesmas, mas muito comum para despertar sua indignação. Ele não tem tempo para dar-lhes um pensamento crítico, mesmo que seu cérebro ainda estivesse vivo o suficiente para produzir um. Basta ele — diz ele — pensar em sua própria miséria; do trabalho que ele acabou de perder ou está ameaçado de perder; de seus filhos doentes; de seu próprio corpo miserável.

Mas o Indiano rico, mesmo instruído - especialmente aquele que tem absorvido, junto com seu conhecimento de inglês, uma perspectiva definitivamente centrada no homem, apesar de seu Hinduísmo tradicional - e o Europeu abastado em países onde a pobreza prevalece (Espanha, Itália, Balcãs, etc.) não mostram mais simpatia pelos animais, e não mais indignação com o contato dessas mesmas coisas ou de coisas semelhantes. Eles reagem exatamente da mesma forma que os moradores das favelas. E se alguém aponta para eles a terrível miséria dos animais - os cães e gatos parecidos com esqueletos, vagando em busca de comida à sua porta - eles simplesmente respondem: “Há miséria humana suficiente para pensar, sem que nos preocupemos com gatos e cães também. Há muitas crianças famintas que deveriam ser alimentadas primeiro."

Sempre aquela mesma e repugnante velha distinção entre homem e animal; aquela parcialidade bárbara em favor do mamífero bípede - o ser "razoável", feito "à semelhança de Deus"; tão espontâneo egoísmo coletivo do homem comum, lisonjeado, encorajado, inflamado, apresentado pelas religiões generalizadas centradas no homem e pelos credos sociais nascidos de sua influência; exaltado à condição de sinal de verdade objetiva; justificado por tecidos inteiros de retumbantes doutrinas teológicas, sofismas morais e pseudocientíficos !

Pode ser – e é, aos nossos olhos – uma coisa odiosa. Mas é uma coisa que deve-se levar em conta, por causa de sua influência sobre o pequeno e insignificante homem que constitui a maioria da humanidade; devido ao seu apelo à consciência pública, que não é critério de verdade – longe disso! - mas uma condição de sucesso, uma garantia de poder.

E, se mantivermos os olhos abertos, não podemos deixar de reconhecer que, seja no Oriente ou no Ocidente, onde quer que o padrão de vida médio seja particularmente baixo, que o egoísmo humano coletivo profundamente enraizado é particularmente forte – mesmo entre os ricos e instruídos; às vezes especialmente entre eles – e as chances de uma política geral centrada na vida, por parte das classes dominantes, são particularmente poucas. O que não significa dizer que as classes dominantes sempre tratarão a maioria miserável com bondade evangélica. Geralmente, eles não farão tal coisa... Mas eles vão continuar deliberadamente descartando todas as questões de bem-estar animal com a desculpa fácil de que "os seres humanos devem ser servidos primeiro".

* * *

Não é apenas o homem médio (rico ou pobre, com qualificações acadêmicas ou não) que permite que a sua atitude em relação aos animais seja influenciada, se não inteiramente determinada, pelo padrão geral da vida humana no país em que adquiriu sua experiência decisiva. O exemplo dos profetas e videntes, e dos fundadores de grandes religiões, parece, via de regra, mais confirmar do que refutar aquela relação, que tentamos apontar, entre a economia humana, por um lado, e a atitude das pessoas em relação às criaturas sub humanas, por outro. Parece que a maioria dos criadores de credos centrados no homem definitivamente nasceram e foram criados em países onde o padrão de vida humana era particularmente baixo em sua

época - onde a miséria humana, a sujeira e as doenças eram uma visão cotidiana. Embora, em geral, sempre que importantes questões religiosas ou morais inovadoras enfatizavam inequivocamente, como base de seu ensino, a unidade sagrada e o valor de toda a vida - onde quer que seu ensinamento possa ser dito, em pelo menos, para implicar esse senso de unidade e de valor - o padrão de vida humana, na época e no entorno imediato dos videntes, era relativamente alto.

É um fato que a formação material de Cristo ou do Profeta Muhammad — as ruas miseráveis das aldeias Palestinas, onde leprosos e mendigos, crianças maltrapilhas e cães famintos eram uma visão comum, ou as paradas ao longo das estradas de caravanas da Arábia, onde uma atmosfera não menos deprimente da pobreza selvagem sem dúvida prevaleceu - era muito diferente daquela do Buda ou de Mahavira, ambos príncipes Indianos[33]; muito diferente, também, daquela dos sábios que viviam nas florestas da Índia antiga, livres do contato diário com sujeira e doenças; ou daquele de Akhnaton, o monarca mais rico de seu tempo, cujo luxo resplandecente surpreendeu até o rei da Babilônia[34].

Poderíamos acreditar que o Príncipe Siddhartha – o futuro Buda – ficou tão perturbado ao encontrar o velho, o doente e o cadáver, precisamente porque, durante toda a primeira parte da sua vida, ele esteve sistematicamente mantido fora de contato com as realidades mais sombrias que aquelas resumidas. Poder-se-ia acreditar, também, que o seu coração, totalmente inconsciente da crueldade sob qualquer forma, foi precisamente por conta de tal ignorância como completamente movido de pena ao ver o rebanho sendo conduzido ao sacrifício como naquele da miséria humana. E o amor de toda a natureza viva, cuja alegria na vida e na saúde e no Sol ele entendia tão bem - cujo louvor ao Sol ele assimila sem hesitação, em seus hinos, à sua própria adoração por Ele - foi também, em Akhnaton, o amor de um coração que os contatos pessoais diários com a brutalidade e a miséria não haviam endurecido.

Enquanto era um rapaz criado numa carpintaria, entre o povo — diríamos hoje entre as “massas” – do Oriente Próximo Semita, na amizade e companhia diária dos camponeses e artesãos e pescadores da Galiléia (povo honesto, mas miserável, que poderia ter boas qualidades, mas que nada sabiam além de sua amarga luta pela existência, e que tinham certamente não mais tempo para gentileza com burros e cães do que seus descendentes

[33] Deve-se notar também que, como membros da casta Kshattriya, esses Fundadores da as religiões centradas na vida eram arianas; e que o rei Akhnaton era meio ariano. (Veja nosso livro O Relâmpago e o Sol, Editar. 1958, Parte III).

[34] “Na tua terra, o ouro é tão comum quanto o pó...” (Carta de Burraburiash II, Rei da Babilônia, para Akhnaton: Cartas de Tell-el-Amarna).

tem atualmente); ou em um homem acostumado aos modos rudes dos nômades guerreiros, pastores e condutores de camelos, não é preciso ficar surpreso se não encontrarmos uma sensibilidade semelhante para com todo sofrimento, um amor semelhante para com todas as criaturas vivas; não é preciso apontar com muita indignação a ausência de quaisquer sinais de uma perspectiva centrada na vida - mesmo que o rapaz tenha se tornado um milagreiro e um profeta (e um Deus, na opinião de alguns), e o homem em um professor de milhões, e um profeta ainda maior (na opinião de outros). Deve-se, pelo contrário, seja quase grato a Jesus de Nazaré por ter comparado ele mesmo, numa parábola, ao "bom pastor" que deixa todo o seu rebanho procurar o cordeiro perdido que ele ama, embora ele não pareça ter se privado de carne de cordeiro na festa pascal. E alguém deveria ser grato ao Profeta do Islã pela bondade para com os gatos tão claramente atribuída a ele por tradição popular, embora os cães não sejam vistos com o mesmo favor por seus seguidores.

Mas pode ser que esta correspondência entre os padrões de vida de um país ou de uma classe, e a perspectiva dos seus maiores videntes sobre os animais e sobre a vida em geral, por mais impressionante que pareça na história, à primeira vista, é na realidade apenas uma coincidência. A tudo o que acabamos de escrever, pode-se objetar que um verdadeiro vidente - e "iniciado" - não pode deixar de incluir em seu amor todas as formas de vida, mesmo o mais humilde, qualquer que seja o seu entorno material; isso é muito "simbólico", "alegórico", em episódios dos evangelhos Cristãos como o história da figueira estéril, ou da pesca dos peixes ou dos suínos gadarenos; que não sabemos nada sobre o "verdadeiro" Cristo ou sobre o "real" Profeta da Arábia. Pode ser que sim. É difícil conhecer seres tão exaltados, salvo através do contato direto e místico com eles, caso em que tudo o que é alegórico em seus ensinamentos aparece em seu significado esotérico próprio, tão claro quanto a luz do dia. E raros são os leigos, como nós, que têm o privilégio de tal comunhão com mais de um dos grandes videntes em sua vida. Por isso pode ser que o "verdadeiro Cristo", a quem não sei, amou os peixes e os porcos e as árvores apesar das referências de cujo verdadeiro significado nos escapa, e também às ovelhas, apesar da sua participação no sacrifício pascal. Pode ser, também, que os versículos do Alcorão onde o consumo de carne é tolerado, são uma concessão a costumes profundamente enraizados por parte do legislador, e não uma marca de indiferença ao sofrimento animal por parte do Profeta.

Por outro lado, nós próprios gostaríamos de pensar - pela honra de nosso planeta - que o Buda e Mahavira, e os outros sábios Indianos sob uma perspectiva centrada na vida, e o real Profeta do Sol, jovem para sempre, que

cantou a alegria da vida e da adoração em toda carne, não teriam sido menos universalmente amorosos se tivessem nascidos e vivido nas condições materiais mais miseráveis, em vez de seus status privilegiados. Não podemos, de fato, imaginar que qualquer um dos grandes expositores dos ensinamentos centrados na vida tenha sido menos livre da pesada influência da miséria circundante - ou mesmo da miséria pessoal, se esse fosse o seu destino - do que um ou dois mendigos gentis a todas as criaturas que conhecemos numa terra pobre.

Mas uma coisa permanece certa: a *interpretação* da mensagem do verdadeiro professor depende – e depende bastante – do padrão de vida das pessoas entre as quais é pregada, *qualquer que seja o espírito original do professor.* Em particular, parece verdadeiro dizer que, por mais completamente centrado na vida que um ensinamento pode ser, a interpretação dele está fadada a ser centrada no homem até que ponto as pessoas a quem se dirige se encontram numa situação de condição materialmente miserável. Basta olhar e ver até que ponto as grandes religiões centradas na vida da Índia degeneraram nas mãos do Indianos cada vez mais miseráveis dos tempos modernos. Os próprios reavivadores da maioria de credos obviamente imparciais de misericórdia universal – Budismo e Jainismo – parecem esquecer que não são apenas Cristãos; o bem-estar desses homens deveriam não ser seus únicos objetivos. Os Jainistas parecem não ter qualquer preocupação, pelo homem, mas para as vacas. E mesmo assim, nos artigos de propaganda que publicam, os seus escritores insistem demais na "utilidade" desses animais, como se eles os defendessem principalmente no interesse da humanidade. A bem conhecida Sociedade Budista de Calcutá — o Mahaboddhi — durante os dias sombrios da fome de Bengala em 1943 deu início à distribuição gratuita de leite para bebês, como qualquer organização Cristã teria servido. Mas não tinha comida de graça para os inúmeros animais famintos também, no espírito dos antigos Budistas. A Missão Ramakrishna, Arya Samaj e outras sociedades, todas com o objetivo de competir com as missões Cristãs estrangeiras pelo respeito e apoio do povo Indiano, comportar-se, para todos os efeitos práticos, exatamente como os Cristãos: eles têm hospitais, dispensários, escolas e orfanatos, mas nenhum centro de bem-estar animal; os homens parecem estar em primeiro lugar, num país de miséria humana generalizada, aos olhos de pessoas tão medianamente "boas" como esses corpos são compostos - aos olhos de todas as pessoas, na verdade, exceto alguns poucos verdadeiramente inteligentes, sem preconceitos e imparcialmente amorosos.

* * *

Isto nos leva a dizer que, qualquer que seja o credo que as pessoas oficialmente professam, seu interesse prático no bem-estar de todos os seres é em grande parte dependente – no caso de todas as pessoas comuns, pelo menos – da situação geral padrão de vida humana no país onde aprenderam a sentir e a pensar. Inútil acrescentar que a possibilidade prática de fazer bem aos animais depende em grande parte do mesmo. Com toda a boa vontade, um morador de favela ou camponês Indiano, na situação atual, não pode fazer pelos famintos cães e gatos de sua localidade o que uma pessoa igualmente gentil e abastada poderia fazer facilmente. Existem limitações materiais que mesmo um verdadeiro amante dos animais experimenta, quando ele próprio está meio alimentado, doente e sobrecarregado. O mendigo excepcional que mencionamos no início deste capítulo não poderia fazer o que faz sem a ajuda financeira de uma ou duas pessoas mais privilegiadas, como ela, ao bem-estar animal.

Por outras palavras, existe uma relação muito estreita entre o bem-estar humano como um todo e o bem-estar daqueles animais que dependem do homem para a comida deles; uma relação muito estreita, certamente, entre o bem-estar humano como um todo e gentileza com animais de estimação – cães, gatos, cavalos, pôneis, etc. muitas vezes difícil o suficiente para ensinar bondade para com todos os animais, mesmo para aquelas pessoas que por acaso estão cheias de solicitude por seus animais de estimação. Parece ainda mais difícil, não apenas para induzir as pessoas a deixarem de comer carne, mas para fazer com que realizem seus deveres positivos para com todas as criaturas, quando nunca vivenciaram, em suas casas, o companheirismo de um animal domesticado — quando nunca conheceram o prazer de fazer um gato ronronar ou de ver um cachorro abanar o rabo na sua abordagem.

O que significa que a pregação da bondade ativa para com os animais, provavelmente, encontrará pouca resposta em qualquer parte do mundo, onde quer que o padrão geral de vida humana seja baixo. E mesmo nos países onde seja alto, é provável que se enfrente a indiferença, se não a oposição, de todos esses crentes na credos que sustentam que a existência da miséria humana, em qualquer lugar do mundo, é uma razão mais do que suficiente para adiar o início de qualquer ação de bem-estar em escala nacional ou internacional.

O que precisa ser feito? Adie toda conversa séria sobre bem-estar animal até que todos os seres humanos sejam “servidos primeiro” ? Espere até que não haja mais miséria humana em qualquer lugar, antes de promover qualquer esforço em larga escala para proporcionar uma vida feliz para cães e gatos, burros e búfalos, agora miseráveis ? Ou tente matar em muitos o espírito dos credos centrados no homem, apesar do fato remanescente da miséria da humanidade ? O primeiro destes dois cursos seria criminoso, o segundo utópico – praticamente impossível. Certamente devemos fazer o máximo para lutar contra os preconceitos do mundo atual, produto de uma tradição centrada no homem, há séculos de idade. Mas acreditamos que é preciso, ao mesmo tempo, contribuir para o alívio da miséria animal e humana e, especialmente, trabalhar para preparar o advento de um tipo de sociedade em que seria fácil para os homens viver em harmonia amorosa com os animais e até com as plantas.

* * *

A raiz de grande parte da miséria humana — e em particular de muitas guerras — parece residir no número cada vez maior de seres humanos no mundo. Quando um país que já tem mais habitantes do que pode confortavelmente acomodar, empregar e alimentar, continua produzindo cada vez mais bebês, e é obrigado a reivindicar “mais espaço vital” para si no devido tempo; em outro palavras, está fadado a atacar os seus vizinhos menos prolíficos ou menos bem equipados, ou para procurar colônias no exterior. A sua única terceira alternativa seria ver a seus milhões de famintos e descontentes; aceitar uma redução gradual do seu padrão médio de vida. Em todos os casos, a miséria humana é o resultado natural de ações imprudentes. Parece ser assim agora, pelo menos no estado atual do mundo.

O passo imediato a dar, portanto, em todo o mundo, para elevar o padrão de vida humana em todos os lugares e evitar guerras inúteis, seria, logicamente, parar a produção indiscriminada de bebês – parar de subornar pessoas para terem filhos, nos países com taxas de natalidade moderadas, a menos, é claro, que estes sejam de origem racial excepcionalmente boa, para encorajar que não tenham nenhum, ou muito poucos, em países já sobrecarregados por superpopulação, especialmente se estes também forem de origem racial inferior. Menos pessoas significaria “mais espaço vital” para

todos os homens. E a seleção racial significa uma humanidade mais bela e mais nobre.

Mas os nossos sonhadores humanitários não querem essa solução dos problemas econômicos mundiais. Imagine privar seres humanos, membros das espécies “superiores”, criaturas “razoáveis”, do prazer de ter tantas crianças como elas gostam! Que coisa horrível de se pensar! A solução deles é diferente. Há espaço suficiente para todos, dizem eles, desde que todos tenham permissão para usá-lo. Não pare ou desencoraje a produção de bebês, mas aumente e sistematize a produção — e também se necessário, o consumo – de riqueza. Organize a distribuição dos bens mundiais de modo que cada homem, mulher e criança viva confortavelmente com um número mínimo de horas de trabalho diário. A terra pode produzir muito mais do que o homem já produziu ou compeliu a isso. Há espaço e comida mais que suficiente. A única coisa é aproveitar ao máximo: aumentar a produção em proporção ao aumento da população – indefinidamente.

Continuar a aumentar a produção indefinidamente - o que isso significa, e onde isso leva ? No estado atual do mundo – com os problemas de divisão pouco saudáveis da humanidade em estados separados e não naturais, cada um protegendo sua própria indústria, impondo taxas elevadas sobre produtos estrangeiros; cada um se inclinando a “manter os preços” dos seus próprios produtos vendidos no exterior - significa desperdício em uma parte do globo e desejo na outra; significa uma competição acirrada entre países que lutam para conseguir os mesmos “mercados”. Termina em guerra. Mas – tal é, pelo menos, a opinião de muitos dos nossos amigos humanitários – num mundo “melhor”, em que tanto o capitalismo como as barreiras comerciais estanques, e também fronteiras artificiais, seriam coisas do passado, seria bastante diferente. Naquele paraíso mundial governado por todos os trabalhadores no interesse de tudo, em linhas socialistas, todo aumento particular na produção, não importa onde estiver, significaria uma melhoria correspondente da situação geral padrão de vida humana - não a competição, não a guerra. A população do mundo, é claro, continuaria a aumentar, talvez não na proporção em que faz agora na Índia e na China, mas ainda de forma suficientemente constante para um constante aumento na quantidade de alimentos e de bens manufaturados de todos os tipos (e, portanto, na superfície das terras cultiváveis e na produção de matérias-primas) necessários para que cada homem viva com relativo conforto.

Este sistema ideal não funcionaria durante anos, e talvez durante séculos - contanto que a população e a produção acompanhassem o ritmo uma da outra - significa desperdício por um lado e desejo por outro, e conflitos comerciais. Mas isso significaria algo, aos nossos olhos, muito pior.

Significaria a intensificação e cada vez mais sistemática exploração da natureza viva pelo homem, numa escala cada vez maior. Seria, quero dizer, com uma população comedora de carne - e os homens logo descobririam em seus números uma desculpa fácil para permanecermos comedores de carne por falta de meros alimentos vegetais, especialmente em certas regiões — uma intensificação da pecuária e uma extensão dos matadouros; um aumento da indústria de peles (os homens demasiado numerosos para que todos vivam em climas temperados, para onde poderiam ir sem usar peles); uma nova derrubada de florestas e desmatamento de selvas, a fim de utilizar cada centímetro de terra para garantir a alimentação do homem, e roupas de homem, e habitação de homem; também das indústrias do homem. As belas feras selvagens, especialmente aquelas que ousam ser devoradoras de homens, em breve desaparecerão. Os últimos exemplares de suas espécies exterminadas poderiam, no máximo, adornar os “zoológicos” para diversão do homem. O homem, tendo finalmente deixado de atacar sua própria espécie, atacaria toda a criação com uma eficiência sem precedentes. Ele faria do mundo um lugar seguro para sua própria espécie, muito menos custo da exploração implacável do resto dos seres vivos, tanto animais como plantas. Não foram todos “feitos para ele” pelo velho Jeová, o deus típico de todos os credos centrados no homem, que nossos humanitários de “pensamento livre” adoram, em coração, mais profundamente do que a maioria dos Cristãos ou Muçulmanos ? Ele viveria e prosperaria. Eles morreriam - se fossem prejudiciais ou inúteis para ele - ou então viveriam com o único propósito de serem utilizado por ele ao máximo; de ter sua carne, seu pelo, sua pele, seus filhotes ano após ano, seu leite (ou sua seiva, sua madeira, sua casca, o que quer que tenham) levado por ele. Lá seria um rei da terra: a humanidade; um escravo: natureza viva subjugada. Perspectivas mais odiosas!

Sabemos - pelo menos eles nos dizem - que chegará um momento em que um excesso de conforto levaria a população humana do globo a um estagnação e até mesmo uma diminuição gradual. Mas antes de chegar a esse novo equilíbrio pelo qual o mundo terá se tornado, por muito tempo, algo impossível de ser alcançado. Homens talvez finalmente diminuam em número. Mas as belas espécies de animais sacrificados uma após a outra para sua conveniência não poderiam ser trazidas à existência novamente. E os restantes escravizados provavelmente também estariam degradados a poder viverem em liberdade renovada. Somente as florestas, talvez — nos trópicos - recuperariam sua antiga amplitude e beleza, uma vez a humanidade gananciosq estivessr extinta – fora do caminho para sempre. Mas que abominável trilha de feiúra e de sofrimento, até então! Mil vezes melhores as antigas rivalidades internacionais; guerra, e novamente a guerra,

cada vez em maior escala; a bomba atômica - ou algum outro dispositivo semelhante de destruição – e o fim deles: homem, animal, planta e tudo; as “espécies mestras” do mundo e suas vítimas – de uma vez por todas, dentro de algumas breves décadas a partir de hoje!

* * *

Elevar o padrão de vida humana em todo o mundo através de um aumento de produção e toda uma remodelação da distribuição da riqueza, sem preocupar-se em reduzir ao mínimo o número de homens na terra, seria estar prestando pouco ou nenhum serviço à causa das criaturas vivas em geral.

No máximo, quando o homem como um todo estiver completamente livre do peso da pobreza humana, poder-se-ia esperar que ele desse um pouco mais de cuidado para animais de estimação; poder-se-ia esperar que, no mundo ideal de nossos amigos humanitários, cães e gatos seriam bem cuidados na Espanha e na Itália, Grécia e Índia, China e México, como são hoje na Inglaterra. Que certamente seria alguma coisa; mas quão pouco, comparado com a intensificada exploração mundial de animais para alimentação humana, vestuário, atividades “científicas” pesquisas e diversão; ou com a destruição impiedosa de ambas as florestas ou selvas e dos animais selvagens que nelas vivem! Quão pouco, comparado mesmo com a quantidade de sofrimento indiretamente infligido aos animais de estimação no nome da conveniência do homem em uma sociedade próspera dominada pelos princípios de um credo fortemente centrado no homem: a castração impiedosa de gatos, a destruição de ninhadas inteiras de gatinhos ou cachorrinhos indesejados, o “colocar para dormir” animais de estimação doentes, velhos ou simplesmente não mais queridos!

Nosso sonho não é ver todo o mundo se comportar em relação aos animais como a maioria das pessoas já fazem na Inglaterra atual. Gostaríamos que elas se comportassem muito melhor, e sob o impulso de uma perspectiva totalmente diferente sobre os animais. Até agora, a maioria daqueles que, por gentileza espontânea, cuidam bem de seus animais de estimação, e mesmo aqueles que protestam, às vezes com veemência, contra a crueldade contra animais em geral, fazem isso enquanto ainda se apegam à crença de que os animais são “feito para o homem”. Eles se apegam a isso sem sequer questionar-se, como a um hábito herdado de pensar e, portanto, considera a destruição de uma ninhada de gatinhos e o de

um bebê recém-nascido, o tiro em um cavalo velho e o atirar em um homem velho (igualmente impróprio para o trabalho) sob uma luz diferente. É essa mesma crença que deveria ser erradicada em todo o mundo, se um mundo melhor fosse para vir a existir. A idéia, ou melhor, a sensação, de que na beleza da vida, e não no interesse do homem, constitui a base e a medida de todos os valores morais, deveria substituir, na mente subconsciente de todos os homens, ou pelo menos de uma esmagadora maioria dos homens, aquele sentimento de mera solidariedade humana, não menos bárbaro do que as formas mais ultrapassadas de egoísmo tribal ou mesmo pessoal. Então, e somente então, o homem se tornará a culminação perfeita do mundo vivo em vez do seu rival, do seu tirano ou do seu torturador; a espécie verdadeiramente superior. Então e não antes.

Possivelmente – provavelmente – isso não poderá acontecer enquanto houver uma miséria humana. Isso também não pode acontecer se o problema da miséria humana for finalmente resolvido em um espírito centrado no homem. Repetimos: é melhor, muito melhor que o mundo deva correr para a sua destruição tal como está, em vez de evoluir para aquela horrível sociedade futura, eficientemente organizada para o bem-estar de toda a humanidade, mas só da humanidade, que tanto atrai alguns dos nossos contemporâneos!

Nosso mundo ideal, totalmente livre de todas as formas de exploração animal; nosso mundo, no qual o homem se sentiria moralmente compelido a ajudar todas as criaturas vivas e têm todo o poder para fazê-lo; em que os direitos a própria vida vegetal seriam reconhecidos e respeitados na medida do possível; nosso mundo, dizemos, parece fadado a permanecer um sonho enquanto o número de seres humanos não for reduzido ao mínimo – apenas alguns milhões; talvez algumas centenas de milhares na terra - e feitos para permanecerem estacionários, e enquanto a seção mais nobre da raça ariana - humanidade nórdica - não só não é dona do seu próprio destino, mas também não tem a decisão final a dizer em todas as questões de legislação - mesmo fora do seu âmbito real[35]. Só então seria fácil, aparentemente, para o homem aumentar a sua riqueza e conforto em um grau ainda inédito, *sem se*

---

[35] Caso contrário dificilmente haveria qualquer proteção para as criaturas, entre homens de condição inferior.

tornar rival ou explorador das outras espécies vivas. Só então a gentileza ativa e organizada para com animais assume, em todo o mundo, as amplas proporções que organizaram a filantropia tomou conta dos centros atuais da tradição Cristã - desde que os poucos homens desfrutem, juntamente com o seu bem-estar material, de uma Educação.

* * *

O Estado que nos parece o pano de fundo preliminar ideal para a verdadeira fraternidade entre homem e animal (e planta, na medida do possível) não é o regresso àquela "vida simples" e "trabalho saudável manual" tão veementemente defendido em certos círculos da nossa presente sociedade.

Não testemunhamos gentileza suficiente para com os animais entre os trabalhadores manuais que vivem uma vida relativamente "simples" para que fossem convencidos de que tal retorno seria de alguma utilidade para a nossa causa. Pelo contrário, nos é difícil visualizar uma sociedade não mecanizada, sem qualquer forma de exploração de quaisquer animais, especialmente se for uma sociedade em que os animais ainda são os escravos do homem não muito antes. Se não houver caminhões, nem máquinas agrícolas, nada, então os homens logo começariam a usar cavalos e bois mais para puxar suas carroças e arar seus campos - pois seus campos devem ser, e também devem haver arranjos para transportar mercadorias de um lugar para outro.

Homens sem absolutamente nenhuma máquina logo aprenderiam a considerar o cavalo e o boi, o burro, o camelo e o búfalo tal como faziam antes, instrumentos tão úteis "feitos para trabalhar para eles". E, com esta perspectiva desagradável, toda a trilha de males que desejamos abolir voltaria a existir. Isso é melhor cortar na raiz.

Acreditamos que toda conversa precipitada contra as conquistas técnicas do homem em geral, e particularmente contra o uso de máquinas na vida diária, está fora de questão, colocar na boca de qualquer um que almeja sinceramente a libertação dos animais (e até mesmo das plantas, na medida do possível) do jugo da humanidade. A sociedade que chamamos de "ideal" seria altamente mecanizada e eletrificada, no qual o próprio homem teria que trabalhar apenas o mínimo possível; uma sociedade composta por algumas miríades, no máximo por algumas centenas de milhares de famílias com dois, um ou nenhum filho – ou melhor, com doze, no caso de pais e mães de

sangue puro, saudáveis e bonitos, esplêndidos exemplares de sua raça e, em todos os outros casos, sem nenhum ou pelo menos um - vivendo longe uns dos outros, exceto em um pequeno número de áreas industriais atraentes e confortáveis (fábricas de automóveis e aeronaves; estaleiros, minas, centrais eléctricas, etc.); famílias felizes, separadas e unidas por vastas extensões de floresta, por selvas ou estepes, ou simplesmente por áreas de terrenos baldios livres com estradas motorizadas passando por elas; uma pequena sociedade harmoniosamente evoluída, espalhada pela superfície desta terra gloriosa como raros nenúfares de cores diferentes sobre um pântano sem fim. Seria também - naturalmente – uma sociedade hierarquizada dirigida por princípios racialistas. De fato o número de homens não deve aumentar indefinidamente, regulamentos muito rigorosos devem manter os números baixos das raças inferiores, para que os Arianos – a raça dominante – não seja forçado a ter famílias cada vez maiores, apenas para sobreviverem. Pois sem sua sobrevivência, não poderia haver mundo ideal, no sentido em que o definimos.

Cerca de uma dúzia de fábricas seriam suficientes para abastecer o mundo inteiro com todas as coisas necessárias: alimentos, têxteis, máquinas - farinha, conservas de legumes, compotas e chocolates, tecidos de linho e algodão, lâmpadas elétricas e peças de motor. Homens que não têm nenhum apelo especial para qualquer arte de aprender teriam que operar as máquinas por cerca de uma hora por dia, em turnos. O resto do tempo desfrutariam do lazer. Aqueles que têm uma inclinação acentuada para qualquer tipo de artesanato ou arte, para música ou escrita, ou para qualquer tipo de trabalho sério e pesquisas inofensivas, seriam encorajados a contribuir, cada um em seu caminho, para a edificação do mundo. Teriam mais deveres, mas também gozariam de maior liberdade do que os outros: teriam salários mais elevados para produzir seus tecidos fiados e tecidos à mão, seus bordados, seus trabalhos de arte em latão, esculturas ou joias; eles receberiam transporte gratuito para ir e brincar, expor ou falar em público de um lugar para outro; e conceder a liberdade de impressão de seus escritos, se estes forem realmente obras de arte com um eterno significado.

O número de seres humanos na terra, depois de ter sido gradualmente reduzido a algumas dezenas de milhões, no máximo, seria mantido nesse nível à medida rigorosamente possível. Supomos que tal resultado dificilmente poderia ser atingível sem um treinamento sistemático do homem e da mulher médios na arte de evitar a concepção enquanto vive como a maioria das criaturas vive, e sem fornecer-lhes gratuitamente os meios técnicos para o fazer. Quanto às pessoas mais sensíveis e mais compreensivas, toda a sua educação seria naturalmente a levar a preferir

experimentar durante a vida raros períodos de gozo perfeito – realização gloriosa de todo o seu ser, em harmonia consigo mesmo e com o mundo; horas de apoteose (algumas, mas supremamente linda), depois de anos de preparação física e mental - em vez de ter as satisfações regulares e monótonas da maioria, com os necessários complementos de trapaça por medo de “complicações”.

Além disso, como as pessoas seriam poucas, a educação tornar-se-ia uma questão bastante diferente do que é agora. Não consistiria apenas em transmitir “informação” sobre vários assuntos para grupos de cinquenta ou mais crianças da mesma idade. Seria um treinamento individual na arte de pensar e da vida, dada por cada mestre reconhecido a muito poucos meninos e meninas, junto com com as informações necessárias sobre a história e a geografia do mundo, as propriedades da matéria e dos números, linhas e curvas, etc. de uma visão estética da vida e da vontade de viver de acordo com ela em tudo o que fazemos, seria o objetivo principal de tal educação. A própria atmosfera desse mundo que chamamos de “ideal”, a mentalidade geral de seu povo assim educado, seria compatível com a existência de famílias pequenas e confortáveis; para o livre desenvolvimento individual dos homens dentro dos limites da liberdade de outros homens e de animais (e até de plantas, na medida do possível), e de bondade ativa e organizada para com todas as criaturas vivas.

* * *

No nosso mundo ideal, a riqueza extra do homem, em vez de estar habituada a criar cada vez mais homens futuros em números extravagantes e aumentar indefinidamente a produção de bens úteis ao homem, seria empregada tanto por indivíduos privados e por governos para tornar o mundo um lugar mais feliz para todos os viventes: homens e animais.

Como dissemos em um capítulo anterior, é gradualmente que se terá que livrar-se do sistema de escravização dos animais ao homem no interesse do homem. Um teria que preparar a chegada do dia em que vacas e ovelhas, cabras e búfalos, cavalos, burros, camelos, renas, etc., viveriam mais uma vez em seu estado livre e selvagem, apenas ocasionalmente entrando em contato com o homem como seu amigos, nunca como seus servos. Casas para todos os tipos de escravos atualmente, entretanto, os animais teriam de ser criados e mantidos por entidades públicas com impostos (como já o são

os lares para crianças e idosos, na sociedade atual) até que as novas gerações de animais, lentamente reeducadas, estivessem novamente aptas a viver por conta própria, como faziam antes do alvorecer da dominação do homem. Nós sabemos que, então, vários deles seriam vítimas de animais carnívoros, especialmente em certas regiões do globo. Isso não pode ser ajudado, desde que a natureza é tal que algumas espécies animais não podem viver sem carne. É talvez também – e isso deve ser considerado de um ponto de vista prático – a única solução duradoura para o problema do aumento dos animais. Contanto que um não possa ensinar o controle de natalidade a animais selvagens ou de alguma forma interferir em sua taxa de reprodução, parece de fato ser a única solução. Quanto ao animais domésticos que vivem nos assentamentos humanos como amigos do homem – cães e gatos, e ocasionalmente animais maiores (agora feitos para trabalhar, depois completamente livres) tal cavalo ou vaca de estimação - seria necessário forçar alguma quantidade de controle sexual sobre eles, como sobre a própria espécie humana, se, com o tempo, não se deve testemunhar novamente o hábito de afogar ou abandonar gatinhos e cachorrinhos recém-nascidos, ou de castrar gatos, cavalos e touros. A melhor maneira seria, aparentemente, ter instituições públicas, ricamente mantidas por fundos governamentais, para as quais as pessoas seriam obrigadas por lei a trazer os seus cachorrinhos, gatinhos ou quaisquer outros animais jovens indesejados, depois que as mães terminassem de cuidar deles. Lá, os machos e as fêmeas teriam que ser mantidos separados uns dos outros, a menos que fosse possível operar sem dor e sem qualquer prejuízo ao seu bem-estar para as fêmeas (não para os machos), para que então possam conhecer as alegrias da vida sem o risco de dar à luz jovens, poderiam ser bem alimentados e bem cuidados enquanto vivessem.

Certamente este seria um arranjo muito imperfeito. Qualquer um que tenha observado uma mãe gata deitada com seus gatinhos e ronronando enquanto lhes dava leite, entende como seria uma pena privar um grande número de animais fêmeas do prazer de ter filhos, ou permitir-lhes isso apenas uma vez em sua vida. Mas, a menos que todos sejam gradualmente recolocados no seu estado selvagem natural, e deixados à própria sorte entre outros animais de todos os tipos nas grandes florestas do nosso mundo “ideal”, não há outra solução.

Outro ponto triste é o problema alimentar dos animais carnívoros de estimação, como gatos. Os cães poderiam, em grande parte, viver de arroz ou pão misturado com leite. Os gatos, sem qualquer carne ou peixe, não prosperam. O melhor certamente seria eles receberem arroz e leite ou pão e leite nos lares humanos e capturar ratos e camundongos ao ar livre. Mas será

que eles encontrariam ratos e camundongos suficientes para viver ? Não o fazem agora, em países como a Índia, onde são deixados para comer o que puderem, tendo na maioria das vezes nenhum proprietário para cuidar deles. E os gatos que crescessem nas casas públicas, nunca ultrapassariam os limites de um determinado recinto - amplo o suficiente para que tenham a impressão de liberdade, mas ainda assim um recinto cercado ? Eles teriam que ser alimentados. A única solução, aparentemente, seria dar-lhes não carne, mas peixe. Os peixes, como todas as criaturas, são sem dúvida felizes por viver. Mas o que deve ser feito? Como dizem os carnívoros, a lei do mundo animal é que uma espécie ataca a outra. Ninguém tem o direito de manter os animais dentro de um recinto limitado e forçar-lhes uma modo de vida incompatível. Somente o homem deveria elevar-se acima da lei do mundo animal, sempre que puder, sem prejudicar seu bem-estar físico, ou caso contrário, deixarão de reivindicar ser a espécie “superior”.

* * *

Para a imagem que acabamos de tentar esboçar – a imagem de uma sociedade organizada num espírito centrado na vida, muito melhor do que o atual, mas ainda assim muito longe da perfeição - sem dúvida preferiríamos um mundo em que todos os animais, incluindo cães e gatos, pudessem ser autorizados a procriar livremente, estamdo em posição de encontrar seu próprio alimento, e no qual eles viriam para a casa do homem como visitantes e amigos, sem depender dele para seu sustento. Preferiríamos de longe o mundo impossível em que o lobo e o cordeiro caminham juntos. Mas não está no poder do homem mudar a natureza e necessidades dos animais. Tudo o que ele pode fazer - se ele realmente for a espécie superior - é organizar o mundo, na medida em que dele depende, de tal maneira que todas as criaturas – homens, animais e plantas – possam desfrutar de vidas mais felizes na medida em que as espécies rivais lhes permitem viver. Tudo o que ele pode fazer é abster-se, para si mesmo, pessoalmente e como espécie, de se tornar rival ou inimigo de qualquer animal. Tudo o que ele pode fazer é ser gentil com todos, tanto individualmente e como promotor de instituições mantidas em prol do bem-estar dos animais; para escolher como membros dos governos humanos, apenas os homens que tenham uma perspectiva espontânea centrada na vida; homens que amam todos os seres vivos sem até mesmo ter qualquer religião oficial que lhes diga para fazer isso. Tudo o

que ele pode fazer é trazer à tona seus filhos no espírito de um ensino centrado na vida; acreditar-se naquela religião universal da Vida e do Sol, qualquer que seja a fé reconhecida de seus pais, e viver de acordo com isso com seriedade – em verdade. Mas isso já é suficiente para torná-lo mais do que um animal inteligente. Não, essa é a única maneira pela qual ele pode se tornar uma espécie viva superior verdadeiramente, não apenas mais inteligentes que os outros, mas também mais nobre e generoso.

No Popol-Vuh, o antigo livro sagrado dos Quiches da América Central, diz-se que os animais foram, desde o início, condenados à morte e comidos porque eram desprovidos de fala articulada e não podiam portanto, louvar aos Deuses[36].

Nos belos hinos de Akhnaton ao Sol – milênios mais antigos, mas muito mais modernos em inspiração do que as Escrituras Indígenas americanas - quadrúpedes, pássaros, insetos e peixes, e até plantas, todas as criaturas vivas são ditas para adorar e louvar, cada um à sua maneira, e com a máxima capacidade de sua espécie, a Uma e mesma Energia criativa, Essência do Sol, “Senhor e Origem do Vida, Pai e Mãe de todos os seres.”

A humanidade tem evoluído entre essas duas concepções de mundo e às duas diferentes escalas de valores que correspondem, cada uma, a cada um deles: o centrado no homem; o centrado na vida. Se alguém os julgar por suas ações na vida cotidiana, é preciso admitir que a maioria dos homens - ainda hoje, mesmo nos países que professam oficialmente religiões centradas na vida - ainda estão no nível moral das tribos que produziram o Popol-Vuh; nem um centímetro mais alto. Eles se orgulharão do discurso articulado – do “intelecto” – como a prerrogativa especial do homem e tentarão justificar os horrores de todas as formas de exploração de animais com base nessa “superioridade” humana.

Acreditamos que o homem ainda não é, como um todo, uma espécie realmente superior, mas apenas uma criatura que aplica seu intelecto maior aos mesmos fins egoístas que qualquer animal faria: para seu interesse pessoal e, no máximo, para o interesse de sua própria espécie. E estamos convencidos de que não é apenas o intelecto que pode testemunhar a qualquer verdadeira superioridade nele. O que pode e o que faz - seja até agora, apenas em alguns indivíduos - proclamar a verdadeira grandeza humana, é a simpatia a tudo o que vive; não é a mera admissão intelectual, mas o sentimento de unidade de toda a vida; o amor a todas as criaturas sencientes como irmãos do homem de vários formas; o sentimento de que alguém é culpado se não o ajuda a viver com saúde e alegria, como

[36] Popol-Vuh, tradução francesa de Brasseur de Bourbourg. Paris, Arthur Bertrand Editar, 1851, pp. 15 -17.

gostaríamos de ver viver os próprios filhos. O que pode apenas revelar no homem uma criatura superior é a sua capacidade de ascender do ser centrado no homem do ponto de vista do Popol-Vuh (e de outras Escrituras, mais famosas, mas em verdade não é melhor do que isso) à alegre sabedoria expressa na música - e na vida — por Aquele-que-viveu-na-Verdade[37]; sua capacidade de ver, em cada animal ou ave, um hino vivo ao Sol, e amá-lo porque é lindo. Estamos conscientes das dificuldades práticas que encontraríamos em organizar ainda uma sociedade humana muito mais limitada do que a atual em tais linhas e com um espírito como este.

Mas acreditamos que é melhor tentar superar essas dificuldades, se necessário para enfrentar uma luta amarga pelo bem-estar de todas as criaturas e para a purificação da humanidade de uma antiga vergonha, em vez de permanecer indiferente a todas as crueldades envolvidas no exploração de animais. Acreditamos que se deve pelo menos fazer o melhor para homens conscientes da quantidade de barbárie tolerada pela maioria das religiões em seu estado atual, e despertar nelas a vergonha disso. Alguém deveria fazer o possível para contar ao mundo moderno, ansiando por uma paz duradoura baseada em justiça internacional e pelo fim da exploração do homem pelo homem, sob qualquer forma, que o homem, como um todo, não merece tal justiça nem tal paz e nenhuma simpatia, desde que ele tolere a existência de matadouros, da indústria de peles com todas as atrocidades que isso implica, de experimentação científica em criaturas vivas, seja qual for a finalidade; como desde festas de caça, touradas, circos e exposições de animais enjaulados, ainda não são uma abominação para ele; contanto, também, que ele possa testemunhar ao longo da vida o trabalho duro da besta de carga sem um clamor coletivo de protesto. Foi isso que fizemos neste livro e durante toda a nossa vida

— Savitri Devi Mukherji

(Iniciado em Calcutá, em julho de 1945,
e finalizado em Lyon, França
em 29 de março de 1946.)

[37] Ankh-em-Maat — um dos títulos do Rei Akhenaton do Egito.